

O Êxtase de Gabriel

Sylvain Reynard

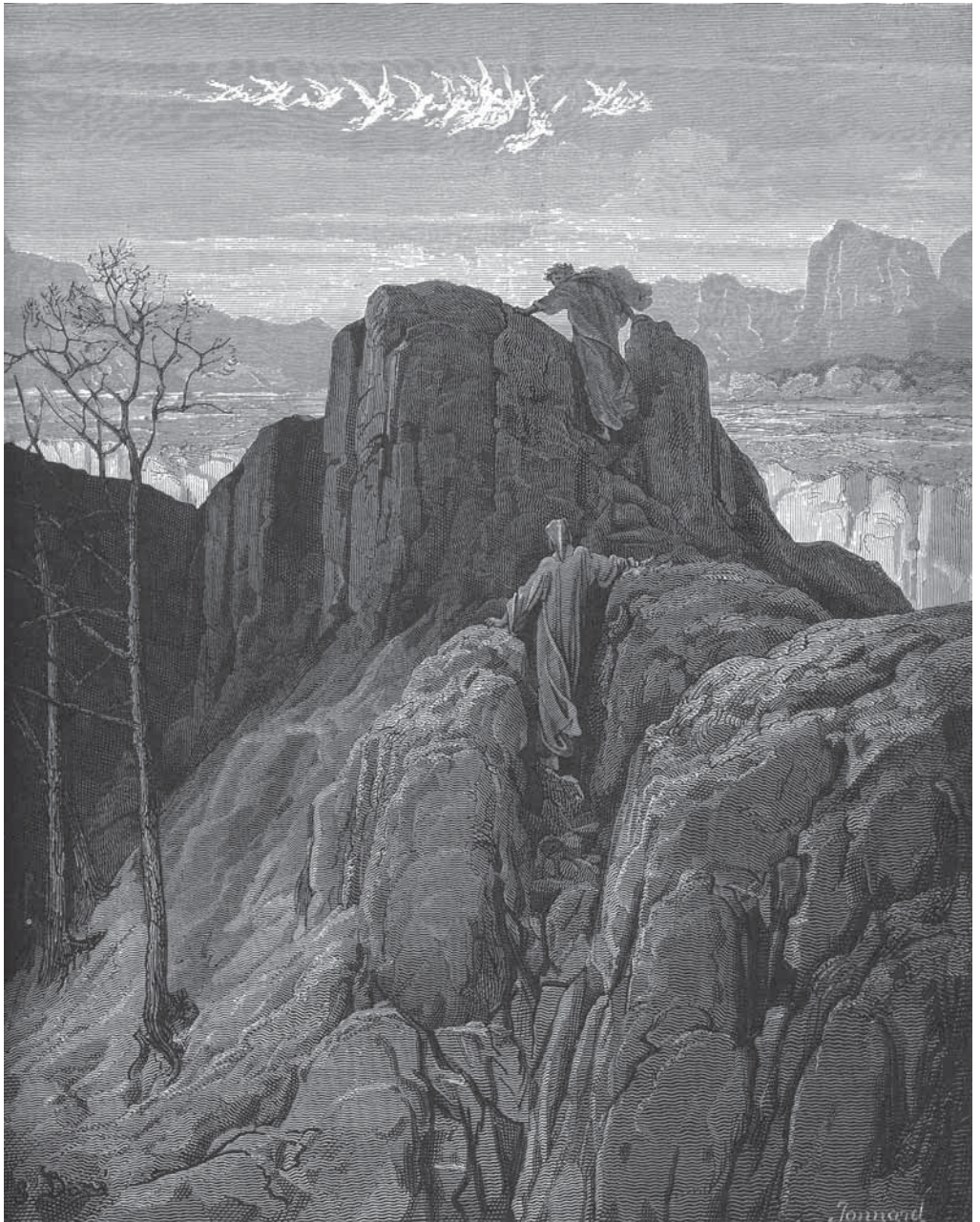
Tradução de Ester Cortegano e Patrícia Xavier

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

*Aos meus leitores,
com gratidão.*



*Dante seguindo Virgílio ao cimo da montanha.
Gravura de 1870 por Gustave Doré.*

*“E cantarei daquele segundo reino
onde o humano espírito se purga,
e de subir ao céu se torna digno.”*

— Dante Alighiere, *Purgatório*, Canto I.004-006

Prólogo

Florença, 1290

Com uma mão trémula, o poeta atirou o bilhete ao chão. Ficou sentado por alguns instantes, imóvel como uma estátua. Depois, cerrando os dentes, pôs-se de pé e correu pela casa em alvoroço, ignorando mesas e objetos frágeis, desdenhando os outros habitantes da sua casa.

Só desejava ver uma pessoa.

Caminhou a passo rápido pelas ruas da cidade, e quase começou a correr ao aproximar-se do rio. Deteve-se na extremidade da ponte, a ponte que era sua e dela, e os seus olhos rasos de água percorreram a margem adjacente do rio, procurando o mais ténue vestígio da sua amada.

Ela não se encontrava em parte alguma.

E não voltaria.

A sua amada Beatriz tinha desaparecido.

Capítulo Um

O professor Gabriel Emerson estava sentado na cama, nu, a ler *La Nazione*, o jornal florentino. Acordara cedo no *Palazzo Vecchio Penthouse* do Gallery Hotel Art e pedira que lhe servissem o pequeno-almoço no quarto, mas não resistira a voltar para a cama, para observar Julia, que ainda dormia. Estava deitada de lado, voltada para ele, respirando tranquilamente, um diamante reluzindo-lhe na orelha. Tinha as faces rosadas do calor do quarto, pois o sol que entrava pelas portas envidraçadas incidia sobre a cama.

Os lençóis estavam deliciosamente amarrotados, cheirando a sexo e a sândalo. Os olhos de Gabriel brilhavam, contemplando preguiçosamente a pele nua e os longos cabelos escuros de Julia. Quando Gabriel retomava a sua leitura, ela moveu-se ligeiramente e gemeu. Preocupado, pôs o jornal de lado.

Julia encostou os joelhos ao peito, enroscando-se. Murmúrios escapavam-se-lhe por entre os lábios, e Gabriel aproximou-se, tentando, sem êxito, decifrar o que ela dizia.

Subitamente, o corpo dela contorceu-se, e Julia soltou um grito cortante, debatendo-se contra o lençol que a envolvia.

— Julianne? — Gabriel pousou-lhe uma mão sobre o ombro nu, mas ela afastou-se.

Julia começou a murmurar o nome dele, uma e outra vez, num pânico crescente.

— Julia, estou aqui — disse Gabriel, falando alto. Quando estendeu de novo a mão para lhe tocar, ela ergueu-se em sobressalto, arquejando.

— Estás bem? — Gabriel aproximou-se, resistindo ao impulso de lhe tocar. Sob o seu olhar cauteloso, Julia continuava ofegante, agitando uma mão diante da cara.

— Julia?

Ao fim de um minuto longo, tenso, ela encarou-o, abrindo muito os olhos.

Gabriel franziu o sobrolho.

— Que aconteceu?

Julia engoliu ruidosamente.

— Tive um pesadelo.

— Sobre quê?

— Estava no bosque junto à casa dos teus pais, em Selinsgrove.

As sobrancelhas de Gabriel uniram-se por detrás dos seus óculos de aros escuros.

— Porque havias de sonhar com isso?

Julia respirou fundo e cobriu os seios, puxando o lençol até ao queixo. O tecido espesso e branco envolveu toda a sua figura pequena antes de se encapelar, como uma nuvem, sobre o colchão. Fez lembrar a Gabriel uma estátua ateniense.

— Fala comigo, Julianne — disse, passando-lhe suavemente os dedos sobre a pele.

Ela contorceu-se sob o seu olhar azul penetrante, mas Gabriel insistiu.

— O sonho começou maravilhosamente. Fizemos amor à luz das estrelas e adormeci nos teus braços. Quando acordei, tinhas desaparecido.

— Sonhaste que eu fazia amor contigo e depois te abandonava? — perguntou Gabriel, num tom mais frio, tentando mascarar o seu desconforto.

— Já uma vez acordei sem ti no pomar — censurou-o Julia, calmamente.

O fogo que Gabriel sentira no ventre extinguiu-se instantaneamente. Recordou aquela noite mágica, seis anos antes, em que se tinham conhecido, uma noite em que tinham apenas conversado e dormido abraçados. Gabriel acordara, de manhã, e afastara-se, deixando uma adolescente adormecida completamente sozinha. A ansiedade de Julia era compreensível, e até comovente.

Gabriel soltou os dedos apertados de Julia, um a um, beijando-os com remorso.

— Amo-te, Beatriz. Não vou deixar-te. Sabes isso, não sabes?

— Magoar-me-ia muito mais perder-te agora.

De sobrolho franzido, Gabriel rodeou-lhe o ombro com um braço, puxando-a para si e fazendo-a pousar a cara no seu peito. Pensou na noite anterior, e uma miríade de memórias invadiu-lhe a mente. Vira-a nua pela primeira vez e iniciara-a na intimidade do amor. Julia partilhara a sua inocência com ele, e Gabriel julgava tê-la feito feliz. Não havia dúvida de que

fora uma das melhores noites da vida dele. Ponderou esse facto por um instante.

— Arrependes-te do que aconteceu esta noite?

— Não. Estou feliz por teres sido o meu primeiro. Era o que queria desde que nos conhecemos.

Gabriel acariciou-lhe a cara, percorrendo-lhe a face com o polegar.

— É uma honra ter sido o teu primeiro. — Inclinou-se para ela, sem pestanejar. — Mas quero ser o último.

Julia sorriu e aproximou os lábios dos dele. Antes que Gabriel pudesse beijá-la, o som telefónico das badaladas do Big Ben soaram no quarto.

— Ignora — sussurrou Gabriel impetuosamente, estendendo-lhe um braço sobre o corpo e fazendo-a deitar-se debaixo de si.

Julia espreitou por sobre o ombro dele para o *iPhone* na mesa de cabeceira.

— Pensei que ela não ia continuar a telefonar-te.

— Não vou atender, por isso tanto faz. — Ajoelhando-se entre as pernas de Julia, Gabriel puxou o lençol que a envolvia. — Na minha cama, só estamos nós.

Julia olhou-o nos olhos, sentindo que os seus corpos nus se aproximavam.

Gabriel debruçou-se para a beijar, mas ela virou a cara.

— Ainda não lavei os dentes.

— Não me importa. — Começou a beijar-lhe o pescoço, apercebendo-se de como a pulsação dela se acelerava.

— Gostava de ir à casa de banho primeiro.

Gabriel soprou de frustração, apoiando-se num cotovelo.

— Não deixes a Paulina estragar o que temos.

— Não estou a deixar. — Tentou sair de baixo dele e levar o lençol consigo, mas Gabriel segurou-o. Fitou-a por sobre os aros dos óculos, um brilho travesso nos olhos.

— Preciso do lençol para fazer a cama.

Julia olhou para o tecido branco preso entre os seus dedos, e depois encarou Gabriel, que lhe lembrou uma pantera pronta a atacar. Olhou para as roupas amontoadas no chão, ao lado da cama. Estavam fora do seu alcance.

— Qual é o problema? — perguntou ele, reprimindo um sorriso.

Julia corou e agarrou o lençol com mais firmeza. Rindo, Gabriel largou a ponta do tecido e puxou Julia para si.

— Não precisas de te sentir envergonhada. És linda. Por mim, nunca mais andavas vestida.

Beijou-lhe o lóbulo da orelha, tocando ao de leve o diamante. Tinha a certeza que a sua mãe adotiva, Grace, teria ficado feliz por os seus brincos

terem acabado nas mãos de Julia. Depois de mais um beijo rápido, libertou-a e foi sentar-se na beira da cama.

Julia esgueirou-se para a casa de banho, mas Gabriel ainda pôde vê-la nua, de costas, quando ela deixou o lençol cair no chão junto à porta.

Enquanto escovava os dentes, Julia pensava em tudo o que acontecera. Fazer amor com Gabriel fora uma experiência muito emocional, e as réplicas ainda agora se faziam sentir no seu coração. Não era de espantar que assim fosse, tendo em conta a história que vivera com ele. Desejara-o desde uma noite casta que haviam passado juntos, num pomar, tinha ela dezassete anos, mas na manhã seguinte acordara sem ele. Num atordoamento provocado por álcool e drogas, Gabriel esquecera-a. Julia só voltara a vê-lo passados seis anos, e nessa altura ele não a reconhecera.

Quando o encontrara de novo, no primeiro dia do seu seminário de pós-graduação na Universidade de Toronto, achara-o atraente mas frio, como uma estrela distante. Não imaginara que pudesse vir a tornar-se sua amante. Não julgara possível que o professor temperamental e arrogante correspondesse ao seu afeto.

Havia tanto que ela desconhecia. O sexo era uma espécie de conhecimento, e agora Julia sentia a ferroada do ciúme de uma forma que nunca antes experimentara. A simples ideia de Gabriel fazer o que tinham feito, na noite anterior, com outra mulher, e, no caso dele, com muitas outras mulheres, causava-lhe sofrimento.

Sabia que as aventuras de Gabriel nada tinham a ver com o que os unia — tinham sido encontros furtivos, sem amor ou afeto. Mas Gabriel despira aquelas mulheres, vira-as nuas, entrara nos seus corpos. Depois de terem estado com ele, quantas delas tinham desejado mais? Paulina quisera mais. Mantivera o contacto com Gabriel ao longo dos anos, desde que tinham concebido e perdido uma criança.

O novo conhecimento que tinha do sexo levou Julia a encarar o passado de Gabriel de um modo diferente e tornava-a mais solidária com o infortúnio de Paulina. Para além de ter intensificado o seu receio de perder Gabriel, para Paulina ou para qualquer outra mulher.

Julia amparou-se na beira do lavatório, uma onda de insegurança a submergi-la. Gabriel amava-a; acreditava que assim era. Por outro lado, era um cavalheiro, e nunca revelaria que o ato o dececionara. E quanto ao comportamento de Julia? Fizera perguntas e falara quando supunha que a maioria das amantes teria ficado em silêncio. Pouco fizera para o satisfazer e, quando tentara, ele impedira-a.

As palavras do seu ex-namorado giraram-lhe no pensamento em forma de gritos, condenando-a.

És frígida.

Vais ser uma porcaria de queca.

Voltou-se de costas para o espelho, contemplando o que poderia acontecer se Gabriel se sentisse insatisfeito com ela. O espectro maligno da traição sexual pairou diante de si, fazendo-a recordar imagens de Simon na cama com a sua colega de quarto.

Endireitou os ombros. Se persuadissem Gabriel a ser paciente e a ensiná-la, acreditava que seria capaz de lhe agradar. Ele amava-a. Dar-lhe-ia uma oportunidade. Julia pertencia-lhe, como se tivesse o nome dele marcado a ferro quente na sua pele.

Quando voltou para o quarto, viu-o através da porta aberta do terraço. Só depois reparou numa jarra pousada sobre a mesa, com um ramo de lindas íris, umas roxas e outras mais pálidas, variegadas. A maioria dos amantes teria comprado rosas vermelhas de pé alto, mas não Gabriel.

Abriu o cartão aconchegado entre as flores.

*Minha querida Julianne,
Obrigado pelo presente inestimável que me ofereceste.
De valor, só possuo o meu coração.
É teu.
Gabriel*

Julia releu o cartão duas vezes, o peito cheio de amor e alívio. As palavras de Gabriel não pareciam as de um homem insatisfeito ou frustrado. Quaisquer que fossem as preocupações de Julia, Gabriel não parecia partilhar delas.

Estava deitado no divã a apanhar sol, sem óculos e de tronco nu. Com a sua figura musculosa de metro e oitenta e cinco, era como se o próprio Apolo tivesse condescendido a visitá-la. Apercebendo-se da sua presença no terraço, Gabriel abriu os olhos e deu uma palmadinha no colo. Julia foi ter com ele, e Gabriel rodeou-a com os seus braços, beijando-a apaixonadamente.

— Olá — segredou-lhe, afastando-lhe um canudo da cara. Observou-a atentamente. — Que se passa?

— Nada. Obrigada pelas flores. São lindas.

Ele beijou-a nos lábios.

— Não tens de quê. Mas pareces perturbada. É por causa da Paulina?

— Aborrece-me que ela esteja a telefonar-te, mas não é isso. — O rosto de Julia alegrou-se. — Obrigada pelo teu cartão. Dizia o que eu precisava desesperadamente de ouvir.

— Fico contente por sabê-lo. — Apertou-a um pouco mais nos seus braços. — Mas diz-me o que te preocupa.

Julia começou a remexer no cinto do roupão de banho, até que Gabriel lhe segurou na mão. Olhou para ele.

— A noite passada foi como esperavas que fosse?

Gabriel expirou com força, pois a pergunta apanhara-o de surpresa.

— Essa é uma pergunta estranha.

— Sei que tinha de ser diferente para ti. Não fui muito... ativa.

— Ativa? Que queres dizer com isso?

— Não fiz muito para te dar prazer — acabou Julia por dizer, corando. Gabriel tocou-lhe a pele ruborizada com a ponta do dedo.

— Deste-me muito prazer. Sei que estavas nervosa, mas foi uma noite extraordinária para mim. Agora pertencemos um ao outro. De todas as maneiras. Que mais te preocupa?

— Exigi que trocássemos de posições, quando terias preferido que eu ficasse por cima.

— Não exigiste nada, *pediste*. E para ser sincero, Julianne, gostava que me fizesses exigências. Quero saber que me queres tão desesperadamente como eu te quero a ti. — A sua expressão suavizou-se, enquanto os seus dedos descreviam um círculo ou dois em redor do seio de Julia. — Sonhaste que a tua primeira vez seria de determinada forma. Eu queria dar-te isso, mas tinha receio. E se te sentisses desconfortável? E se eu não fosse suficientemente cuidadoso? A noite passada também foi uma primeira vez para mim.

Gabriel deitou café e leite de duas cafeteiras para uma chávena e pôs o tabuleiro no meio dos dois, sobre o divã. Havia bolos e frutos, torradas e *Nutella*, ovos cozidos e queijo, e vários *Baci Perugina* que um empregado do hotel, subornado por Gabriel, fora comprar à rua, juntamente com o extravagante ramo de flores do Giardino dell'Iris.

Julia desembrulhou um dos *Baci* e comeu-o, de olhos fechados, delectada.

— Pediste um banquete.

— Esta manhã acordei faminto. Teria esperado por ti, mas... — Abanou a cabeça, pegando numa uva e fitando Julia com os olhos a brilhar. — Abre a boca.

Julia assim fez, e Gabriel pôs-lhe a uva dentro da boca, passando-lhe tentadoramente o dedo pelo lábio inferior.

— E tens de beber isto, por favor. — Estendeu-lhe um copo cheio de sumo de arando com gasosa.

Julia revirou os olhos.

— És superprotetor.

Ele abanou a cabeça.

— É assim que um homem se comporta quando está apaixonado e

quer a sua namorada saudável para tudo o que planeia fazer com ela na cama. — Piscou-lhe o olho com um ar presumido.

— Nem vou perguntar como descobriste essas coisas. Dá cá isso. — Julia tirou-lhe o copo das mãos e esvaziou-o de uma só vez, olhando-o nos olhos e fazendo-o rir.

— És encantadora.

Ela deitou-lhe a língua de fora e depois preparou um prato com o seu pequeno-almoço.

— Como te sentes? — perguntou Gabriel, agora sério.

Julia engoliu um pedaço de queijo *Fontina*.

— Bem.

Ele contraiu os lábios, como se a resposta lhe desagradasse.

— Fazer amor muda as coisas entre um homem e uma mulher — disse, incitando-a a falar.

— Hum... Não estás satisfeito com... eh... com o que fizemos? — As faces rosadas de Julia ficaram subitamente pálidas.

— Claro que sim. Estou a tentar perceber se tu estás satisfeita. E pelo que disseste até agora, receio que não estejas.

Julia começou a puxar uma ponta do roupão, evitando o olhar perscrutante dele.

— Quando andava na faculdade, as raparigas do dormitório costumavam falar sobre os namorados. Uma noite, cada uma contou a história da sua primeira vez. — Mordiscou a ponta de um dedo. — Poucas tinham coisas boas para dizer. As outras histórias eram terríveis. Uma rapariga tinha sido molestada em criança. Algumas tinham sido pressionadas por um namorado ou por um rapaz com quem tinham saído. Foram várias as que disseram que a sua primeira vez tinha sido complicada e insatisfatória... um namorado a soltar um grunhido e a acabar rapidamente. Pensei que, se era isso que me esperava, mais valia continuar virgem.

— O que me estás a contar é terrível.

Julia baixou os olhos para o tabuleiro.

— Eu queria ser amada. Decidi que mais valia ter uma relação sentimental casta através de cartas do que ter uma relação sexual. Duvidava de que alguma vez encontrasse alguém que me desse ambas as coisas. O Simon não me amava, isso é certo. E agora que estou com um deus do sexo, não consigo dar-lhe nada parecido com o prazer que ele me dá a mim.

A sobrancelhas de Gabriel arquearam-se.

— Deus do sexo? Já disseste isso antes, mas, acredita, não sou...

— Ensina-me — interrompeu-o Julia, olhando-o bem nos olhos.

— Tenho a certeza que a noite passada não foi tão... hum... satisfatória

como costumava ser para ti, mas posso aprender, se fores paciente e me ensinares.

Gabriel praguejou por entre dentes.

— Vem cá. — Afastou o tabuleiro e sentou-a de novo ao seu colo, abraçando-a. Ficou calado por um instante, depois suspirou profundamente. — Partes do princípio de que as relações que tive no passado eram gratificantes, mas enganas-te. Tu deste-me aquilo que eu nunca tinha tido: sexo com amor. És a única amante que tive até hoje, no verdadeiro sentido da palavra.

Beijou-a delicadamente, uma confirmação solene do que acabara de dizer.

— A expectativa e a sedução de uma mulher são cruciais para a experiência. Posso dizer, com toda a certeza, que o teu poder de sedução e a minha expectativa foram muito além do que eu alguma vez experimentara. E acrescentando a isso o facto de fazer amor pela primeira vez... Nem tenho palavras para descrever o que se passou.

Julia anuiu, mas algo no seu movimento inquietou Gabriel.

— Garanto-te que não estou a lisonjear-te. — Fez uma pausa, como se ponderasse cuidadosamente o que ia dizer a seguir. — Correndo o risco de parecer neandertal, devo dizer que a tua inocência é tremendamente erótica. A ideia de ser eu a ensinar-te a respeito de sexo... a ideia de uma mulher tão recatada ser também tão apaixonada... — Interrompeu-se, olhando-a intensamente. — Podes tornar-te mais hábil na arte do amor, aprendendo novos truques e novas posições, mas não podes ser mais atraente ou sexualmente mais estimulante do que já és. Não para mim.

Julia inclinou-se para o beijar.

— Obrigada por teres cuidado tão bem de mim ontem à noite — murmurou-lhe, corando.

— Quanto à Paulina, eu lido com ela. Por favor, esquece-a.

Julia voltou a concentrar-se no seu pequeno-almoço por comer, resistindo à tentação de argumentar.

— Queres contar-me como foi a tua primeira vez?

— Preferia não falar sobre isso.

Julia começou a comer um bolo, tentando pensar num assunto mais seguro. As preocupações financeiras da Europa eram uma possibilidade.

Gabriel esfregou os olhos com ambas as mãos, cobrindo-os momentaneamente. Seria muito fácil mentir, mas, depois de tudo o que lhe dera, Julia merecia saber os seus segredos.

— Lembras-te da Jamie Roberts.

— Claro.

Gabriel baixou as mãos.

— Foi com ela que perdi a virgindade.

Julia arqueou as sobrancelhas. Jamie e a sua mãe dominadora nunca tinham sido muito simpáticas com Julia, e ela sempre as achara desagradáveis. Não fazia ideia de que a agente Roberts, que investigara a agressão de Simon no mês anterior, tivera semelhante ligação a Gabriel.

— Não foi das minhas melhores experiências. Para dizer a verdade, foi assustador. Eu não a amava. Havia uma certa atração, claro, mas não um verdadeiro afeto. Estudávamos ambos no liceu de Selinsgrove. Houve um ano em que ela foi minha colega de carteira em História. — Encolheu os ombros. — Começámos a enrolar-nos à saída da escola, e acabámos por...

»A Jamie era virgem, mas mentiu-me e disse que não era. Não tive qualquer preocupação com ela. Fui egoísta e estúpido. — Praguejou. — Ela disse que não tinha doído muito, mas houve sangue. Senti-me como um animal e sempre me arrependi do que aconteceu. — Gabriel encolheu-se e Julia percebeu como ele se sentia culpado. Aquela descrição quase a deixou nauseada, mas explicava muita coisa.

— Que horror. Lamento que tenha sido assim. — Apertou-lhe a mão. — Foi por essa razão que estavas tão preocupado, na noite passada?

Ele anuiu.

— Ela não foi honesta.

— Isso não desculpa o meu comportamento, antes ou depois. — Pigarreou. — A Jamie partiu do princípio de que tínhamos uma relação, mas eu não estava interessado. Fui promovido de mero animal a animal e imbecil. Quando a vi no fim de semana de Ação de Graças, não falava com ela há anos. Pedi-lhe desculpa. Mostrou-se muito amável.

»Sempre me senti culpado por a ter tratado daquela maneira. Desde então, mantive-me afastado de virgens. — Engoliu em seco. — Até à noite passada.

»É suposto a primeira vez ser um momento mágico, mas isso raramente acontece. Enquanto te preocupavas em dar-me prazer, eu preocupava-me em dar-te prazer a ti. Talvez tenha sido demasiado cuidadoso, demasiado protetor, mas não teria suportado magoar-te.

Julia pôs o pequeno-almoço de lado e afagou-lhe a cara.

— Foste muito meigo e muito generoso. Nunca me senti tão feliz, e isso só aconteceu porque me amaste com mais do que o teu corpo. Obrigada.

Como para lhe mostrar que ela estava certa, Gabriel beijou-a profundamente. Julia suspirou ao sentir as mãos dele no seu cabelo e pôs-lhe os braços em redor do pescoço. As mãos de Gabriel deslizaram até à frente do seu roupão, abrindo-o hesitantemente. Olhou-a nos olhos, em jeito de pergunta.

Ela anuiu.

Então, Gabriel começou a sussurrar-lhe beijos no pescoço. Os seus lábios detiveram-se no lóbulo da orelha dela, chupando-o suavemente.

— Como te sentes?

— Ótima — murmurou Julia, sentindo os lábios descerem para a beijarem na garganta.

Gabriel posicionou-se de modo a ver-lhe a cara, enquanto as suas mãos lhe deslizavam para a zona inferior do abdómen.

— Sentes-te dorida?

— Um pouco.

— Então é melhor esperarmos.

— Não!

Gabriel riu-se, os seus lábios curvando-se naquele sorriso sedutor que lhe era tão característico.

— Estavas a falar a sério, ontem à noite, quando disseste que gostavas de fazer amor aqui fora?

Julia estremeceu, inflamada pelo modo como ele lhe falara, mas retribuiu o sorriso, entrelaçando-lhe os dedos no cabelo e puxando-o para si. Abrindo-lhe o roupão, Gabriel começou a explorar-lhe o corpo com as mãos, curvando-se em seguida para lhe beijar os seios.

— Estavas envergonhada comigo, quando acordaste. — Beijou-a reverentemente sobre o coração. — Que foi que mudou?

Julia roçou a cara na covinha que ele tinha no queixo.

— Acho que vou sempre ser um pouco tímida em relação a estar nua. Mas desejo-te. Quero que me olhes nos olhos e que digas que me amas quando te moveres dentro de mim. Vou lembrar-me disso enquanto viver.

— Hei de continuar a lembrar-te. — Gabriel suspirou.

Despiu-lhe o roupão e deitou-a de costas.

— Tens frio?

— Não quando me estás a abraçar — murmurou Julia, sorrindo. — Não preferes que fique eu por cima? Gostava de experimentar.

Gabriel despiu rapidamente o roupão e os *boxers*, e cobriu o corpo de Julia com o seu, segurando-lhe a cara entre as mãos.

— Aqui fora, alguém poderia ver-te, querida. E nem quero pensar nisso. Ninguém vê esse corpo lindo, para além de mim. Embora os vizinhos possam ouvir-te... durante a próxima hora, mais coisa menos coisa... — Riu baixinho, apercebendo-se do tremor de prazer que percorreu Julia da cabeça aos pés.

Beijou-a, afastando-lhe o cabelo da cara.

— O meu objetivo é ver quantas vezes consigo dar-te prazer até já não poder esperar mais.

Julia sorriu.

— Parece-me bem.

— Também a mim.

O céu azul corou ao ver a paixão com que se amavam, enquanto o Sol florentino sorria aos amantes, aquecendo-os apesar da brisa suave. O café com leite de Julia ficou frio como pedra, ressentido por se ver ignorado.

Depois de dormitar um pouco, Julia usou o *MacBook* de Gabriel para enviar um *e-mail* ao pai. Encontrou duas mensagens importantes na sua caixa de correio. A primeira era de Rachel.

Jules!

Como estás? O meu irmão tem-se portado bem? Já dormiste com ele? Sim, é uma pergunta COMPLETAMENTE inconveniente, mas se tivesses andado com mais alguém, já me terias dito, por isso...

Não vou dar-te conselhos por minha iniciativa. Estou a tentar não pensar muito no assunto. Diz-me só se estás feliz e se ele te trata como deve ser.

O Aaron manda-te um beijinho.

Adoro-te,

Rachel.

PS: O Scott tem uma namorada nova. Anda cheio de segredinhos, por isso não sei há quanto tempo estão juntos. Não paro de o chatear para nos apresentar, mas ele não me faz a vontade. Se calhar, ela é professora.

Julia riu baixinho, aliviada por Gabriel estar a tomar duche e não a espreitar por cima do seu ombro. Não havia de gostar que a irmã estivesse a fazer perguntas tão pessoais. Julia compôs mentalmente o *e-mail* para a sua amiga antes de premir “responder”.

Olá, Rachel.

O hotel é lindo. O Gabriel tem sido encantador e ofereceu-me os brincos de diamante da tua mãe. Sabias disto? Sinto-me um pouco culpada, por isso gostava de saber se não te importas.

Quanto à tua outra pergunta, SIM. O teu irmão trata-me bem, e estou MUITO feliz.

Dá um beijinho meu ao Aaron. Estou ansiosa pelo Natal.

Adoro-te, Julia.

PS: Espero que a namorada do Scott seja mesmo professora. O Gabriel nunca mais se vai calar.

O segundo *e-mail* era de Paul. Paul lamentava não ter Julia para si, mas estava grato por ter conservado a sua amizade. Preferia guardar os seus sentimentos para si do que perdê-la por completo. E tinha de admitir que desde que ela tinha aquele namorado, o tal de Owen, até a sua pele reluzia. (Não que Paul mencionasse tal coisa.)

Olá, Julia.

Desculpa não ter conseguido despedir-me antes de ires para casa. Espero que tenhas um feliz Natal. Tenho um presente para ti. Importas-te de me dar a tua morada na Pensilvânia, para to enviar?

Já estou na quinta, a tentar arranjar tempo para trabalhar na dissertação entre grandes encontros de família e o levantar-me cedo para dar uma ajuda ao meu pai. Digamos que a minha rotina diária aqui envolve muito estreme...

Queres que te leve alguma coisa de Vermont?

Uma Holstein só para tí?

Feliz Natal,

Paul.

PS: Soubeste que o Emerson aceitou a proposta de tese da Christa Peterson? Parece que o Advento é mesmo a época dos milagres.

Julia olhava para o ecrã, estupefacta, lendo e relendo o *post scriptum* de Paul. Não sabia ao certo como interpretá-lo. Era possível, pensou, que Gabriel tivesse aceiteado a proposta de tese de Christa por ela o ter ameaçado.

Julia não queria falar num assunto tão desagradável durante as férias, mas a notícia perturbou-a. Escreveu uma resposta breve a Paul, enviando-lhe a sua morada, depois enviou o *e-mail* ao pai, garantindo-lhe que Gabriel a tratava como a uma princesa. Fechou o portátil e suspirou.

— Isso não parece de uma Julianne feliz — ouviu a voz de Gabriel atrás de si.

— Acho que vou ignorar o meu *e-mail* até ao fim das nossas férias.

— Boa ideia.

Ao voltar-se, encontrou-o de pé à sua frente, ainda molhado do duche, cabelo em desalinho, uma toalha branca enrolada à cintura.

— És lindo — disse, antes de ter tempo de pensar.

Com uma risadinha, Gabriel fê-la levantar-se para poder abraçá-la.

— Será que tem um fraco por homens enrolados em toalhas, menina Mitchell?

— Talvez por um homem em particular.

— Sentes-te bem? — Ergueu as sobrancelhas, uma expressão de desejo no rosto.

— Tenho um ligeiro desconforto. Mas valeu a pena.

Gabriel estreitou os olhos.

— Tens de me dizer se estou a magoar-te, Julianne. Não me escondas nada.

Julia revirou os olhos.

— Gabriel, não me dói nada; é um pequeno desconforto. Nem me apercebi *durante* porque tinha mais em que pensar... *várias* coisas em que pensar. Consegues deixar-me muito distraída.

Gabriel sorriu e beijou-lhe o pescoço ruidosamente.

— Tens de começar a deixar-me distrair-te no duche. Estou farto de tomar duche sozinho.

— Parece-me uma ótima ideia. E como te sentes tu?

Gabriel fingiu ponderar a questão.

— Ora vejamos... sexo apaixonado e bem sonoro com o meu amor no quarto e no terraço... Sim, diria que me sinto muito bem.

Estreitou-a nos seus braços, e o algodão do roupão dela absorveu algumas das gotas de água que lhe escorriam do tronco.

— Prometo que não vai ser sempre desconfortável. Com o tempo, o teu corpo vai aprender a reconhecer-me.

— Já te reconhece. E já sente a tua falta — sussurrou-lhe Julia.

Gabriel abriu a parte de cima do roupão para lhe beijar o ombro. Depois de a apertar um pouco mais contra si, foi até à cama e pegou num frasco de ibuprofeno, que lhe pôs na mão.

— Tenho uma reunião na Uffizi, depois preciso de ir buscar o meu fato novo ao alfaiate. — Parecia preocupado. — Importas-te de ir sozinha comprar um vestido? Gostava de ir contigo, mas a reunião não vai deixar-me muito tempo livre.

— Não me importo nada.

— Se conseguires arranjar-te em meia hora, podemos sair juntos.

Julia seguiu-o para a casa de banho, tendo esquecido Paul e Christa por completo.

Depois de tomar duche, pôs-se diante de uma das bancadas, a secar o cabelo, enquanto Gabriel ocupou a outra. Deu por si a observá-lo nos seus preparativos para fazer a barba, tarefa a que se entregava com uma precisão militar. Por fim, Julia desistiu de pôr batom, encostando-se, simplesmente, à bancada, a olhá-lo.

Gabriel continuava de tronco nu, a toalha um pouco mais descaída nas ancas, e barbeava-se meticulosamente à maneira tradicional. Os olhos azuis brilhantes estreitando-se, de tão concentrados, por detrás dos óculos de aros pretos, o cabelo húmido impecavelmente penteado.

Julia abafou o riso ao ver até que ponto ele levava a sua busca de perfeição. Usou um pincel de barbear com um cabo preto de madeira para misturar o creme até obter uma espuma espessa. Tendo espalhado a espuma na cara com a ajuda do pincel, começou a barbear-se com uma gilete antiquada.

(Para alguns professores, as giletas descartáveis não são suficientemente boas.)

— Que foi? — perguntou Gabriel, apercebendo-se de que ela estava perigosamente perto de o comer com os olhos.

— Amo-te.

A expressão dele suavizou-se.

— Também te amo, querida.

— Nunca ouvi ninguém dizer “querida” no tom cavalheiresco em que tu o dizes.

— Isso não é verdade.

— Não?

— O Richard dizia-o exatamente do mesmo modo à Grace — disse Gabriel, com um olhar triste.

— O Richard é antiquado, no melhor sentido possível — retorquiu Julia, sorrindo. — E adoro que sejas antiquado como ele.

Com um resmungo, Gabriel retomou a sua tarefa.

— Se fosse assim tão antiquado, não teríamos tido aquelas cenas escaudantes no terraço. E não andaria a fantasiar a respeito de te mostrar as minhas posições favoritas do *Kama Sutra*. — Piscou-lhe o olho. — Mas sou, sem dúvida nenhuma, um filho da mãe pretensioso e com mau feitio. Vais ter de me domar.

— E como hei de fazê-lo, professor Emerson?

— Nunca me deixes — respondeu Gabriel num fio de voz, encarando-a.

— Preocupa-me mais que tu me deixes a mim.

Ele inclinou-se para a beijar.

— Nesse caso, não tens nada com que te preocupar.

Capítulo Dois

Julia saiu do quarto, um pouco nervosa. Gabriel tomara providências para ela fazer compras na loja Prada local, e Julia escolhera um vestido sem mangas azul-santorini de tafetá, com o decote em bico. De saia plissada, lembrava o tipo de vestido usado por Grace Kelly nos anos 50. Assentava na perfeição a Julia.

A gerente da loja sugerira, no entanto, acessórios que modernizassem o vestido, pelo que Julia escolhera uma bolsa prateada e uns sapatos cor de tangerina com saltos perigosamente altos. Uma capa preta de caxemira completava o conjunto.

Avançou, hesitante, pela sala da suite, o cabelo encaracolado caído, os olhos muito brilhantes. Trazia os brincos de diamantes e o colar de pérolas de Grace.

Gabriel estava sentado no sofá da sala, a fazer alterações de última hora nos seus apontamentos. Quando a viu, tirou os óculos e levantou-se.

— Estás deslumbrante. — Deu-lhe um beijo na cara e fê-la girar, admirando o vestido. — Sentes-te bem com ele?

— Muito bem — disse Julia. — Obrigada, Gabriel. Sei que custou uma fortuna.

O olhar de Gabriel deslizou para os sapatos.

— Não gostas?

Gabriel pigarreou, sem desviar os olhos dos pés dela.

— Hum... os teus sapatos... são... eh...

— *Bonitos*. Não achas? — Julia riu-se.

— São muito mais do que bonitos. — A voz de Gabriel tornou-se rouca.

— Bem, professor Emerson, se a sua palestra me agradar, talvez não os descalce quando voltarmos para o seu quarto...

Gabriel endireitou a gravata e fitou-a, com um sorriso presumido.

— Oh, pode ter a certeza que a minha palestra lhe vai agradar, menina Mitchell. Nem que tenha de lha dar pessoalmente, entre lençóis. E não é o meu quarto, é o *nosso* quarto.

Vendo-a corar, abraçou-a.

— Temos de ir — disse, dando-lhe um beijo no cabelo.

— Espera. Tenho um presente para ti. — Julia desapareceu e regressou com uma pequena caixa onde se lia *Prada*.

Gabriel parecia surpreso.

— Não era preciso.

— Eu sei.

Gabriel sorriu e levantou cuidadosamente a tampa da caixa. Ao remover o papel, encontrou uma gravata de seda azul-santorini com um padrão discreto.

— Gosto muito. Obrigado. — Deu-lhe um beijo na cara.

— Combina com o meu vestido.

— Assim, todos vão saber que pertencemos um ao outro. — Apres-sou-se a tirar a sua gravata verde, atirando-a para cima da mesa de café e trocando-a pela gravata que Julia lhe oferecera.

O fato novo de Gabriel fora feito por medida pelo seu alfaiate local preferido. Era preto e assertoado, com rachas laterais. Julia admirou o fato, mas admirou mais ainda a figura atraente dentro dele.

Não há nada mais sensual do que ver um homem a pôr uma gravata, pensou.

— Posso? — ofereceu-se, vendo Gabriel atrapalhado, na ausência de um espelho.

Ele anuiu e inclinou-se para a frente, pousando-lhe as mãos na cintura. Julia ajustou a gravata e endireitou-lhe o colarinho, depois as suas mãos deslizaram-lhe pelas mangas, detendo-se nos botões de punho.

Ele olhava-a com um ar curioso.

— Ajeitaste-me a gravata quando te levei ao António's. Estávamos sentados no carro.

— Sim, eu lembro-me.

— Não há nada mais sensual do que ter a mulher que se ama a pôr-nos a gravata. — Tomou as mãos dela entre as suas. — Percorremos um longo caminho desde aquela primeira noite.

Julia pôs-se em bicos de pés para o beijar, tendo o cuidado de não manchar a sua boca masculina de batom.

Gabriel encostou-lhe os lábios ao ouvido.

— Não sei como vou manter os homens florentinos longe de ti, esta noite — segredou-lhe. — Vais ter de ficar bem perto de mim.

Julia soltou um guincho quando Gabriel a rodeou com os braços, erguendo-a para a beijar devidamente, o que a obrigou a aplicar novamente batom. Ambos tiveram de se olhar atentamente ao espelho antes de saírem do quarto.

Gabriel segurou-lhe na mão durante o curto trajeto até à Galeria Uffizi e enquanto eram conduzidos ao primeiro andar por um cavalheiro algo anafado que usava um laço com um padrão de cornucópias e que se apresentou como Lorenzo, o assistente do *dottore* Vitali.

— *Professore*, precisamos da sua ajuda. — Lorenzo olhou fixamente para as mãos entrelaçadas de Gabriel e de Julia.

Gabriel apertou ainda mais a mão dela.

— É por causa do... como se diz... no ecrã? O *PowerPoint*? — Lorenzo apontou para a sala onde os convidados começavam a reunir-se.

— A menina Mitchell tem um lugar reservado — disse Gabriel brusca-mente, irritado por o assistente estar a ignorá-la.

— Sim, *professore*. — Lorenzo voltou-se para Julia, anuindo respeitosa-mente. — Acompanharei a sua *fidanzata* pessoalmente.

Ela ia corrigir o modo como Lorenzo se lhe referira, mas Gabriel beijou-lhe as costas da mão, murmurando-lhe uma promessa e desaparecendo em seguida, e Julia foi conduzida ao seu lugar de honra.

Olhou em redor, apercebendo-se de que deviam estar ali membros dos *glitterati* de Florença, para além de académicos e dignitários locais. Alisou a saia do vestido, apreciando o roçar do tafetá sob os seus dedos. Ao ver como os outros convidados se apresentavam, e dando-se conta da presença de um grupo de fotógrafos, ficou satisfeita por estar bem vestida. Não queria embaraçar Gabriel naquela ocasião tão importante.

A palestra teria lugar na sala Botticelli, onde se encontravam as mais belas obras. Com efeito, o púlpito situava-se entre *Nascimento de Vénus* e *Nossa Senhora da Romã*, estando o quadro *Primavera* exposto à direita do público. Já as obras na parede à esquerda da assistência tinham sido retiradas para darem lugar a um amplo ecrã, que Gabriel utilizaria para as suas projeções.

Julia sabia como era invulgar a realização de uma palestra num espaço tão importante, e disse, em pensamento, uma oração para agradecer tamanha bênção. No ano em que estudara em Florença, Julia visitara a sala Botticelli pelo menos uma vez por semana, e por vezes com maior frequência. Achava a arte do pintor tão tranquilizante como inspiradora. Sendo então uma tímida estudante universitária americana, nunca poderia ter imaginado que dois anos mais tarde estaria a acompanhar um famoso especialista em Dante quando ele desse uma palestra naquela mesma sala. Julia sentia-se como se tivesse ganho a lotaria mil vezes de seguida.

Estavam ali mais de uma centena de pessoas, algumas das quais tiveram de permanecer de pé ao fundo da sala. Julia viu Gabriel ser apresentado a vários convidados de aspeto importante. Era um homem atraente, alto e de uma elegância rude. Julia gostava de o ver de óculos e com aquele fato preto lustroso que lhe assentava na perfeição.

Quando algumas pessoas lho ocultaram da vista, Julia concentrou-se em distinguir a sua voz. Ouvia-o conversar num tom cordial, passando descontraidamente do italiano ao francês e depois ao alemão, e regressando de novo ao italiano.

(Até o seu alemão era sensual.)

Julia sentiu uma onda de calor ao recordar como Gabriel era por debaixo do fato, o seu corpo nu e musculoso sobre o dela. Perguntou-se se ele teria pensamentos semelhantes de cada vez que a olhava. Nesse instante, os seus olhares encontraram-se e Gabriel piscou-lhe o olho. A sua fugaz expressão divertida fê-la lembrar-se dos momentos que tinham tido no terraço, de manhã, e um agradável tremor percorreu-lhe a espinha.

Gabriel escutou educadamente a introdução do doutor Vittali, que levou nada menos do que quinze minutos a elogiar o trabalho do seu convidado. Ao observador ocasional, Gabriel parecia descontraído, ou até ligeiramente entediado. O seu nervosismo transparecia no modo como remexia, mal se dando conta, nos seus apontamentos, os quais serviam apenas de suporte para os comentários que lhe viriam do coração. Procedera a algumas alterações de última hora às suas notas. Não conseguia falar de musas, de amor e de beleza sem se referir ao anjo de olhos castanhos que se lhe entregara na noite anterior. Julia era a sua inspiração desde que a conhecera, tinha ela dezassete anos. A sua beleza, a bondade e a generosidade que a caracterizavam tinham tocado o coração de Gabriel, e ele guardara-a na sua memória como um talismã contra os demónios negros da dependência. Julia era tudo para ele, e Gabriel não deixaria de o dizer publicamente.

Depois de muitos louvores e muitos aplausos, ocupou o seu lugar no púlpito e dirigiu-se à plateia em italiano.

— A minha palestra, esta noite, será algo invulgar. Não sou historiador de arte, porém tenciono falar-lhes da musa de Sandro Botticelli, *La Bella Simonetta*. — Os seus olhos procuraram os de Julia.

Ela sorriu, esforçando-se por não corar. Conhecia a história de Botticelli e Simonetta Vespucci. Na corte de Florença, Simonetta fora conhecida como a Rainha da Beleza, até à sua morte prematura aos vinte e dois anos de idade. Ser comparada a Simonetta por Gabriel era, sem dúvida, um tremendo elogio.

— Abordo este tema controverso enquanto professor de Literatura,

escolhendo os trabalhos de Botticelli como representações de vários arquétipos femininos. De um ponto de vista histórico, tem-se debatido sobrejamente a relação entre Simonetta e Botticelli e até que ponto ela serviu de inspiração para os seus quadros. Procurarei contornar algumas destas divergências e chamar a vossa atenção para uma comparação visual objetiva de algumas figuras.

»Vou começar com a projeção de três imagens, onde reconhecerão ilustrações a tinta de Dante e Beatriz no Paraíso.

Gabriel não pôde deixar de admirar ele próprio as imagens, recordando a primeira vez que recebera Julianne na sua casa. Fora nessa noite que se apercebera de como queria agradecer-lhe, de como ela era linda quando estava feliz.

Ao contemplar a expressão serena de Beatriz, encontrou novamente as semelhanças entre o seu rosto e o de Julianne. Com a sua encantadora cabeça de perfil, Julia admirava, enlevada, os desenhos de Botticelli. Gabriel queria que ela se voltasse para ele.

— Reparem no rosto de Beatriz — disse, numa voz suave, quando os seus olhos finalmente se encontraram. — Um rosto tão belo...

»Começemos pela musa de Dante, pela figura de Beatriz. Estou certo de que ela não carece de apresentação, mas permitam-me que vos relembre que Beatriz representa o amor cortês, a inspiração poética, a fé, a esperança e a caridade. É o ideal de perfeição feminino: uma mulher inteligente e capaz de compaixão, e com o amor abnegado que só pode vir de Deus. Ela inspira Dante a ser um homem melhor.

Gabriel fez uma breve pausa para tocar na gravata; sabia que não precisava de ser endireitada, mas os seus dedos demoraram-se alguns instantes sobre a seda azul. Julia pestanejou ao ver aquele gesto, e Gabriel teve a certeza que ela o compreendera.

— Observemos agora o rosto da deusa Vénus.

Todos os olhos na sala, à exceção dos do orador, se voltaram para o *Nascimento de Vénus*. Gabriel consultou ansiosamente as suas notas, enquanto o público admirava aquela que era uma das maiores e mais belas obras de Botticelli.

— O rosto de Vénus parece ser o de Beatriz. Não estou, repito, interessado numa análise histórica dos modelos que posaram para o quadro. Estou apenas a chamar a vossa atenção para as visíveis semelhanças entre as duas figuras. Representam duas musas, dois tipos ideais, um teológico e um secular. Beatriz é a amante da alma; Vénus é a amante do corpo. *La Bella* de Botticelli tem ambas as faces — uma de amor sacrificial ou *agape*, e outra de amor sexual ou *eros*.

A voz de Gabriel tornou-se mais intensa, e Julia sentiu a sua pele aquecer.

— No retrato de Vénus, a ênfase situa-se na beleza física. Embora represente o amor sexual, a figura revela recato, segurando o cabelo de modo a cobrir-se. Reparem na expressão modesta, na mão que lhe repousa sobre o peito. A sua timidez não diminui o erotismo do retrato: acentua-o. — Tirando os óculos para criar um efeito dramático, Gabriel fitou Julia sem pestanejar. — Muitas pessoas ignoram como a modéstia e a brandura de temperamento contribuem para a atração erótica.

Julia contorcia o fecho da sua mala, resistindo à tentação de se remexer na cadeira. Gabriel voltou a pôr os óculos.

— *Eros* não é luxúria. Segundo Dante, a luxúria é um dos sete pecados mortais. O amor erótico pode incluir sexo mas não é limitado por este último. *Eros* é o fogo que tudo consome, a paixão e o afeto que se exprimem na emoção de *estar apaixonado*. E acreditem quando vos digo que vence todos os seus rivais, sob todos os aspetos.

Julia não pôde deixar de reparar no desdém com que Gabriel pronunciou a palavra “rivais”, pontuando a frase com um gesto da mão. Era como se pusesse de lado todas as amantes anteriores com um simples gesto, enquanto os seus ardentes olhos azuis se fixavam nela.

— Qualquer pessoa que já tenha estado apaixonada reconhece a diferença entre *eros* e luxúria. Não há comparação possível. A luxúria é a sombra vazia e frustrante de *eros*.

»Poder-se-á, claro, contrapor que é impossível uma pessoa, uma mulher, representar simultaneamente o ideal de *agape* e de *eros*. Se me permitem a liberdade, gostaria de dizer que vejo um tal ceticismo como uma forma de misoginia. Pois só um misógino defenderia que as mulheres ou são santas ou sedutoras, virgens ou meretrizes. Claro que uma mulher (ou um homem, já agora) pode ser ambas as coisas: a musa pode ser amante da alma e do corpo.

»Considerem agora o quadro atrás de mim, *Nossa Senhora da Romã*.

Mais uma vez, os olhos do público voltaram-se para a pintura de Botticelli. Gabriel reparou com satisfação que Julia tocava intencionalmente num dos seus brincos de diamante, como para lhe dizer que compreendia as suas revelações e que as apreciara. Como se soubesse que ele estava a servir-se da arte para expressar o seu amor por ela. Gabriel exultou.

— Aqui vemos a mesma cara repetida na figura de Nossa Senhora. Beatriz, Vénus e Maria: uma trindade de mulheres ideais, todas com o mesmo rosto. *Agape*, *eros* e a castidade, uma combinação arrebatadora que faria até o homem mais forte cair de joelhos, se tivesse a sorte de encontrar uma pessoa que reunisse estas três facetas.

Nesse instante, alguém tossiu na sala, como que a disfarçar um comentário depreciativo. Irritado por ser interrompido, Gabriel lançou um olhar

zangado na direção da segunda fila, por sobre o ombro de Julia. A tosse repetiu-se, acentuando o efeito dramático, e seguiu-se um duelo alimentado a testosterona entre Gabriel e um italiano claramente exaltado.

Consciente do microfone que tinha diante de si, Gabriel resistiu ao impulso de praguejar e, com um olhar severo ao seu detrator, continuou.

— Há quem defenda que foi uma romã, e não uma maçã, que tentou Eva no Jardim do Éden. Relativamente ao quadro de Botticelli, muitos consideraram que a romã simboliza o sangue de Cristo na sua agonia e a sua nova vida através da ressurreição.

»Na minha leitura, a romã representa o fruto edénico, a Virgem como segunda Eva e Cristo como o segundo Adão. Com a Virgem, Botticelli visita a primeira Eva, o arquétipo da feminilidade, da beleza e do companheirismo feminino. Irei ainda mais longe ao afirmar que Eva é também o ideal da amizade feminina, sendo amiga de Adão, e que por isso corresponde ao ideal de *philia*, o amor que emerge da amizade. A amizade entre Maria e José é igualmente uma manifestação deste ideal.

Sentindo a voz presa, Gabriel interrompeu-se por um instante para beber um pouco de água. Algo na comparação entre Julia e Eva o deixara vulnerável, despido, fazendo-o regressar à noite em que lhe oferecera uma maçã e a segurara nos seus braços sob as estrelas.

Começaram a ouvir-se murmúrios na assistência; o público perguntava-se por que razão uma pausa para beber água se transformara num intervalo. Ruborizado, Gabriel ergueu a cabeça para olhar uma vez mais para a sua amada, ansioso pela sua compreensão.

Os lábios rubi de Julia abriram-se num sorriso encorajador, e Gabriel respirou fundo.

— A musa de Botticelli é uma santa, uma amante, e uma amiga, não uma mulher de cartaz ou uma fantasia adolescente. É real, é complexa, e eternamente fascinante. Uma mulher para adorar.

»Como certamente estarão cientes, a precisão da língua grega permite que se fale com maior clareza a respeito dos diferentes tipos de amor. Poderão encontrar uma abordagem moderna desta questão na obra *The Four Loves*, de C.S. Lewis, caso estejam interessados.

Pigarreou e sorriu, triunfante, ao público.

— Peço-lhes, finalmente, que se detenham no quadro à minha esquerda, *Primavera*. Seria de esperar que encontrássemos o rosto da musa de Botticelli refletido na figura central do quadro. Mas reparem no rosto de Flora, à direita. Mais uma vez, encontramos a semelhança com Beatriz, Vénus e a Virgem.

»Por estranho que pareça, Flora surge duas vezes na pintura. Avançando do centro para a direita, vemos Flora grávida, o filho de Zéfiro no ventre.

Zéfiro encontra-se no extremo direito, pairando entre as laranjeiras com a segunda representação de Flora, desta vez enquanto ninfa virgem. A sua expressão é de medo; ela tenta escapar dos braços do seu futuro amante e olha-o em pânico. Porém, quando está grávida, tem um ar sereno. O medo deu lugar ao contentamento.

Julia corou ao recordar quão gentil Gabriel fora na noite anterior. Fora um amante terno e generoso, e Julia sentira-se adorada nos seus braços. Estremeceu ao lembrar-se do mito de Flora e de Zéfiro, pensando que todos os amantes deviam ser tão ternos com as suas parceiras virgens como Gabriel fora consigo.

— Flora representa a consumação do amor físico e a maternidade. É o ideal de *storge*, ou amor familiar, o tipo de amor de uma mãe pelo filho, e o tipo de amor que existe entre amantes unidos por um compromisso que não se baseia apenas no sexo ou no prazer, o compromisso de parceiros casados.

Ninguém, a não ser Julia, se apercebeu de como os nós dos dedos de Gabriel ficaram brancos quando ele agarrou o atril com ambas as mãos. E só Julia se deu conta do ligeiro tremor na sua voz ao pronunciar as palavras *grávida e maternidade*.

A testa de Gabriel enrugou-se enquanto ele se recompunha, remexendo nos seus papéis por alguns instantes. Julia apercebeu-se daquela vulnerabilidade, e lutou contra o impulso de correr para ele e de o abraçar. Pôs-se, então, a bater um dos seus sapatos cor de tangerina, expectante.

Vendo o seu movimento súbito, Gabriel engoliu em seco e prosseguiu.

— Nos primeiros escritos sobre *Primavera*, foi dito que Flora tinha o rosto de La Bella Simonetta, a musa de Botticelli. Se assim for, com base numa mera análise visual, podemos afirmar que Simonetta serviu de inspiração para Beatriz, para Vénus e para a Virgem, pois todas as quatro senhoras partilham o mesmo rosto

»Temos, assim, os ícones de *agape*, *eros*, *philia* e *storge* representados por um único rosto, por uma única mulher: Simonetta. Por outras palavras, Botticelli parece encontrar na sua adorada musa todos os quatro tipos de amor e todos os quatro ideais de mulher: santa, amante, amiga e esposa.

»Devo, por fim, regressar ao ponto em que começámos, e deter-me novamente em Beatriz. Não é por acaso que a inspiração por detrás de uma das principais obras literárias italianas mereceu o rosto de Simonetta. Perante uma tal beleza, uma tal bondade, que homem não quereria tê-la ao seu lado não apenas por algum tempo, mas por toda a vida?

Olhou em redor da sala com uma expressão grave.

— Para citar o Poeta, *agora aparece a tua bem-aventurança*. Obrigado.

Quando Gabriel terminou e um entusiástico aplauso tomou conta da sala, Julia pestanejou, emocionada, tentando conter as lágrimas.

O *dottore* Vitali regressou ao púlpito para agradecer ao professor Emerson a sua inspiradora palestra. Um pequeno grupo de políticos locais agraciou-o com vários presentes, entre os quais um medalhão com uma imagem da cidade de Florença.

Julia permaneceu no seu lugar tanto tempo quanto lhe foi possível, esperando que Gabriel viesse ao seu encontro. No entanto, ele viu-se rodeado de pessoas, incluindo vários historiadores de arte impertinentes.

(Pois era considerado ousado, senão arrogante, da parte de um mero professor de Literatura analisar as joias da coroa da coleção Uffizi.)

Com relutância, Julia aproximou-se, enquanto um grupo de repórteres o cercava de perguntas. Os seus olhares encontraram-se, e Gabriel esboçou-lhe um sorriso tenso, em jeito de desculpa, antes de posar para as fotografias.

Contrariada, Julia deambulou pelas salas adjacentes, contemplando os quadros expostos até se deter num dos seus favoritos, *A Anunciação* de Leonardo da Vinci. Estava diante do quadro, demasiado perto, na verdade, atentando no pormenor do pilar de mármore, quando alguém se lhe dirigiu em italiano.

— Gosta deste quadro?

Julia ergueu o olhar e deparou-se com um homem de cabelo preto e pele muito bronzeada. Era mais alto do que ela, mas não muito, e tinha uma constituição musculosa. Trazia um fato preto de aspeto muito caro, com uma rosa vermelha presa à lapela. Julia reconheceu-o como um dos convidados que tinham assistido à palestra na segunda fila.

— Gosto muito — respondeu, em italiano.

— Sempre admirei a profundidade que Da Vinci confere às suas pinturas. Acho particularmente interessante o sombreado e o pormenor no pilar.

— Era exatamente o que eu estava a apreciar, juntamente com as penas nas asas do anjo. São incríveis.

O cavalheiro fez uma pequena vénia.

— Permita-me que me apresente. O meu nome é Giuseppe Pacciani.

Julia hesitou, pois reconheceu o apelido. Era o mesmo apelido do homem que se suspeitava ser o *serial killer* mais famoso de Florença.

Giuseppe parecia estar à espera que ela se apresentasse, pelo que Julia resistiu à tentativa de fugir.

— Julia Mitchell. — Estendeu-lhe polidamente a mão, mas o homem surpreendeu-a agarrando-lhe a mão e levando-a aos lábios, olhando Julia nos olhos enquanto a beijava.

— Muito prazer. E não posso deixar de dizer que a sua beleza rivaliza com a de La Bella Simonetta. Especialmente à luz da palestra desta noite.

Julia desviou o olhar e apressou-se a libertar a mão.

— Permita-me que lhe peça uma bebida — disse o homem, acenando imediatamente a um empregado e tirando da bandeja duas *flûtes* de champagne. Tocou a taça de Julia com a sua e brindou à saúde de ambos.

Julia bebeu um pequeno gole do seu espumante *Ferrari*, satisfeita por poder distrair-se daquele olhar intenso. Parecia ser um cavalheiro, mas Julia sentia-se receosa, sobretudo por causa do seu nome.

Ele sorria-lhe avidamente.

— Sou professor de Literatura na universidade. E a Julia?

— Estou a tirar o mestrado em Dante.

— Ah, *il Poeta*. Também sou especialista em Dante. Onde está a estudar? Aqui não é de certeza. — O seu olhar percorreu todo o corpo de Julia, deslizando-lhe do rosto até aos sapatos e voltando a pousar-lhe no rosto.

— Na Universidade de Toronto — disse ela, dando um amplo passo atrás.

— Ah! É canadiana. Uma antiga aluna minha também está neste momento a estudar em Toronto. Talvez se conheçam. — Deu um passo à frente.

Julia decidiu não o corrigir a respeito da sua nacionalidade e recuou novamente.

— Não é muito provável. A Universidade de Toronto é um mundo.

Giuseppe sorriu, exibindo uma linha muito direita de dentes brancos que brilhavam estranhamente sob a luz do museu.

— Já viu *A Libertação de Andrómeda*, de Piero di Cosimo? — Apontou para um quadro próximo.

— Sim.

— Existem elementos flamengos nesta obra, está a ver? E repare nas figuras de pé na multidão. — Apontou um grupo no lado direito da pintura.

Julia deu um passo ao lado para conseguir ver melhor. Giuseppe pôs-se ao seu lado, demasiado perto, olhando-a.

— Gosta?

— Sim, mas prefiro Botticelli — respondeu Julia, mantendo os olhos obstinadamente no quadro, esperando que ele se cansasse de a olhar e se afastasse.

(De preferência para o outro lado do Arno.)

— É aluna do professor Emerson?

Julia engoliu em seco.

— Não, eu... Estudo com outra pessoa.

— Ele é considerado bom segundo os padrões norte-americanos, e por

isso foi convidado a cá vir. Esta palestra revelou-se, todavia, uma decepção. Como foi que a Julia descobriu Dante?

Julia ia rebater aquele comentário quando Giuseppe lhe tocou o cabelo.

Desviando-se, Julia deu um passo atrás, mas Giuseppe tinha os braços compridos e a sua mão alcançou-a ainda assim. No instante em que ela abria a boca para o censurar, um som gutural ecoou pela sala.

Giuseppe e Julia voltaram-se lentamente e depararam-se com Gabriel, olhos safira flamejando e as mãos nas ancas, abrindo o casaco como um leque de pavão.

Gabriel deu um ameaçador passo em frente.

— Vejo que teve a oportunidade de conhecer a minha *fidanzata*. Sugiro-lhe que tire as mãos de cima dela, a não ser que esteja preparado para as perder.

Giuseppe fez um ar furioso, e depois a sua expressão suavizou-se com um sorriso educado.

— Estamos a conversar há minutos. Ela não me disse que estava consigo.

Julia resolveu não esperar que Gabriel arrancasse os braços de Giuseppe e manchasse de sangue o prístino chão da galeria. Assim, pôs-se entre os dois homens e pousou uma mão no peito de Gabriel.

— Gabriel, deixa-me apresentar-te o professor Pacciani, que também é especialista em Dante.

Os dois homens trocaram um olhar, e só então Julia se deu conta de que Pacianni era o homem que tão rudemente interrompera a palestra a tossir e a sussurrar.

O italiano ergueu as mãos como se se rendesse, num gesto trocista.

— Mil desculpas. Devia ter percebido pelo modo como a olhou durante o seu... discurso... que ela era sua. Perdoe-me, *Simonetta*. — O seu olhar demorou-se em Julia, enquanto os seus lábios se entreabriam numa expressão de desdém.

Irritado pelo tom sarcástico, Gabriel deu um passo à frente, punhos cerrados.

— Querido, preciso de encontrar onde largar a taça — interveio Julia, abanando a sua *flûte* vazia, na esperança de distrair os dois homens.

Gabriel pegou na taça e pô-la na mão de Pacciani.

— De certeza saberá onde pôr isto.

Agarrou a mão de Julia e levou-a dali. Atravessaram a sala Botticelli, os convidados abrindo alas para os deixar passar. Julia viu os rostos surpresos que se voltavam para eles e corou ainda mais.

— Aonde vamos?

Gabriel levou-a para o corredor com chão de mosaicos e dirigiu-se

para o extremo oposto, até estarem suficientemente longe para que os outros convidados não os ouvissem. Puxando Julia para um canto escuro, colocou-a entre duas grandes estátuas de mármore sobre colunas. Entre as esculturas, Julia parecia muito pequena.

Gabriel tirou-lhe a bolsa da mão e atirou-a para o lado. O som da pele a bater no chão ecoou pelo corredor.

— Que estavas a fazer com aquele homem? — Gabriel tinha o olhar irado e as faces ligeiramente afogueadas, o que era raro nele.

— Estávamos só a fazer conversa de circunstância, até que ele...

Gabriel puxou-a para um beijo ardente, enfiando-lhe uma mão no cabelo enquanto a sua outra mão lhe deslizava pelo vestido abaixo. A força do contacto obrigou-a a recuar, até que Julia sentiu a parede fria da galeria na pele nua dos seus ombros. Num movimento brusco, o corpo duro de Gabriel colou-se ao dela.

— Não quero voltar a ver as mãos de outro homem em ti.

Gabriel abriu-lhe a boca de um modo rude, penetrando-a com a língua, e a sua mão deslizou-lhe até ao fundo das costas, começando a massajar-lhe as nádegas.

Julia apercebeu-se instantaneamente de que ele fora cuidadoso de todas as vezes em que a tocara até então. Agora não estava a ser cuidadoso. Parte dela estava ansiosa, desesperada por ele. Outra parte perguntava-se o que faria Gabriel se ela lhe dissesse que parasse...

Levantando-lhe a perna esquerda, Gabriel colou a coxa dela à sua anca e pressionou-a contra a parede.

Julia sentia-o através do vestido, e ouvia o tafetá roçar como uma mulher ofegante. Era óbvio que o vestido queria mais.

— Que tenho de fazer para seres minha? — gemeu Gabriel, sem parar de a beijar.

— Eu *sou* tua.

— Esta noite, parece que não és — balbuciou, puxando o lábio inferior de Julia para a sua boca e mordiscando-o ao de leve. — Não percebeste nada do que eu disse durante a palestra? Era tudo para ti, cada palavra, cada quadro. — A sua mão deslizou pelo vestido de Julia, acariciando-lhe a coxa até se deter no fio que lhe rodeava a anca.

Recuou para a olhar.

— Hoje não trazes meias de liga?

Ela abanou a cabeça.

— Então, o que é isto? — Puxou o fio.

— *Cuecas* — disse Julia, arquejando.

Os olhos dele brilharam na semiescuridão.

— *Que tipo de cuecas?*

— Uma tanga.

Gabriel sorriu perigosamente, encostando em seguida os lábios à orelha dela.

— Devo partir do princípio de que vestiste isto para mim?

— Só para ti. Sempre.

Sem aviso, Gabriel ergueu-a nos braços, encostando-a à parede fria. Beijando-lhe o pescoço, uniu as suas ancas às dela. Os sapatos de salto alto tangerina apoiaram-se no seu traseiro. Os seus olhos azuis desvairados ficaram Julia.

— Quero-te. Agora.

Com uma mão, puxou o fio das cuecas até as romper. Enfiou a tanga no bolso do casaco e os saltos dela moveram-se, fincando-se-lhe nas nádegas até o fazerem estremecer.

— Fazes ideia de como me foi difícil controlar-me depois de discursar? De como queria apertar-te nos meus braços? Toda aquela conversa foi um suplício, quando o que eu queria era isto.

»Quem me dera que visses como estás sensual... As costas contra a parede, as pernas à minha volta. Quero ter-te assim, mas a arquejares o meu nome.

Sentindo a língua dele na cavidade sob a sua garganta, Julia fechou os olhos. Lutando contra o desejo, a sua mente incitava-a a afastar-se e a refletir um pouco. Naquele estado de espírito, Gabriel era perigoso.

Subitamente, ouviram-se vozes no corredor. Julia abriu os olhos.

O som de passos e risos aproximava-se. Gabriel levantou a cabeça, encostando a boca ao ouvido dela.

— Nem um ruído — sussurrou-lhe. Julia sentiu os lábios dele arquearem-se num sorriso rente à sua pele.

Os passos detiveram-se a poucos metros do sítio onde estavam, e Julia ouviu duas vozes de homem falando italiano. Com o coração a bater cada vez mais depressa, esforçou-se por detetar quaisquer sinais de movimento. Gabriel continuava a acariciá-la delicadamente, engolindo os seus sons. De tempos a tempos, murmurava-lhe palavras sensuais, que a faziam corar.

Um dos homens deu uma gargalhada bem audível. Julia ergueu a cabeça, em sobressalto, e Gabriel aproveitou para lhe beijar a garganta, mordiscando-lhe a pele macia.

— Por favor, nada de mordedelas.

As vozes ecoavam em redor deles. Gabriel precisou de alguns segundos, mas as palavras de Julia acabaram por alcançá-lo, mesmo no estado de desatino em que se encontrava. Afastou a cara do pescoço dela.

Sentia o coração dela bater contra o seu peito. Fechou os olhos, como

que hipnotizado por aquele ritmo *staccato*. Quando voltou a abrir os olhos, o fogo quase se extinguiu.

Julia ocultara cuidadosamente a mordedura de Simon com base, mas Gabriel encontrou a marca com um dedo, tocando-lhe ao de leve antes de a beijar. Respirou fundo, devagar, muito devagar, e abanou a cabeça.

— És a única mulher que alguma vez me disse “não”.

— Não estou a dizer “não”.

Espreitando por sobre o ombro, Gabriel viu dois cavalheiros de uma certa idade a conversar animadamente. Estavam suficientemente perto para o verem, se olhassem na sua direção.

Voltou-se para Julia, com um sorriso triste.

— Mereces melhor do que um amante ciumento a possuir-te contra uma parede. E não acho boa ideia sermos apanhados pelo nosso anfitrião. Desculpa-me.

Beijou-a e passou-lhe o polegar pelo lábio inferior ligeiramente inchado, limpando a mancha de batom da sua pele branca.

— Não vou destruir a confiança que vi nos teus olhos na noite passada. Quando tiver a cabeça no sítio e o museu estiver por nossa conta... — A fantasia deixou-lhe o olhar sombrio. — Numa outra vez, quem sabe.

Descalçou-lhe os sapatos e pousou-a no chão, curvando-se para lhe endireitar o vestido. O tafetá roçou, um suspiro sob as suas mãos, e depois silenciou-se, com tristeza.

Felizmente, o *dottore* Vitali e o seu companheiro decidiram nesse momento regressar à festa, e o ruído dos seus passos foi-se tornando mais distante, à medida que avançavam pelo corredor.

— O banquete começa daqui a pouco. Não posso insultá-los indo-me embora. Mas quando chegarmos ao hotel... — Os seus olhos fixaram Julia. — A parede ao lado da porta do quarto vai ser a nossa primeira paragem.

Julia anuiu, aliviada por ele já não estar zangado. Na verdade, a ideia de *sexo contra a parede* deixara-a um pouco nervosa, mas bastante entusiasmada.

Gabriel ajeitou as calças e abotoou o fato do casaco, forçando o seu corpo a acalmar-se. Tentou alinhar o cabelo, mas apenas conseguiu ficar ainda mais com o aspeto de quem arrastara a namorada até um canto escuro para fazer sexo de museu.

Sexo de museu é algo de que se arrependem certos académicos. (Mas não deve ser criticado antes de ser experimentado.)

Julia alisou-lhe o cabelo e endireitou-lhe a gravata, certificando-se de que ele não tinha marcas de batom na cara ou no colarinho. Depois, Gabriel apanhou a bolsa e a capa do chão, entregando-as a Julia com um beijo.

Sorrindo maliciosamente, empurrou as cuecas para o fundo do bolso do casaco, de modo a que não se vissem.

Julia deu um passo à frente, apercebendo-se, para sua surpresa, de que a ausência de cuecas era uma experiência bastante libertadora.

— Era capaz de te beber como se fosses champanhe — murmurou-lhe Gabriel.

Julia pôs-se em bicos de pés e deu-lhe um beijo na cara.

— Gostava que me ensinasses essas tuas técnicas de sedução.

— Só se me ensinares a amar como tu amas.

Gabriel conduziu-a ao longo do corredor deserto e desceram a escada para o primeiro andar, onde o banquete estava a ter início.

Era de madrugada quando o professor Pacciani caminhou tropegamente até ao seu apartamento junto ao Palácio Pitti. Era algo que acontecia com frequência.

Tateou à procura das chaves, praguejou ao deixá-las cair, e entrou finalmente em casa, fechando a porta. Encaminhou-se para o pequeno quarto onde os seus filhos gémeos, de quatro anos, dormiam, e beijou-os. Depois, arrastou-se até ao escritório.

Fumou calmamente um cigarro, enquanto esperava que o computador se ligasse, e foi diretamente para o seu *e-mail*. Ignorou a caixa de entrada e redigiu uma mensagem breve para uma antiga aluna e amante. Não tinham mantido contacto desde que ela acabara o curso.

Referiu que conhecera o professor Emerson e a sua muito jovem *fidanzata* canadiana. Comentou que embora tivesse ficado impressionado com o livro de Emerson publicado na Oxford University Press, a palestra do professor tresandara a pseudointelectualidade e não era digna do meio académico. Ou se era um intelectual e um académico, ou se era um orador e um *entertainer*, mas não ambas as coisas. Num tom grosseiro, Pacciani perguntava se era aquilo que passava por excelência nas universidades norte-americanas.

Concluiu o seu *e-mail* com a sugestão pormenorizada de um encontro sexual futuro, perto do verão, possivelmente. Depois, terminou o seu cigarro no escuro e foi ter com a mulher à cama matrimonial.

Capítulo Três

Christa Peterson tivera uma educação privilegiada, pelo que não havia desculpa para a sua natureza vil. Tinha uns pais que se amavam e que amavam profundamente a sua única filha. O seu pai era um respeitado oncologista de Toronto. A mãe era bibliotecária em Havergal College, um colégio privado, de elite, para raparigas, que Christa frequentara desde o jardim de infância até ao décimo segundo ano.

Christa também frequentara a catequese. Pertencia à Igreja Anglicana. Estudara o *Livro de Oração Comum* de Thomas Cranmer, mas nada daquilo tocara o seu coração. E aos quinze anos de idade, Christa descobrira o poder imenso da sexualidade feminina. Desde essa descoberta, o sexo tornara-se não apenas a sua moeda de troca mas também a sua arma de eleição.

A sua melhor amiga, Lisa Malcolm, tinha um irmão mais velho chamado Brent. Era um rapaz atraente, semelhante a tantos outros vindos do Upper Canada College, um colégio privado para rapazes de velhas famílias endinheiradas do Canadá. Brent tinha cabelo louro e olhos azuis e um porte atlético. Pertencia à equipa masculina de remo da Universidade de Toronto e podia facilmente ter figurado num anúncio da *J.Crew*.

Christa admirara Brent à distância, porém, devido à diferença de quatro anos que os separava, ele nunca reparara nela. Mas uma noite, tendo ficado a dormir em casa de Lisa, Christa cruzara-se com Brent a caminho da casa de banho. Ele ficara impressionado com o seu longo cabelo escuro, com os seus grandes olhos castanhos e com o seu corpo núbil. Beijara-a delicadamente no corredor e tocara-lhe os seios com dedos hesitantes. Depois segurara-lhe na mão e convidara-a para o seu quarto.

Ao fim de meia hora a beijarem-se e a sentirem o corpo um do outro através das roupas, Brent estava ansioso por levar as coisas mais longe.

Christa hesitou, pois era virgem, e então Brent começou a fazer promessas loucas, extravagantes: presentes, encontros românticos e, por fim, um imaculado relógio *Baume & Mercier* que os pais lhe tinham oferecido quando fizera dezoito anos.

Christa já admirara aquele relógio. Sabia bem do que se tratava, pois Brent estimava-o muito. Na verdade, Christa quase queria o relógio mais do que o queria a ele.

Brent prendeu-lhe o relógio ao pulso e Christa olhou-o, maravilhada com a sensação fria do aço sobre a sua pele, vendo-o deslizar para cima e para baixo no seu braço estreito. Era uma prova do que Brent sentia. Ele desejava-a tanto que estava disposto a dar-lhe um dos seus bens mais preciosos.

O gesto fê-la sentir-se desejada. E poderosa.

— És tão linda — murmurou-lhe Brent. — Não vou magoar-te. Valha-me Deus, quero-te tanto. E prometo que vais sentir-te bem.

Christa sorriu e deixou que Brent a pousasse na sua cama estreita como se ela fosse um sacrifício inca num altar, e deu-lhe a sua virgindade em troca de um relógio de três mil dólares.

Brent cumpriu a sua palavra. Foi meigo. Não se apressou. Beijou-a e explorou-lhe delicadamente a boca. Venerou-lhe os seios. Preparou-a com os seus dedos e certificou-se de que Christa estava pronta para o receber. Quando entrou nela, fê-lo cuidadosamente. Não houve sangue. Apenas duas grandes mãos descrevendo círculos nas suas ancas e uma voz grave que lhe murmurava instruções, explicando-lhe como relaxar, até que o desconforto desapareceu.

Como prometido, Brent fê-la sentir-se bem. Fê-la sentir-se bonita e especial. E quando terminou, abraçou-a durante toda a noite. Porque, embora movido por necessidades carnis, Brent não era uma alma cruel.

Repetiriam aquele ato muitas vezes ao longo dos três anos seguintes, apesar de outros envoltimentos românticos. Antes de entrar nela, Brent punha-lhe sempre um presente na mão.

Não tardou a ser seguido pelo senhor Woolworth, o professor de Matemática de Christa no décimo primeiro ano. Com Brent, Christa aprendera muito sobre os homens, aprendera a ler as suas vontades e os seus desejos, a tentá-los, a provocá-los e a seduzi-los.

Christa provocou o senhor Woolworth até o homem fraquejar e lhe implorar que se encontrasse com ele num hotel depois das aulas. Christa gostava de ouvir os homens implorar. No modesto quarto de hotel, o professor surpreendeu-a com um colar de prata da Tiffany. Pôs-lhe a joia delicada em redor do pescoço e beijou-a delicadamente. Em troca, Christa deixou que ele lhe explorasse o corpo durante horas, até adormecer, exausto e saciado.

Woolworth não era tão bonito como Brent, mas era muito mais experiente. Por cada novo presente que lhe trazia, Christa deixava-o tocar-lhe de novas e velhas maneiras. Quando a aventura terminou e Christa se mudou para o Quebec para frequentar a Universidade de Bishop, levava na mala uma numerosa coleção de joias e um vasto conhecimento sobre sexo. Tornara-se, além disso, uma daquelas poucas mulheres que encaravam o papel da sedutora devoradora de homens como algo a emular.

Quando obteve o grau de mestre em Estudos Renascentistas na Università degli Studi di Firenze, o seu padrão de relações estava definido. Christa preferia homens mais velhos, homens em posições de poder. Sentia-se excitada por casos proibidos — quanto mais remotos e mais improváveis, melhor.

Tentou durante dois anos seduzir um padre designado para o Duomo, em Florença, e, mesmo antes de acabar o mestrado, foi bem-sucedida. Ele possuiu-a na cama de solteiro do seu pequeno apartamento, mas antes de sequer lhe tocar, depositou entre os seus dedos longos e quentes um pequeno ícone pintado por Giotto. Era um objeto de valor incalculável. Mas, pensou Christa, o mesmo se podia dizer dela. Se queriam tê-la, havia um preço a pagar. E Christa acabava sempre por conseguir levar para a cama os homens que desejava.

Até ao primeiro ano do doutoramento na Universidade de Toronto, quando conheceu o professor Gabriel O. Emerson. Era, de longe, o homem mais atraente e mais sensual que ela alguma vez conhecera. E parecia ser muito sexual. Transpirava por todos os poros uma carnalidade rude, latente. Algo que Christa quase podia cheirar.

Observou-o no seu bar favorito. Apercebeu-se da sua abordagem furtiva, sedutora, e de como as mulheres reagiam à sua presença. Estudou-o com o afínco com que estudava italiano, e pôs os seus conhecimentos em prática.

Mas ele repelia-a. Nem reparava no seu corpo. Olhava-a friamente, como se ela nem fosse uma mulher.

Christa começou a vestir-se de forma mais provocante. Os olhos de Emerson não passavam do seu pescoço para baixo.

Tentou mostrar-se doce e submissa. Ele reagiu com impaciência.

Fez-lhe biscoitos e começou a deixar-lhe mimos culinários na sua caixa de correio do departamento. As guloseimas ficavam ali semanas sem que ele lhes tocasse, até que a senhora Jenkins, a secretária do departamento, as atirava para o lixo, receando uma infestação de vermes.

Quanto mais o professor Emerson a rejeitava, mais Christa o desejava. Quanto mais obcecada ficava, menos se preocupava em obter presentes.

Entregar-se-lhe-ia sem receber nada em troca, só queria que ele a olhasse com desejo.

Mas ele não fazia tal coisa.

Assim, no outono de 2009, quando teve a oportunidade de se encontrar com ele no Starbucks para falarem sobre a sua dissertação, Christa esperava que a reunião se prolongasse com um jantar e, possivelmente, com uma visita ao Lobby. Mostrar-se-ia muito bem-comportada, mas seria sedutora. Se tudo corresse bem, ele acabaria por não lhe resistir.

Como preparação para o encontro, gastou seiscentos dólares numa combinação *Bordelle* preta e numas meias de liga da mesma cor. Optou por não comprar as cuecas que completavam o conjunto. Mal as ligas lhe roçavam na pele, Christa sentia que o seu corpo se incendiava. Mal podia esperar para ter o professor Emerson a soltar-lhe as ligas, de preferência com os dentes.

Infelizmente para Christa, Paul e Julia tinham decidido ir ao Starbucks precisamente na mesma altura. Christa sabia bem que qualquer atitude imprópria da sua parte seria notada pelos colegas. Pela mesma razão, o professor Emerson seria ainda mais profissional do que habitualmente.

Então, quando se deparou com Paul e com Julia, Christa ficou pior do que fula. Decidiu insultá-los a ambos, para ver se desapareciam antes de Emerson chegar. No entanto, a tentativa de intimidar os colegas voltou-se contra Christa. O professor Emerson chegou mais cedo do que o previsto, e ouviu-a.

— Menina Peterson. — Gabriel apontou para uma mesa bem distante de Paul e de Julia e fez sinal a Christa para que o seguisse.

— Professor Emerson, comprei-lhe um *cappuccino* com leite magro. — Tentou dar-lhe o copo, mas Gabriel rejeitou-o com um gesto da mão.

— Só os bárbaros bebem café com leite depois do pequeno-almoço. Nunca estive em Itália? E a propósito, menina Peterson. O leite magro é para imbecis. Ou para raparigas gordas.

Deu meia-volta e dirigiu-se ao balcão para pedir um café, enquanto Christa tentava disfarçar a sua raiva.

Maldita sejas, Julianne. Tudo isto por culpa tua. Tua e do monge.

Christa sentou-se na cadeira que Emerson lhe indicara, sentindo-se quase vencida. Quase, pois do lugar onde estava sentada tinha uma bela vista do traseiro do professor Emerson nas suas calças cinzentas de fazenda. Como duas maçãs. Duas maçãs maduras, deliciosas.

Christa queria dar-lhes uma dentada.

Ao fim de algum tempo, o professor regressou com o seu maldito café. Sentou-se tão longe dela quanto possível, embora estivessem, tecnicamente, a partilhar a mesma mesa, e fitou-a com um ar severo.

— Tenho de me pronunciar a respeito do seu comportamento. Mas antes de o fazer, quero deixar algo bem claro. Aceitei encontrar-me consigo aqui, hoje, porque *me apetecia* tomar um café. De futuro, as nossas reuniões terão lugar no departamento, como é habitual. As suas óbvias tentativas de arquitetar encontros sociais comigo serão infrutíferas. Compreende?

— Sim, senhor.

— Uma palavra minha, e terá de arranjar outro orientador de tese. — Pigarreou. — Daqui para a frente, referir-se-á a mim como “professor Emerson”, mesmo quando se dirigir a terceiros. Fiz-me entender?

— Sim, professor Emerson. — *Ohhhh, professor. Não faz ideia de como quero gritar o seu nome... Professor, professor, professor...*

— Além disso, abster-se-á de fazer comentários pessoais sobre outros alunos meus, especialmente sobre a menina Mitchell. Ficou claro?

— Sim.

Agora Christa estava praticamente a espumar de raiva, mas manteve a compostura. Deitou as culpas a Julia. Queria vê-la expulsa do programa. Só não sabia como alcançar semelhante objetivo. Ainda.

— Finalmente, qualquer comentário que ouça da minha parte a respeito de qualquer aluno ou funcionário da universidade deverá ser tomado como confidencial e não será repetido, ou terá mesmo de encontrar outro orientador. Considera-se inteligente o bastante para seguir estas instruções tão simples?

— Sim, professor. — Christa sentiu que os cabelos se lhe eriçavam ao ser tratada com tamanha condescendência, mas, verdade seja dita, achava aquele mau humor muito sensual. Queria provocar Emerson até ele ficar bem-humorado. Queria seduzi-lo e levá-lo a fazer-lhe coisas indescritíveis, e...

— Quaisquer outros insultos dirigidos a alunos do mestrado serão comunicados ao professor Martin, o diretor do departamento. Creio que estará a par do regulamento a que estão sujeitos os alunos de pós-graduação. Será preciso lembrá-la das proibições relativas a praxes e outras formas de humilhação?

— Mas eu não estava a humilhar a Julia, simplesmente...

— Nada de queixinhas. E duvido que a menina Mitchell lhe tenha dado permissão para a tratar pelo primeiro nome. Vai começar a falar-lhe como deve ser ou não falará de todo com ela.

Christa baixou a cabeça. Aquele tipo de ameaças já não tinha nada de sensual. Trabalhara arduamente para ser admitida naquele curso de doutoramento na Universidade de Toronto, e não deixaria que a oportunidade lhe escapasse por entre os dedos. Não por causa duma cabrazita que andava metida com o assistente do professor.

Gabriel viu a reação de Christa mas nada disse, continuando a bebericar o seu café. Não sentia remorsos e começava a perguntar-se o que seria preciso para a fazer chorar.

— Julgo que conhece a política da universidade relativamente ao assédio. Aplica-se a ambas as partes. Os professores também podem apresentar queixa se considerarem que estão a ser assediados por estudantes. Se pisar o risco comigo, levo-a ao gabinete do decano num piscar de olhos. Entendido?

Christa levantou o queixo e fitou-o com os olhos muito abertos, assustados.

— Mas nós... Pensei que...

— Mas nada! — ripostou Gabriel. — A não ser que esteja a delirar, perceberá que não existe *nós*. Não vou repetir-me. Conhece a minha posição.

Gabriel olhou para Julia e Paul uma última vez.

— Agora que terminámos as amabilidades do dia, gostava de lhe dizer o que pensei da sua última proposta de tese. Não presta. Em primeiro lugar, a sua tese não é original. Segundo, não apresentou uma análise literária que esteja perto de ser adequada. Se não conseguir alterar a proposta de modo a resolver estas questões, não aceito orientar-lhe a tese. Se decidir apresentar-me uma proposta revista, terá de o fazer num prazo de duas semanas. Agora, se me dá licença, tenho uma reunião que realmente vale o meu tempo. Boa-tarde.

Gabriel saiu abruptamente do Starbucks, deixando Christa em estado de choque a olhar para o vazio.

Ouvira parte do discurso de Emerson, claro, mas tinha outras coisas no pensamento. Em primeiro lugar, tinha de se vingar de Julia. Não sabia como nem quando. Mas havia de desfazer aquela cabra (metaforicamente falando) e de a esquartejar (também num sentido metafórico).

Em segundo lugar, iria rescrever a sua proposta de tese e conquistar a aprovação do professor Emerson.

Terceiro, redobraria os seus esforços de sedução. Agora que vira o professor zangado, queria, mais do que nunca, vê-lo zangado com ela — *mas nu*. Havia de o fazer mudar de ideias. Havia de vencer aquela fachada de pedra. Havia de o ter ajoelhado aos seus pés, a suplicar-lhe, e nessa altura...

Era evidente que os saltos de dez centímetros e o conjunto *Bordelle* não eram suficientes. Christa iria imediatamente a Holt Renfrew para comprar um vestido novo. Algo europeu. Algo *sexy*. Algo *Versace*.

Depois iria ao Lobby, onde o seu terceiro esquema seria posto em prática...

Capítulo Quatro

No *penthouse* de um hotel em Florença, havia roupas caídas pelo chão da sala, como um rasto de migalhas de pão, entre a porta e uma parede que já não estava vazia. Gemidos ritmados pairavam no ar, flutuando sobre uns elegantes sapatos de homem, um sutiã preto, um fato feito por medida atirado para cima de uma mesa de café, um vestido de tafetá amarrotado num charco azul-santorini. . .

Um detetive teria notado a ausência de umas cuecas e de uns sapatos de senhora.

Respirava-se o perfume de flores de laranjeira e *Aramis*, à mistura com o odor almiscarado de suor e pele nua. Estava escuro. Nem a luz do luar que vinha do terraço alcançava a parede onde dois corpos nus se abraçavam. O homem estava de pé, suportando a mulher, cujas pernas lhe rodeavam a cintura.

— Abre os olhos. — O pedido de Gabriel foi pontuado por uma cafonhia, pele roçando em pele, gemidos desesperados abafados por lábios, o sorver rápido de oxigénio, a fricção ligeira das costas de Julia na parede.

Julia ouvia Gabriel gemer a cada impulso, mas não conseguia falar, concentrada como estava numa única sensação: *prazer*. Era o que sentia a cada movimento do seu amante, e delirava até com a fricção do peito dele no seu, e com o toque das suas mãos enquanto a sustinha. Julia dançava à beira da satisfação, ofegando de expectativa, esperando o movimento que a faria mergulhar. Quase, quase, quase. . .

— Estás. . . bem? — Gabriel arquejava, e a sua pergunta terminou num grito, quando Julia rodou ligeiramente os tornozelos e os seus saltos agulha se lhe fincaram nas nádegas.

Atirando a cabeça para trás, Julia balbuciou incoerentemente ao atingir o orgasmo, quando ondas intensas se lhe propagaram através dos nervos

até o seu corpo inteiro vibrar. Gabriel apercebeu-se, claro, e seguiu-a de perto; dois impulsos fortes e, encostando a boca ao pescoço dela, gritou o seu nome, sentindo todo o seu corpo tremer.

— Deixaste-me preocupado — murmurou-lhe, depois. Deitou-se de costas no centro da espaçosa cama branca, enquanto Julia se aninhava ao seu lado, sonolenta, pousando-lhe a cabeça sobre a tatuagem.

— Porquê?

— Não abrias os olhos. Não falavas. Fiquei com medo de estar a magoar-te.

A mão de Julia deslizou-lhe pelo abdómen, sentindo os escassos pelos abaixo do umbigo, acariciando-o preguiçosamente.

— Não me magoaste. Desta vez, foi diferente... mais intenso. De cada vez que te movias, a sensação era incrível. Não conseguia abrir os olhos.

Gabriel sorriu para consigo, aliviado, e beijou-lhe a testa.

— Naquela posição, o contacto é mais profundo. E depois de todos aqueles preliminares no museu... Não consegui largar-te durante o jantar.

— Isso foi porque sabias que eu estava sem cuecas.

— Isso foi porque te desejo. Sempre. — Esboçou um sorriso.

— Cada vez contigo é melhor do que a anterior — segredou-lhe Julia.

A expressão de Gabriel tornou-se ansiosa.

— Mas nunca dizes o meu nome.

— Digo o teu nome a toda a hora. Qualquer dia ainda te fartas e me pedes que te arranje uma alcinha qualquer, como Gabe, ou Dante, ou *O Professor*.

— Não é a isso que me refiro. Nunca dizes o meu nome quando... quando te vens.

Julia levantou o queixo e olhou-o. A sua expressão combinava com o tom em que falara. Gabriel parecia melancólico, vulnerável. A máscara confiante caíra por instantes.

— Para mim, o teu nome é sinónimo de “orgasmo”. Vou começar a chamar-lhes *Emergasmos*.

Gabriel riu com vontade, uma gargalhada que lhe sacudiu o peito e obrigou Julia a sentar-se na cama. Riu com ele, grata por aquele momento de melancolia ter passado.

— Tem um excelente sentido de humor, menina Mitchell. — Levantou-lhe o queixo para poder beijá-la nos lábios uma vez mais, depois do que se recostou nas almofadas e caiu no sono.

Julia ficou acordada ainda algum tempo, contemplando o rapazinho ansioso e inseguro que se revelava em momentos raros e inesperados.

Na manhã seguinte, Gabriel mimou Julia com o seu pequeno-almoço favorito no Café Perseo, uma elegante gelataria na Piazza Signoria. Senta-

ram-se no interior, porque as temperaturas habituais de dezembro tinham regressado, e estava um tempo chuvoso e frio.

Podia-se olhar para a praça todo o dia, todos os dias, a ver o mundo passar lá fora. A praça era delimitada por edifícios antigos; a Galeria Uffizi ficava ao dobrar da esquina. Havia uma fonte impressionante e belas estátuas, incluindo uma cópia do *David* de Miguel Ângelo e uma estátua de Perseu segurando a cabeça da Medusa diante de uma bela arcada.

Julia evitou admirar Perseu enquanto comia o seu gelado. Gabriel evitou olhar para as legiões de belas mulheres florentinas para contemplar a sua amada. Sofregamente.

— De certeza que não queres provar? A framboesa liga muito bem com o limão. — Estendeu-lhe uma colher com os dois sabores misturados.

— Oh, claro que quero provar. Mas não disse. — Os olhos de Gabriel cintilavam. — Prefiro algo um pouco mais *exótico*. — Empurrou a sua chávena de café para o lado para segurar a mão de Julia. — Obrigado pela noite passada e por esta manhã.

— Acho que eu é que devia agradecer-lhe, professor. — Apertou-lhe a mão e voltou a concentrar-se no seu pequeno-almoço. — Admira-me que o contorno do meu corpo não tenha ficado na parede do nosso quarto — disse, rindo e estendendo a Gabriel uma colherada de gelado.

Ele aceitou, e quando o viu passar a língua pelos lábios, Julia sentiu-se aturdida. Veio-lhe ao pensamento uma série de imagens dessa manhã. E uma delas ficou.

Ó deuses dos namorados-deuses-do-sexo que gostam de dar prazer às suas amantes, obrigada por esta manhã.

Engoliu com força.

— Sabes, foi a minha primeira vez.

— Não será a última. Prometo. — Gabriel lambeu os lábios provocadamente, querendo vê-la estremecer.

Julia inclinou-se para lhe dar um beijo na cara, mas Gabriel não se contentava com tão pouco. Pôs-lhe uma mão na nuca e puxou-a para si.

A boca dela estava doce do gelado e tinha o sabor único de Julia. Gabriel gemeu ao libertá-la, desejando poder levá-la de volta para o hotel, para uma repetição da noite anterior, ou talvez para o museu...

— Posso fazer-te uma pergunta? — Julia pôs-se a revolver a colher na taça, para não ter de o encarar.

— Claro.

— Porque disseste que eu era tua noiva?

— *Fidanzata* tem vários significados.

— O principal significado é “noiva”.

— *Ragazza* não exprime a profundidade da nossa ligação. — Gabriel

contorcia os dedos nos seus sapatos novos, apertados, e contraiu os lábios, enquanto pensava no que dizer a seguir, se é que devia sequer falar. Optou por ficar em silêncio, remexendo-se na cadeira.

Julia notou aquilo que julgou ser um desconforto físico.

— Desculpa pelos meus saltos.

— O quê?

— Vi as marcas nas tuas nádegas, quando estavas a vestir-te, esta manhã. Não queria magoar-te.

Gabriel fez um sorriso malicioso.

— Ossos do ofício para quem é obcecado por saltos altos. Suporto os meus ferimentos de amor com orgulho.

— Vou ter mais cuidado, da próxima vez.

— Espero bem que não tenhas.

Julia abriu muito os olhos ao aperceber-se do súbito lampejo de paixão nos olhos dele.

Gabriel beijou-a e depois segredou-lhe ao ouvido:

— Vou comprar-te umas botas com saltos ainda mais altos, e depois quero ver o que consegues fazer com elas.

Enquanto atravessavam a Ponte Vecchio debaixo do mesmo guarda-chuva, Gabriel insistiu em levá-la de loja em loja, tentando-a a aceitar uma joia extravagante de presente: reproduções etruscas, moedas romanas, colares de ouro. Mas Julia limitava-se a sorrir e recusava todas as sugestões, apontando os brincos de Grace e dizendo que aquela joia era mais do que suficiente. O seu desprendimento dos bens materiais apenas fazia Gabriel querer acumulá-los aos seus pés.

Quando chegaram ao centro da ponte, Julia segurou-o pelo braço e conduziu-o até ao muro, para apreciarem o Arno.

— Há algo que podias comprar-me, Gabriel.

Ele fitou-a, intrigado, notando como o ar fresco de Florença lhe afoqueava a pele. Julia era bondade, luz, calor e suavidade. Mas terrivelmente teimosa.

— É só dizeres.

Julia passou a mão pela barreira que a separava do extremo da ponte.

— Quero tirar a minha cicatriz.

Gabriel quase ficou surpreso. Sabia que Julia tinha vergonha da marca deixada pelos dentes de Simon. Ainda nessa manhã a vira a aplicar base sobre a cicatriz, e apercebera-se das lágrimas nos seus olhos quando lhe perguntara se estava melhor.

Julia desviou o olhar.

— Não gosto de olhar para ela — continuou. — E também não gosto que tu tenhas de a ver. Quero que desapareça.

— Podemos procurar um cirurgião plástico em Filadélfia, quando lá formos, pelo Natal.

— Já vamos por tão pouco tempo... Não quero fazer isso ao meu pai. Nem à Rachel.

Gabriel passou o guarda-chuva para a outra mão e abraçou-a. Quando a beijou, os seus lábios deslizaram-lhe pelo pescoço, até encontrarem a cicatriz.

— Tenho muito gosto em fazer isso por ti, e muito mais. Basta pedires. Mas também tenho um pedido a fazer-te.

— O quê?

— Gostava que falasses com alguém. Sobre aquilo por que passaste.

Julia baixou os olhos.

— Falo contigo.

— Quero dizer, alguém que não seja um imbecil. Posso pagar a um médico para te tirar a cicatriz da pele, mas ninguém pode tirar as marcas que tens por dentro. É importante estares consciente disso. Não quero que te sintas desapontada.

— Não vou ficar desapontada. E para de te insultares. Isso incomoda-me.

Gabriel anuiu, dando-lhe razão.

— Acho que seria bom teres alguém com quem falar... sobre tudo. Sobre o Tom, a tua mãe, *ele*... e sobre mim. — Olhou-a com um ar triste. — Sou um homem difícil. Sei disso. Penso que ajudaria se falasses com alguém.

Julia fechou os olhos.

— Está bem, mas só se concordares em fazer o mesmo.

O corpo de Gabriel ficou tenso.

Julia abriu os olhos e começou a falar muito depressa.

— Sei que não queres e, acredita, compreendo-te. Mas se vou fazer isto, tu também tens de o fazer. Na noite passada ficaste mesmo zangado. E embora eu soubesse que não estavas zangado comigo, fui eu que tive de o suportar.

— Tentei compensar-te, depois — disse Gabriel, rangendo os dentes.

Julia acariciou-lhe a cara agitada.

— Claro que sim. Mas aflige-me que tenhas ficado tão transtornado só porque um estranho se atirou a mim. E aflige-me o facto de pensares que o sexo podia aliviar a tua raiva e marcar-me como tua.

Gabriel sentiu-se chocado, pois nunca interpretara as suas ações daquela forma.

— Nunca seria capaz de te magoar — disse, apertando-lhe a mão.

— Eu sei.

Gabriel parecia perturbado, e o pânico nos seus olhos persistiu mesmo quando Julia lhe afagou o cabelo.

— Somos um belo par, não achas? Com as nossas marcas e as nossas histórias e todos os nossos problemas. Um romance trágico, parece-me. — Julia sorriu e tentou ver o lado positivo da situação.

— A única tragédia seria perder-te — disse Gabriel, beijando-a nos lábios.

— Só me perdes se deixares de me amar.

— Nesse caso, sou um homem de sorte. Poderei ficar contigo para sempre.

Beijou-a mais uma vez e rodeou-a com os seus braços.

— Tive de fazer terapia quando fui para a reabilitação. Depois, continuei a ser seguido por um psicólogo ainda durante cerca de um ano, para além das reuniões de autoajuda semanais. Já passei por tudo isso.

Julia franziu o sobrolho.

— Estás em recuperação e não vais às reuniões. Não tenho dito grande coisa a esse respeito, mas é um problema sério. Além disso, continuas a beber.

— Era viciado em coca, não era alcoólico.

Julia hesitou, procurando o olhar dele. Era como se tivesse descoberto um mapa medieval onde o limite do mundo estava assinalado com as palavras *além haverá dragões*.

— Ambos sabemos que os Narcóticos Anónimos aconselham vivamente as pessoas com problemas de dependência a não beberem. — Suspirou. — Por muito que tente ajudar-te, há coisas que me ultrapassam. E por muito que goste do sexo contigo, não quero tornar-me a tua nova droga de eleição. Não posso resolver os problemas.

— É isso que pensas? Que uso o sexo para resolver problemas? — A pergunta de Gabriel era sincera, pelo que Julia resistiu ao impulso de responder com sarcasmo.

— Penso que costumavas fazer sexo para tentares resolver os teus problemas. Tu próprio mo disseste, não te lembras? Usavas o sexo para lutares contra a solidão. Ou para te castigares.

Uma sombra atravessou o olhar de Gabriel.

— Não é assim, contigo.

— Mas quando uma pessoa não está bem, os antigos padrões de comportamento tendem a ressurgir. Acontece o mesmo comigo; simplesmente, os meus mecanismos para lidar com isso são diferentes. — Beijou-o suavemente, mas durante tempo suficiente para que o pânico o abandonasse e para que Gabriel a beijasse de volta.

Depois, ficaram abraçados até Julia decidir quebrar o silêncio.

— A tua palestra, na noite passada, fez-me lembrar de algo. — Tirou o telemóvel da mala e procurou rapidamente entre as fotografias. — Olha.

Gabriel pegou no telemóvel e olhou para a fotografia de um magnífico quadro, onde Santa Francesca Romana embalava uma criança com a ajuda da Virgem Maria, sob o olhar de um anjo.

— É lindo — disse Gabriel, devolvendo-lhe o telemóvel.

— Gabriel — murmurou Julia numa voz suave. — Olha para a imagem.

Ele assim fez. E uma estranha sensação invadiu-o.

Julia começou a falar baixinho.

— Sempre adorei esta pintura. Achava que era por causa das semelhanças entre Gentileschi e Caravaggio. Mas é mais do que isso. A peste levou alguns dos filhos de Santa Francesca. Supostamente, o quadro retrata uma das suas visões do que aconteceu a essas crianças.

Procurou o olhar de Gabriel, para ver se ele estava a acompanhá-la. Mas Gabriel não compreendera.

— Quando olho para esta pintura, penso na tua filha, na Maia. A Grace segura-a nos seus braços, rodeada de anjos. — Julia apontou as figuras no quadro. — Vês? O bebé está em segurança e é amado. É assim o Paraíso. Não tens de te preocupar.

Julia olhou-o. Olhou para o rosto lindo e sofrido de Gabriel. Viu que ele tinha lágrimas nos olhos.

— Desculpa. Desculpa... Estava a tentar consolar-te. — Pôs-lhe os braços em redor do pescoço, apertando-o contra si.

Passados instantes, Gabriel enxugou os olhos e escondeu a cara no cabelo dela, grato e aliviado.

Na tarde seguinte parou de chover. Então, o casal apanhou um táxi para Piazzale Michelangelo, de onde se obtinha uma vista deslumbrante da cidade. Poderiam ter apanhado um autocarro como as pessoas comuns, mas Gabriel não era uma pessoa comum.

(Poucos especialistas em Dante o são.)

— Que dizia a Rachel no *e-mail* que te enviou? — perguntou Gabriel, enquanto admiravam a cúpula do Duomo.

Julia pôs-se a tamborilar.

— Ela e o Aaron queriam saber como estávamos. Queriam saber se estávamos felizes.

Gabriel estreitou os olhos.

— Só isso?

— Hum, não.

— Que mais?

Julia encolheu os ombros.

— Diziam que o Scott tem uma nova namorada.
— Ainda bem para o Scott — disse Gabriel, dando uma risadinha. —
Mais alguma coisa?
— Porque perguntas?
Ele pôs a cabeça de lado.
— Porque percebo quando estás a tentar esconder-me coisas.
Gabriel começou a passar uma mão sobre a pele macia da cintura de
Julia, uma zona onde ela tinha cócegas.
— Não vais fazer isso em público.
— Ah, isso é que vou. — Com um sorriso travesso, começou a mover
deliberadamente os dedos.
Julia começou a rir, contorcendo-se e tentando escapar-lhe, mas Ga-
briel segurou-a junto a si.
— Vamos lá, Julianne. Que disse a Rachel?
— Para de me fazer cócegas — arquejou Julia — e eu conto-te.
Gabriel parou.
Julia respirou fundo.
— Ela queria saber se nós... eh... estávamos a dormir juntos.
— Ah, sim? — Esboçou um sorriso. — E que respondeste?
— A verdade.
Gabriel fitou-a.
— Mais alguma coisa?
— Ela queria saber se estavas a portar-te como deve ser e se eu estava
feliz. E eu respondi que sim a ambas as perguntas. — Julia hesitou por um
momento, perguntando-se se deveria mencionar o *e-mail* de um certo rap-
paz de Vermont.
— Mas não é tudo. Podes continuar. — Gabriel continuava com o seu
sorriso indulgente.
— Bem, também tive notícias do Paul.
Gabriel ficou subitamente carrancudo.
— O quê? Quando?
— No dia da palestra.
— E porque não me disseste antes? — perguntou, irritado.
— Por isto mesmo — retorquiu Julia, apontando a cara dele, onde a
irritação era visível. — Sabia que ias ficar aborrecido, e não queria pertur-
bar-te quando terias de falar para uma sala cheia de gente importante.
— Que dizia ele?
— Que aceitaste a proposta de tese da Christa.
— E que mais?
— Desejou-me um feliz Natal e disse que ia enviar-me algo para Se-
linsgrove.

As narinas de Gabriel abriram-se.

— Porque havia ele de fazer isso?

— Porque é meu amigo. E provavelmente é xarope de ácer, que eu terei muito gosto em dar ao meu pai. O Paul sabe que eu tenho um namorado e que estou muito, *muito* feliz. Se quiseres, mostro-te o *e-mail*.

— Não é necessário — retorquiu Gabriel, apertando os lábios.

Julia cruzou os braços junto ao peito.

— Não te importaste que eu estivesse com o Paul quando a professora Tortura andava por perto.

— Isso foi bastante diferente. E não me apetece especialmente voltar a falar sobre *ela*.

— É fácil para ti dizer isso. Não passas a vida a dar de caras com pessoas com quem eu tenha dormido.

Gabriel lançou-lhe um olhar furioso.

Julia pôs uma mão à frente da boca.

— Desculpa. O que disse foi horrível.

— Como certamente estarás lembrada, já me cruzei com, pelo menos, uma pessoa com quem estiveste sexualmente envolvida.

Gabriel virou costas e afastou-se, aproximando-se da beira do miradouro. Julia deu-lhe algum tempo para se acalmar, depois foi ter com ele e, cautelosamente, entrelaçou o seu dedo mindinho no dele.

— Desculpa.

Gabriel não respondeu.

— Obrigada por me teres livrado do Simon.

Gabriel continuava furioso.

— Sabes que eu tenho um passado. Tencionas passar a vida a lembrar-me disso?

Julia baixou os olhos para os sapatos.

— Não.

— Esse comentário foi indigno de ti.

— Desculpa.

Gabriel não desviou o olhar da cidade que se estendia à sua frente. Telhados vermelhos brilhando ao sol, a cúpula de Brunelleschi dominando a vista.

Julia decidiu mudar de assunto.

— A Christa estava com um comportamento estranho no teu último seminário. Parecia ressentida. Achas que sabe de nós?

— Está zangada porque não correspondeste aos seus avanços ultrajantes. Mas cumpriu o prazo para a entrega da proposta revista e o trabalho estava aceitável.

— Então, ela não estava a... chantagear-te?

— Nem todas as mulheres são tuas rivais — ripostou Gabriel, afastando a mão dela.

Julia esbugalhou os olhos, surpresa.

— E esse comentário é indigno de *ti*.

Passados instantes, a ira dissipou-se do rosto de Gabriel, e os seus ombros curvaram-se.

— Perdoa-me.

— Não vamos desperdiçar o tempo a discutir.

— Combinado. Mas não gosto da ideia de o Paul te enviar mensagens. Embora ache que podias ter tipos piores como amigos — disse Gabriel, num tom involuntariamente afetado.

Julia sorriu e deu-lhe um beijo na cara.

— Aí está o professor Emerson que conheço e que amo.

Gabriel pegou no telemóvel para fotografar Julia com aquela maravilhosa vista por fundo. Julia ria, e Gabriel tirava uma fotografia após outra, quando o telefone começou a tocar. As não muito agradáveis badaladas do Big Ben ressoaram entre eles.

Julia desafiou-o com o olhar.

Gabriel fez uma careta e puxou-a para um beijo intenso. Segurou-lhe a cara com ambas as mãos, afastando-lhe os lábios e introduzindo delicadamente a língua na boca dela.

Julia retribuiu o beijo, pondo-lhe os braços em volta da cintura e puxando-o para si. E durante todo esse tempo, o Big Ben continuava a tocar.

— Não vais atender? — perguntou Julia, mal teve oportunidade.

— Não. Já te disse, não vou falar com ela.

Beijou-a novamente, desta vez por um instante apenas.

— Tenho pena dela — disse Julia.

— Porquê?

— Porque concebeu uma criança contigo. Porque ainda te quer e te perdeu. Se eu te perdesse para outra pessoa, ficaria destroçada.

Gabriel bufou de impaciência.

— Não vais perder-me. Para com isso.

Julia sorriu, hesitando.

— Eh... há uma coisa que preciso de dizer.

Gabriel recuou.

— Digo-o porque me preocupo contigo. Quero que saibas isso. — Olhou-o, ansiosa. — Tenho pena da Paulina, mas é evidente que ela tem usado o que aconteceu para te manter na sua vida. Pergunto-me se não arranjará sarilhos só para ires salvá-la. Acho que já é tempo de ela se ligar emocionalmente a outra pessoa. A alguém por quem possa apaixonar-se.

— Não discordo — disse Gabriel, bruscamente.

— E se ela não puder ser feliz até se libertar de ti? Tu libertaste-te dela e encontraste-me a mim. Talvez devesse quebrar o elo, para ela poder encontrar a sua própria felicidade.

Gabriel anuiu, de semblante carregado, e beijou-a na testa, mas não disse mais nada sobre o assunto.

O resto das férias em Florença foi feliz, uma espécie de lua-de-mel. Visitavam várias igrejas e museus durante o dia, entre regressos ao hotel, onde faziam amor, por vezes devagar, por vezes intensamente. Todas as noites Gabriel escolhia um restaurante diferente para o jantar, depois do que regressavam a pé ao hotel, detendo-se numa das pontes para namorarem como adolescentes sob o ar frio da noite.

Na última noite que passaram em Florença, Gabriel levou Julia ao Caffé Concerto, um dos seus restaurantes favoritos, situado na margem do Arno. Passaram várias horas num jantar de vários pratos, conversando tranquilamente sobre as férias que tinham passado e sobre a relação sexual que sentiam evoluir. Ambos confessaram que a semana anterior fora, de certa forma, um despertar: para Julia, o despertar para os mistérios de *eros*; para Gabriel, um despertar para os mistérios dos quatro tipos de amor interligados.

Durante a conversa, Gabriel revelou finalmente a surpresa que tinha guardada. Alugara uma *villa* na Úmbria para a segunda semana de férias. Prometeu a Julia que a levaria a Veneza e a Roma numa outra oportunidade, possivelmente no verão, quando visitassem Oxford.

Depois do jantar, Gabriel conduziu-a uma vez mais até ao Duomo.

— Preciso de te beijar — sussurrou, encostando o corpo dela ao seu.

Julia ia responder, ia pedir-lhe que a levasse para o hotel e que marcasse o seu corpo de um modo mais profundo, mas foi interrompida.

— Senhora linda! Uma moeda para um velhote... — disse uma voz, em italiano, dos degraus do Duomo.

Instintivamente, Julia afastou-se de Gabriel para ver quem falara. O homem continuou na sua súplica, pedindo dinheiro para comer.

Gabriel segurou-a pelo braço antes que ela pudesse aproximar-se dos degraus.

— Vamos embora, amor.

— Mas ele tem fome. E está tanto frio.

— A polícia não tarda a vir buscá-lo. Não querem vagabundos no centro da cidade.

— As pessoas são livres de se sentarem nos degraus de uma igreja. De um *santuário*... — disse Julia, ironizando.

— O santuário, no seu conceito medieval, já não existe. Os governos ocidentais aboliram-no, a começar pela Inglaterra, no século dezassete. —

Gabriel reclamou ao vê-la abrir a mala e tirar uma nota de vinte euros da carteira.

— Isso tudo? — Franziu o sobrolho.

— É tudo o que tenho. E olha, Gabriel — disse Julia, apontando as muletas do homem.

— Uma artimanha como outra qualquer — resmungou Gabriel.

Julia fitou-o, desapontada.

— Eu sei o que é ter fome. — Deu um passo na direção do mendigo, mas Gabriel puxou-a para trás.

— Vai gastar o dinheiro em vinho ou em droga. Não estás a ajudá-lo.

— Até um drogado merece alguma bondade.

Gabriel deu um passo atrás.

— São Francisco de Assis não impunha condições para a sua caridade. Dava a quem quer que pedisse.

Gabriel rolou os olhos. Não tinha como vencer a discussão quando Julianne invocava São Francisco de Assis. Ninguém podia vencer um tal argumento

— Se lhe der alguma coisa, ele ficará a saber que alguém se importou com ele o suficiente para o ajudar. O que quer que ele faça com o dinheiro, o gesto, só por si, vale a pena. Não deves privar-me de uma oportunidade de dar. — Tentou rodear Gabriel, mas ele bloqueou-lhe o caminho. Tirou-lhe a nota da mão e acrescentou algo do seu próprio bolso, e foi entregar o dinheiro ao mendigo.

Os dois homens trocaram algumas palavras em italiano, e o mendigo soprou um beijo a Julia, tentando, em vão, apertar a mão de Gabriel.

Ao regressar para junto de Julia, Gabriel deu-lhe o braço e começaram a caminhar.

— Que te disse ele?

— Pediu-me que agradecesse ao anjo pela sua compaixão.

Julia deteve-se e beijou-o na testa, até o seu sobrolho franzido dar lugar a um sorriso.

— Obrigada.

— Não sou o anjo a quem ele se referia — resmungou Gabriel, beijando-a de volta.

Capítulo Cinco

Na manhã seguinte, uma limusina esperava o feliz casal junto à estação dos comboios de Perugia. O condutor levou-os pelas estradas sinuosas até uma propriedade nas proximidades de Todi, uma vila medieval.

— É esta a *villa*? — perguntou Julia, maravilhada, quando percorriam o longo caminho particular que levava a uma mansão no alto de uma colina. Tratava-se de um edifício de pedra de três andares, no meio de vários acres de terra sarapintados de ciprestes e oliveiras.

Gabriel indicou-lhe um vasto pomar que na estação quente dava figos, pêsegos e romãs. Abrigada junto à casa, via-se uma piscina panorâmica cercada de canteiros de alfazema. Julia quase conseguia sentir a fragrância do interior do carro, e decidiu imediatamente colher alguns ramos para perfumar os lençóis da cama onde iriam dormir.

— Gostas? — perguntou Gabriel, olhando-a ansiosamente para ver se a sua escolha lhe agradara.

— Adoro. Quando disseste que tinhas alugado uma *villa*, não imaginei um lugar tão opulento.

— Espera até veres o interior. Há uma lareira e uma piscina aquecida na varanda lá de cima.

— Não trouxe fato de banho.

— E quem falou em fato de banho? — Gabriel moveu as sobrancelhas sugestivamente, fazendo-a rir.

Ao fundo do caminho encontrava-se um *Mercedes* preto, para poderem visitar as terras circundantes, incluindo Assisi, um destino de particular interesse para Julia.

A governanta da *villa* abastecera a cozinha de comida e vinho. Julia revirou os olhos ao encontrar na despensa várias garrafas de sumo de arando importado.

O professor Gabriel “Superprotetor” Emerson volta a atacar.

— Que te parece? — perguntou ele, pousando-lhe as mãos na cintura, enquanto olhavam para a ampla cozinha totalmente equipada.

— É perfeita.

— Estava com receio de que não gostasses de um lugar tão isolado. Mas achei que seria bom passarmos algum tempo juntos em sossego.

Julia arqueou uma sobrancelha.

— O tempo que passamos juntos raramente é sossegado, professor.

— Isso é porque me deixas louco de desejo — disse Gabriel, com um beijo apaixonado. — Vamos ficar em casa, esta noite. Podemos cozinhar juntos, se quiseres, relaxar junto à lareira...

— Parece-me uma boa ideia. — Julia beijou-o uma vez mais.

— Vou levar a bagagem lá para cima, enquanto dás uma volta pela casa. A piscina aquecida fica no terraço junto ao quarto principal. Encontramo-nos lá daqui a quinze minutos.

Julia aquiesceu com um sorriso.

— Ah, e... menina Mitchell?

— Sim?

— Nada de roupa durante o resto da noite.

Julia deu um guincho e correu escada acima.

A casa não só tinha uma encantadora decoração em tons de branco e creme, como exibia um quarto principal muito romântico, no segundo andar, dominado por uma cama de dossel. Julia deu por si a experimentar a cama só por alguns segundos, antes de levar o seu *nécessaire* para a casa de banho.

Tirou o estojo de maquilhagem e colocou o champô e o gel de banho no amplo polibã. Prendeu o cabelo ao alto e despiu-se, embrulhando-se numa toalha cor de marfim. Nunca nadara nua, mas estava ansiosa por experimentar.

Enquanto dobrava as suas roupas e as empilhava sobre a bancada, ouviu música vinda do quarto: “Don’t Know Why”, de Norah Jones. Gabriel pensava em tudo.

A voz dele junto à porta da casa de banho veio confirmar isso mesmo.

— Trouxe uns aperitivos e uma garrafa de vinho, para o caso de teres fome. Vemo-nos lá fora.

— Vou ter contigo daqui a um minuto.

Julia olhou-se ao espelho. Tinha os olhos brilhantes de expectativa e as faces rosadas, com um aspeto saudável. Estava apaixonada. Feliz. E (pensou) estava prestes a batizar aquela piscina aquecida com o seu amor, sob um céu umbriano que escurecia.

A caminho do terraço, viu as roupas de Gabriel penduradas nas costas

de uma cadeira. O ar frio da noite entrava pela porta aberta, despenteando-lhe o cabelo, deixando a sua pele ainda mais rosada. Gabriel estava nu, à sua espera.

Julia saiu para o terraço e esperou que ele se voltasse para ela. Então, deixou cair a toalha.

Perto de Burlington, Vermont, Paul Virgil Norris estava a embrulhar presentes de Natal à mesa da cozinha: presentes para os pais, para a irmã e, finalmente, para a mulher por quem o seu coração palpitava.

Seria, talvez, inesperado ver um jogador de rãguebi de noventa quilos rodeado de fitas e papel de embrulho de Natal, tirando meticulosamente medidas antes de levar a tesoura ao papel. Um boião de xarope de ácer, uma vaca Holstein de peluche e um par de figuras de ação encontravam-se orgulhosamente alinhados à sua frente. As figuras eram invulgares, algo que ele encontrara numa livraria de banda desenhada em Toronto. Era suposto um dos bonecos representar Dante, vestido de cruzado, com a cruz de São Jorge na armadura de malha, enquanto o outro era um anacronismo de Beatriz, com cabelo louro, olhos azuis e um vestido de princesa medieval.

Infelizmente, a companhia de brinquedos esquecerá-se de criar uma figura de ação de Virgílio. Ao que parecia, Virgílio não era digno de ação. Paul discordava, pelo que decidiu escrever à empresa a chamar a atenção para aquele esquecimento lamentável.

Embrulhou todos os presentes e colocou-os numa caixa de cartão com plástico-bolha. Escreveu algumas palavras num cartão de Natal, tentando desesperadamente que o tom fosse casual, de modo a ocultar os seus sentimentos cada vez mais fortes, e fechou a caixa com fita-adesiva, dirigindo-a numa letra bem legível à menina Julianne Mitchell.

Depois de um final de tarde muito agradável na piscina aquecida, Gabriel preparou um jantar tipicamente umbriano. *Bruschetta con pomodoro e basilico*, massa *tagliatelle* em azeite e trufas pretas da propriedade, e serviu ainda um prato de queijos artesanais e pão da região. Comeram até não poderem mais, rindo e bebendo um delicioso vinho branco de Orvietto, à luz de velas. Depois do jantar, Gabriel improvisou uma cama de mantas e almofadas no chão da sala, à frente da lareira.

Ligou o seu *iPhone* à aparelhagem, para poderem continuar a ouvir a sua coletânea *Amar Julianne*. Sentaram-se no chão, abraçados, a terminar o vinho, envolvidos por cantos medievais. Estavam nus, embrulhados em cobertores, e não se importavam com a nudez.

— Esta música é linda. O que é? — Julia fechou os olhos, concentrando-se nas vozes femininas, que cantavam *a cappella*.

— “Gaudete”, Mediaeval Baebes. É uma canção de Natal.

— É um nome estranho para uma banda.

— São muito bons. Vi-os ao vivo da última vez que estiveram em Toronto.

— Ah, sim?

Gabriel fez um sorriso afetado.

— Estará com ciúmes, menina Mitchell?

— Devia estar?

— Não. O meu coração está preenchido. Completamente.

Pararam de falar sobre o fundo de vozes celestiais e começaram a beijar-se. Os seus corpos nus não tardaram a encontrar-se junto à lareira.

Sob o brilho laranja das chamas, Julia fez Gabriel deitar-se de costas e sentou-se sobre as suas ancas. Sorrindo, ele deixou-a conduzi-lo, satisfeito com aquela nova confiança.

— Ficar por cima não é assim tão assustador, pois não?

— Não. Mas agora sinto-me mais à vontade contigo. Acho que aquele episódio de sexo contra a parede, no hotel, me ajudou a vencer inibições.

Gabriel perguntou-se que outras inibições poderia fazê-la vencer com vários tipos de sexo... no duche, por exemplo. Ou talvez, o santo graal da cumplicidade doméstica, *sexo sobre a mesa da cozinha*.

A voz dela interrompeu-lhe os pensamentos.

— Quero dar-te prazer.

— E dás. Muito.

Julia tocou-o ao de leve na virilha.

— Com a boca. Sinto-me mal por não ter conseguido retribuir a tua gentileza.

O corpo de Gabriel reagiu ao seu sussurrar e ao seu toque hesitante.

— Julianne, aqui não há *quid pro quo*. Faço o que faço porque quero. — Esboçou um sorriso. — Mas já que te ofereces...

— Sei que é o que os homens preferem.

Gabriel encolheu os ombros.

— Estar dentro de ti será sempre o melhor de tudo. Em comparação, tudo o resto só pode ser considerado um *aperitivo*. — Piscou-lhe o olho maliciosamente, acariciando-lhe a anca para enfatizar o que acabara de dizer.

— Esta é uma boa posição? Preferes ficar deitado ou...?

— Está ótimo assim — murmurou Gabriel, os olhos subitamente brilhantes.

— Penso que é melhor do que se me puser de joelhos — disse Julia, espreitando pelo canto do olho para ver como ele reagia.

— Precisamente. Eu, pelo contrário, tenho muito gosto em ajoelhar-me diante da minha Princesa para lhe dar prazer. Como já demonstrei.

Julia riu baixinho. Depois o seu sorriso esvaneceu-se.

— Tenho de te dizer uma coisa.

Ele olhou-a, intrigado.

— Tenho um reflexo de vômito.

— Ficaria preocupado se não tivesses — disse Gabriel, franzindo o sobrolho.

Evitando o olhar inquiridor com que ele a fixava, Julianne fez a sua mão descer um pouco mais.

— O meu reflexo é bastante forte.

Gabriel pousou a mão sobre a dela.

— Isso não será um problema, querida, prometo. — Apertou a mão de Julia na sua.

Ela desceu um pouco mais, e ele começou a revolver-lhe o cabelo, afaçando-o.

Julia ficou petrificada.

Gabriel continuou a brincar distraidamente com o longo cabelo sedoso dela. Só passados instantes se apercebeu de que ela estava imóvel.

— Que foi?

— Por favor, não me segures na cabeça.

— Claro que não. — Gabriel parecia confuso.

Julia permanecia completamente imóvel, à espera. De quê, ele não sabia. Soltou-lhe o cabelo para poder levantar-lhe o queixo.

— Querida?

— Hum, é só porque *não quero vomitaremcimadeti*.

— O quê?

Julia baixou a cabeça.

— Já... me aconteceu... vomitar.

Gabriel olhou-a, incrédulo.

— Mas como... depois?

— Eh... não.

Gabriel ficou em silêncio por alguns momentos, depois os seus olhos estreitaram-se.

— Vomitaste por reflexo, ou porque aquele filho da mãe te segurou a cabeça?

Julia estremeceu, anuindo de modo quase impercetível.

Gabriel praguejou, espumando de raiva. Sentou-se de um salto e pôs-se a esfregar a cara com as mãos.

No passado, não fora meigo nas suas conquistas sexuais, mas orgulhava-se de ter conservado sempre um resquício de boas maneiras. Nem tanto

quando andava a consumir cocaína. Apesar dos *Bacchanalia* em que participara, festas que por vezes se tinham aproximado da decadência de Roma, Gabriel nunca, *jamais*, segurara a cabeça de uma mulher até ela vomitar. Ninguém fazia isso. Nem os traficantes nem os drogados com quem ele se dava faziam tal coisa, e não eram pessoas de princípios morais ou qualquer tipo de escrúpulos. Só um cabrão incrivelmente doente, pervertido e misógino conseguiria ter gozo ao humilhar uma mulher daquela forma.

E fazer algo semelhante a Julianne... que tinha aqueles olhos doces e uma alma linda. Uma criatura tímida, que se envergonhava até de ter um reflexo de vômito. O filho do senador tinha sorte em estar escondido na casa dos seus pais em Georgetown, com uma pena de prisão suspensa e uma medida cautelar de afastamento, ou Gabriel ter-lhe-ia aparecido à porta para terminarem o seu ajuste de contas. E teria acabado a conversa com mais do que uns quantos murros.

Afastou da cabeça aqueles pensamentos assassinos, pôs Julia de pé e enrolou-a num cobertor.

— Vamos lá para cima.

— Porquê?

— Porque não consigo ficar aqui sentado depois do que me contaste.

Julia corou de vergonha e os seus grandes olhos encheram-se de lágrimas.

— Vem cá. — Gabriel beijou-lhe a testa. — A culpa não é tua. Compreendes? Não fizeste nada de errado.

Julia sorriu, mas era claro que não acreditava no que ele lhe dizia.

Gabriel conduziu-a pela escada e através do quarto, fazendo-a entrar na casa de banho à sua frente e fechando a porta em seguida.

— Que estás a fazer?

— Algo agradável, espero. — Acariciou-lhe a cara com o polegar.

Gabriel abriu a torneira, regulou a temperatura da água e ajustou a pressão do chuveiro. Devagar, desenrolou o cobertor do corpo de Julia e segurou a porta do chuveiro para que ela entrasse, seguindo-a.

Julia parecia perplexa.

— Quero mostrar-te que te amo — sussurrou Gabriel. — Sem te levar para a cama.

— Leva-me para a cama — pediu Julia. — Assim, a nossa noite não ficará estragada.

— A nossa noite não está estragada — disse ele, num tom assertivo. — Mas raios me partam se alguém volta a magoar-te. — Com ambas as mãos, começou a acariciar-lhe o cabelo, revolvendo-o até que todos os fios estivessem molhados.

— Achas que estou suja.

— Longe disso. — Segurou-lhe na mão e pousou-a sobre a tatuagem no seu peito. — És o mais parecido com um anjo que eu alguma vez hei de tocar. — Sustentou o olhar dela sem pestanejar. — Mas penso que ambos precisamos de lavar o passado das nossas cabeças.

Puxando-lhe o cabelo para um dos lados, beijou-a no pescoço. Depois deitou um pouco de champô de baunilha na palma da sua mão e começou a massajar a cabeça de Julia, suavemente, e em seguida os seus dedos deslizaram pelos fios ondulados até às extremidades. Foi tão cuidadoso quanto possível nos seus movimentos. Se alguma vez tivera uma oportunidade, um ato, para demonstrar a Julia que o seu amor por ela era muito mais profundo do que uma paixão sexual, aquele era o momento.

Quando começou a relaxar, Julia lembrou-se da mãe, numa das poucas memórias felizes que tinha dela. Era pequena e a mãe estava a lavar-lhe o cabelo na banheira, e riam juntas. Lembrava-se de que a mãe sorria.

Ter Gabriel a lavar-lhe o cabelo era muito melhor. Era uma experiência profundamente afetuosa, muito íntima. Estava nua diante do homem que amava, enquanto ele lavava a sua vergonha.

Gabriel também estava nu, mas teve o cuidado de lhe dar espaço, e de não deixar que a sua ereção, algo embaraçosa, a tocasse. Naquele momento, não se tratava de sexo, mas de fazer Julia sentir-se amada.

— Desculpa-me por estar tão emocional — disse Julia em voz baixa.

— É suposto o sexo ser emocional. Não tens de esconder os teus sentimentos de mim. — Pôs-lhe os braços em redor da cintura, abraçando-a. — O que está a acontecer entre nós afeta-me profundamente. Estes últimos dias têm sido os mais felizes da minha vida.

Pousou o queixo no ombro dela.

— Quando tinhas dezassete anos, também foste tímida comigo, mas não me lembro de estares tão ferida.

— Devia tê-lo deixado da primeira vez que foi cruel. — A voz de Julia tremia. — Mas não o deixei. Não soube defender-me, e as coisas foram piorando.

— Não tiveste culpa.

Julia encolheu os ombros.

— Continuei com ele. Agarrei-me à época em que ele fora encantador e atencioso, esperando que os maus tempos passassem. Sei que o que te contei te deixou nauseado, mas acredita, Gabriel, ninguém poderia ficar tão repugnado comigo como eu própria.

— Julia — gritou, obrigando-a a encará-lo. — Não me sinto repugnado contigo. Não me interessa o que fizeste; ninguém merece ser tratado assim. Estás a ouvir-me? — Os olhos de Gabriel eram agora chamuscas de um azul intenso, perigoso.

— Queria dar-te prazer. Mas nem isso consegui fazer — disse Julia, cobrindo a cara com as mãos.

Gabriel agarrou-lhe os pulsos, fazendo-a baixar as mãos.

— Escuta-me. Porque nos amamos, tudo o que acontece entre nós, incluindo o sexo, é uma dádiva. Não um direito, ou uma obrigação, mas uma dádiva. Agora tens-me ao teu lado. Esquece-o.

— Ainda ouço a voz dele na minha cabeça. — Julia enxugou uma lágrima.

Gabriel abanou a cabeça e puxou-a para o centro do jato do chuveiro, para que a água quente os cobrisse.

— Lembras-te do que disse na minha palestra sobre a *Primavera* de Botticelli?

Julia anuiu.

— Há quem pense que o quadro tem a ver com o despertar sexual, que é, em parte, uma alegoria para um casamento arranjado. No início, Flora é virgem e tem medo. Quando está grávida, parece serena.

— Pensava que Zéfiro a tinha violado.

Os maxilares de Gabriel apertaram-se.

— Violou. Depois apaixonou-se e casou com ela, transformando-a na deusa das flores.

— Não é a melhor alegoria para o casamento.

— Tens razão, não é. — Engoliu ruidosamente. — Julia, embora algumas das tuas experiências tenham sido traumáticas, ainda podes ter uma vida sexual que te preencha. Quero que saibas que estás segura nos meus braços. Não quero que faças nada de que não gostes, incluindo sexo oral.

Gabriel pôs-lhe um braço em redor da cintura, vendo a água quente correr sobre os seus corpos nus antes de se derramar no chão do polibã.

— Só começámos a ter sexo há uma semana. Temos a vida inteira para nos amarmos, de múltiplas formas.

Em silêncio, carinhosamente, Gabriel ensaboou-lhe a nuca e os ombros com uma esponja. Seguiu-lhe as linhas dos ombros e da coluna, detendo-se regularmente para beijar as zonas já sem espuma.

Lavou-lhe o fundo das costas e as duas covinhas por sobre o traseiro. Sem hesitação, ensaboou ambas as nádegas e massajou-lhe as coxas. Prosseguiu lavando-lhe os pés, apoiando a mão de Julia no seu ombro, para que ela não se desequilibrasse, enquanto lhe ensaboava os dedos.

Nunca ninguém cuidara de Julia assim.

Depois, Gabriel deteve-se na parte da frente do pescoço e dos ombros. Lavou e acariciou os seios, pondo a esponja de lado para os beijar. Em seguida, tocou-lhe delicadamente entre as pernas, não sexualmente, mas de

um modo reverente, passando água sobre a espuma acumulada sobre os caracóis escuros, e aí pousando também, por fim, os seus lábios.

Quando terminou, abraçou-a e beijou-a como um adolescente tímido, castamente e com toda a simplicidade.

— Estás a ensinar-me a amar, e penso que, de certa forma, também eu estou a ensinar-te a amar. Não somos perfeitos, mas podemos ser felizes. Não podemos? — Recuou para a olhar nos olhos.

— Sim — murmurou Julia, os olhos rasos de lágrimas.

Encostando-a ao seu peito, Gabriel escondeu a cara no pescoço dela, enquanto a água continuava a cair sobre ambos.

Emocionalmente exausta, Julianne dormiu toda a manhã, só acordando ao meio-dia. Gabriel fora tão generoso, tão meigo. Prescindira daquilo que Julia sempre julgara ser uma necessidade básica de um homem — sexo oral — e dera-lhe aquilo que só podia ser descrito como um banho libertador. O amor e a aceitação de Gabriel produziram o efeito transformador pretendido.

Quando abriu os olhos, Julia sentia-se mais leve, mais forte, mais feliz. Guardar sozinha o segredo de como *ele* a humilhara revelara-se um fardo pesado de mais. Agora, sem o peso da culpa, Julia sentia-se uma nova pessoa.

Pensou que seria, talvez, blasfémia comparar a sua experiência à do cristão em *The Pilgrim's Progress*, mas via uma óbvia semelhança entre a libertação do peregrino e a sua. *A verdade liberta-nos, mas é o amor que vence o medo.*

Ao longo dos seus vinte e três anos de vida, Julia não se apercebera de como a graça era subtil, e Gabriel, que se considerava um grande pecador, podia ser um veículo dessa graça. Tudo aquilo fazia parte da divina comédia de Deus — do sentido de humor de Deus que sustentava os mecanismos do universo. Os pecadores participavam na redenção de outros pecadores; a fé, a esperança e a caridade triunfavam sobre a descrença, o desespero e o ódio, enquanto Aquele que chamava as criaturas a Si observava e sorria.

Capítulo Seis

Na última noite que passaram na Úmbria, Gabriel acordou de madrugada numa cama vazia. Aturdido, ainda meio a sonhar, esticou o braço para o lado de Julianne. Os lençóis não tinham calor.

Saindo da cama, encolheu-se ao sentir o chão de pedra sob os pés descalços. Enfiou uns *boxers* e desceu a escada, arranhando o cabelo despenteado. Havia luz na cozinha, mas nada de Julianne. Sobre o balcão estavam um copo de sumo de arando meio bebido e um resto de queijo numa côlea de pão. Era como se ali tivesse estado um rato que, ao ser surpreendido, fugira, deixando para trás o seu repasto noturno.

Quando entrou na sala, Gabriel viu uma cabeça escura pousada no braço de um sofá almofadado, junto à lareira. Adormecida, Julianne parecia mais jovem e muito serena. Tinha a pele pálida, mas as faces e os lábios estavam rosados. Gabriel teve vontade de escrever um poema sobre a boca dela, e resolveu que o faria. Na verdade, a figura de Julianne fê-lo pensar em *Flaming June*, de Frederick Leighton. Tinha vestida apenas uma elegante camisa de noite de tom marfim. Uma das finas alças deslizara-lhe para o braço, deixando o ombro nu.

Fitando a sua pele suave e pálida, Gabriel não conseguiu impedir-se de lhe tocar. Beijou-lhe o ombro e agachou-se ao seu lado, enquanto uma das suas mãos lhe pairava sobre a cabeça. Por fim, afagou-lhe delicadamente o cabelo.

Julianne mexeu-se e abriu os olhos, pestanejando duas vezes antes de lhe sorrir.

Aquele sorriso lento, doce, incendiou o coração de Gabriel. A sua respiração acelerou-se. Nunca sentira nada de parecido por ninguém, e a intensidade dos seus sentimentos por Julianne surpreendia-o uma vez após outra.

— Olá — sussurrou-lhe, afastando-lhe o cabelo da cara. — Estás bem?

— Claro.

— Fiquei preocupado, quando te procurei e vi que não estavas na cama.

— Vim comer alguma coisa.

Gabriel franziu o sobrolho, pousando-lhe a mão ao de leve sobre a cabeça.

— E ainda tens fome?

— Não de comida.

— É a primeira vez que vejo isto. — Passou um dedo pelo decote da camisa de noite de Julia, tocando-lhe os seios ao de leve.

— Comprei-a para a nossa primeira noite juntos.

— É muito bonita. Porque não a usaste?

— Tenho andado a usar todas as coisas que me compraste em Florença. Como é que a funcionária da loja lhes chamou? Corpetes e *bodies*? O seu gosto por roupa interior feminina é surpreendentemente antiquado, professor Emerson. Não tarda, compra-me um espartilho.

Gabriel riu-se e beijou-a.

— Hei de lembrar-me disso. Tens razão, prefiro peças que deixem mais à imaginação. Torna o despir muito mais agradável. Mas és igualmente encantadora com tudo e sem nada.

Julia acariciou-lhe a cara e puxou-o para si, para um beijo mais apaixonado. Os seus lábios deslizaram junto à garganta dele, até lhe chegarem ao ouvido.

— Vem para a cama — segredou-lhe.

Segurando-lhe a mão, conduziu-o através da cozinha, contornando a mesa, e trocaram um olhar atrevido antes de subirem a escada. Fê-lo sentar-se na beira da cama de dossel, ficando de pé à sua frente.

Depois, puxou as alças por sobre os ombros e a camisa de noite caiu-lhe aos pés, deixando-a nua.

Na penumbra do quarto, Gabriel contemplou o seu corpo tentadoramente sinuoso.

— És um argumento a favor da existência de Deus — murmurou ele.

— Como?

— A tua cara, os teus seios, essas tuas costas lindas. São Tomás de Aquino teria sido obrigado a acrescentar-te como a sua Sexta Via, se tivesse sido abençoado ao ponto de te ver. Deves ter sido *projetada*, e não apenas feita.

Julia baixou os olhos, corando.

Gabriel sorriu ao detetar o rubor nas suas faces.

— Estou a deixar-te inibida?

Em jeito de resposta, Julia deu um passo à frente e pousou uma das mãos de Gabriel sobre o seio dela.

Ele acariciou-o suavemente.

— Deita-te ao meu lado, para eu te abraçar.

— Quero que me ames.

Gabriel despiu os *boxers* e afastou-se um pouco, para que Julia se deitasse ao seu lado. Com a mão ainda a rodear-lhe o seio, começou a beijá-la, movendo a língua contra a dela.

— *Respiro-te* — murmurou-lhe. — És tudo. És o ar. — Acariciando-lhe ambos os seios com os dedos, beijou-lhe o pescoço, os seus lábios deslizando para cima e para baixo, enquanto ela o incitava com mãos confiantes.

Julia empurrou-o delicadamente até ele ficar deitado, depois sentou-se-lhe sobre as ancas. Ele beijou-lhe os seios e começou a chupar um dos mamilos, enquanto a sua mão descia para a testar.

— Não estás preparada.

— Mas quero-te.

— Também te quero. Mas primeiro vou incendiar o teu corpo.

O desejo de Julia foi contrariado pela determinação de Gabriel em fazer com que ambos desfrutassem do sexo da mesma maneira. Ele preferia adiar a penetração e o prazer até Julia estar louca de desejo, em vez de precipitar o ato sem que ela estivesse suficientemente excitada.

Quando finalmente se uniram, Julia mergulhou em olhos azuis bem abertos. Com o nariz quase colado ao dele, começou a mover-se deliberadamente devagar, fechando os olhos para se concentrar no prazer, e abrindo-os de novo. A ligação era intensa. Azul-escuro, carregado de emoção, fitava sem pestanejar duas grandes castanhas. Cada movimento e cada anseio eram refletidos nos olhos de um e de outro.

— Amo-te — murmurou Gabriel, o seu nariz roçando o dela, à medida que o ritmo se acelerava gradualmente.

— Também te amo... — A última palavra de Julia foi seguida de um gemido.

Colou os lábios aos dele, movendo-se agora depressa. As suas línguas exploravam-se, afastando-se momentaneamente para dar lugar a gemidos e a confissões. As mãos de Gabriel deslizavam pelas costas de Julia e rodeavam-lhe a cintura. Segurando-a por baixo das nádegas, ergueu-a ligeiramente, aumentando o seu alcance.

Gabriel tornara-se um vício para Julia. Ela adorava o modo como se olhavam naqueles momentos, quando o mundo em volta ficava desfocado. Precisava que ele a amasse, precisava de o ter dentro de si, e ele fazia-a sempre sentir-se bela. Se lhe perguntassem, Julia teria dito que um orgasmo era uma dádiva suplementar, algo que vinha por acréscimo ao modo como se sentia quando estavam unidos.

Fazer amor, como a música ou o respirar ou o bater do coração, base-

ava-se num ritmo primordial. Gabriel aprendera a ler o corpo de Julia e a perceber a cadência que melhor se lhe ajustava, como uma luva colando-se à mão de uma senhora. Era um tipo de conhecimento simultaneamente pessoal e primário, o tipo de conhecimento a que se referiam os tradutores do rei Jaime quando escreveram a respeito de Adão *conhecer* a sua mulher. O misterioso conhecimento sagrado entre amantes — conhecimento que foi deturpado e pervertido em uniões menos virtuosas. O conhecimento que fazia com que o casamento não fosse apenas uma palavra.

Julia punha o seu conhecimento em prática, deleitando Gabriel com o seu corpo, uma e outra vez. E tê-lo dentro de si... era quente e emocionante, tropical e perfeito.

Gabriel estava perto, oh, tão perto. Olhou-a e viu os seus olhos também abertos. Cada movimento dela tinha a sua réplica no corpo dele. Cada movimento dava prazer a ambos.

Enquanto se olhavam, um gemido forte veio do peito de Julia, e no instante seguinte ela lançou a cabeça para trás, gritando o nome dele. Foi um momento único para Gabriel. Julianne dissera finalmente o seu nome. Gabriel não tardou a abandonar-se, gemendo alto enquanto o seu corpo se retesava e depois se descontraía, as veias da testa e do pescoço avolumando-se e relaxando.

Uma união feliz, terna.

Julia não queria separar-se dele. Não queria senti-lo a deixar o seu corpo, e por isso enroscou-se sobre ele, olhando-o.

— Vai ser sempre assim?

Gabriel beijou-lhe o nariz.

— Não sei. Mas se o Richard e a Grace servem como exemplo, só há de melhorar com o tempo. Verei nos teus olhos o reflexo de todas as nossas alegrias e experiências partilhadas, e tu verás o mesmo nos meus. A nossa história vai tornar a nossa ligação melhor, mais profunda.

Julia anuiu, sorrindo; depois a sua expressão tornou-se triste.

— Que foi?

— Estou preocupada com o ano que vem.

— Porquê?

— E se não me aceitarem no programa de doutoramento em Toronto?

Gabriel franziu o sobrolho.

— Nem sabia que tinhas concorrido.

— Não queria deixar-te.

— Também não quero que me deixes, mas, Julianne, o programa de Toronto não serve para ti. Não terias ninguém com quem trabalhar. Eu não posso ser teu orientador, e duvido que a Katherine aceitasse um compromisso para vários anos.

Julia afligiu-se.

Gabriel acariciou-lhe a cara com um dedo.

— Pensei que querias ir para Harvard.

— É tão longe.

— Fica a um pequeno voo de distância. — Olhou-a, pensativo. — Podemos ver-nos aos fins de semana e nas férias. Concorri a uma licença sabática. Talvez possa ficar contigo durante o primeiro ano.

— Terei de lá ficar seis anos. Ou mais. — Agora, Julia estava quase a chorar. Gabriel viu as lágrimas que lhe estremeciam nos olhos e sentiu um aperto no peito.

— Havemos de encontrar uma solução. — A sua voz tornara-se rouca. — Para já, temos de aproveitar o tempo que temos juntos. Deixa que seja eu a preocupar-me com o futuro. Hei de arranjar maneira de não ficarmos separados.

Julia abriu a boca para protestar, mas ele beijou-a.

— A vantagem de namorares com um homem mais velho, mais estabelecido, é eu poder dar-te mais espaço para te concentrares na tua carreira. O meu emprego há de ajustar-se ao teu.

— Isso não é justo.

— Extremamente injusto seria eu esperar que desistesses da carreira académica ou que te inscrevesse num programa aquém do teu valor. Não vou deixar que sacrifiques os teus sonhos por mim. — Fez um sorriso rasgado. — Agora, beija-me, e diz-me que confias em mim.

— Confio em ti.

Gabriel estreitou-a nos seus braços, suspirando, enquanto Julia pousava a cabeça no seu peito.

Capítulo Sete

Christa Peterson estava na casa dos seus pais, no norte de Toronto, a ver o seu *e-mail*, alguns dias antes do Natal. Ignorara a sua caixa de chegada durante uma semana. Uma relação em que investira ao mesmo tempo que perseguia o professor Emerson chegara ao fim, pelo que Christa não passaria as férias de Natal a esquiar em Whistler, na Colúmbia Britânica, com o seu até então amante.

O bancário em questão rompera com ela por *e-mail*. Era de mau gosto, sem dúvida, mas de pior gosto ainda seria o *e-mail* de resposta que a aguardava, como uma bomba-relógio, na sua caixa de entrada.

Tendo-se fortalecido com um copo ou dois de champanhe *Bollinger*, que comprara para oferecer de presente ao imbecil que devia, supostamente, levá-la a esquiar, abriu o *e-mail*. E encontrou uma bomba. Não era, no entanto, a bomba por que esperara.

O *e-mail* do professor Pacciani deixou-a muito mais que espantada. Foi, na verdade, como se lhe tirassem o tapete de baixo dos pés.

A única mulher canadiana com quem vira o professor Emerson ter algum, ainda que contido, gesto de afeto fora a professora Ann Singer. Sim, Christa vira Emerson com várias mulheres no Lobby, mas nunca com a mesma mulher duas vezes. Era amável com outras professoras e funcionárias, mas de um modo estritamente profissional, cumprimentando-as sempre e apenas com um firme aperto de mão. A professora Singer, pelo contrário, fora brindada com dois beijos na cara depois da última palestra de Emerson.

Christa não queria reacender a sua relação com o professor Pacciani. O homem deixava muito a desejar num certo aspeto físico, e ela não tinha vontade de repetir encontros íntimos que sempre a tinham deixado frustrada e insatisfeita. Afinal, Christa tinha os seus padrões de exigência, e

um homem que não atingisse, pelo menos, o tamanho do seu acessório de serviço pessoal não era digno de a comer.

(E Christa não se teria importado que a citassem.)

Decidida a obter mais informação sobre a noiva do professor Emerson, fingiu-se interessada num encontro com Pacciani na primavera seguinte e, subtilmente, perguntou o nome da senhora em questão. Depois desceu a escada e foi terminar o seu champanhe.

Na véspera de Natal, Julia estava sentada ao balcão do restaurante Kinfolks, em Selingsgrove, a almoçar com o pai. Gabriel fora fazer compras de última hora com Richard, e Rachel e Aaron tinham ido ao supermercado buscar o peru. Scott continuava em Filadélfia com a namorada.

Tom entregara escrupulosamente o presente de Paul a Julia. Ela colocara-o no chão, aos seus pés, e o embrulho reclamava agora a sua atenção, como um cachorrinho.

Julia acabou por abri-lo, achando que mais valia revelar o seu conteúdo ao pai do que ao namorado. Sorrindo, pôs o boião de xarope de ácer nas mãos de Tom, e ao ver a Holstein de peluche riu-se e deu-lhe um beijo, mas quando desembrulhou as figuras de Dante e Beatriz, ficou muito pálida. Era como se Paul soubesse. No entanto, Paul não poderia ter adivinhado que Gabriel e Julia eram Dante e Beatriz um para o outro.

Enquanto Tom comia o prato do dia — peru recheado com puré de batata —, Julia abriu o cartão de Paul. Tinha um desenho de crianças a atirarem bolas de neve umas às outras e o típico “Feliz Natal” gravado na parte da frente. Mas foram as palavras escritas pela mão de Paul que puseram um nó na garganta de Julia.

Feliz Natal, Coelhinha.

Sei que foi um primeiro semestre difícil e gostaria de te ter ajudado mais quando precisaste. Sinto orgulho em ti por não teres desistido. Um grande abraço de Vermont do teu amigo, Paul.

P.S. Não sei se já ouviste “Wintersong” de Sarah McLachlan, mas parte da canção fez-me pensar em ti.

Julia não conhecia a canção a que Paul se referia, pelo que só podia examinar mais atentamente o desenho no cartão. No centro da luta de bolas de neve encontrava-se uma rapariguinha de cabelo escuro e comprido, com um casaco vermelho-vivo, a rir.

A citação, a imagem, o cartão, o presente — Paul tentara esconder os

seus sentimentos, pensou Julia, mas aquele gesto traía-o. Estava tudo na imagem da rapariga que ria e na canção que Julia escutaria mais tarde.

Julia suspirou, voltou a guardar os seus presentes e pousou a caixa novamente aos seus pés.

— Então, o Gabriel tem-te tratado bem? — Tom decidiu inquirir sobre a relação da filha entre duas garfadas de peru.

— Ele adora-me, pai. É muito bom para mim.

O pai abanou a cabeça, meditando em como as aparências o tinham iludido: Simon parecia bom, mas Gabriel é que revelara sê-lo.

— Pois se ele mudar, só tens de me dizer — declarou, saboreando o puré de batata.

Julia quase rolou os olhos. Sim, era um pouco tarde para Tom se armar em pai superprotetor, mas mais valia tarde do que nunca.

— Esta manhã, quando chegámos, eu e o Gabriel passámos lá por casa. Vi o letreiro no relvado.

Tom pegou no guardanapo para limpar a boca.

— Pus a casa à venda há umas semanas.

— Porquê?

— Porque não? Não posso viver numa casa onde a minha filha não se sente segura.

— Mas tu cresceste naquela casa. Então, e tu e a Deb?

Tom encolheu os ombros e escondeu a cara atrás da sua chávena de café.

— Terminou.

Julia susteve a respiração.

— Não sabia. Que pena...

Tom continuou a beber o café, estoicamente.

— Tivemos algumas divergências de opinião. E os filhos dela não gostam de mim.

Julia pôs-se a remexer nos talheres, alinhando-os de modo a que as extremidades ficassem ao mesmo nível.

— A Deb tomou o partido da Natalie e do Simon, não foi?

Tom voltou a encolher os ombros.

— As coisas já não andavam bem há muito tempo. Na verdade, estou aliviado. É bom voltar a estar por minha conta. — Piscou o olho à filha, com ares de conspiração. — Agora estou à procura de uma casa mais pequena. Gostava de usar uma parte do dinheiro que ganhar com a venda para pagar a tua educação.

Julia ficou surpreendida. Depois sentiu-se zangada. O seu conflito com *ele* custara caro ao pai. Demasiado caro para ser remediado com um registo criminal e uns quantos dias de serviço comunitário. Julia ficara com uma

ciatriz, e o pai perdera a mulher com quem tencionava casar e a moradia da família Mitchell.

— Pai, deves guardar o dinheiro para a tua reforma.

— Tenho a certeza que chegará para tudo. E se não quiseres usar o dinheiro nos teus estudos, usa-o para comprar cerveja. De agora em diante, somos só nós os dois, miúda. — Despenteou o cabelo de Julia, o seu gesto afetuoso predileto.

Passados segundos, Tom levantou-se para ir à casa de banho, deixando Julia sozinha a contemplar o seu hambúrguer com queijo meio comido e o seu pai mudado. Estava absorta nos seus pensamentos, tamborilando no copo de cerveja de gengibre, quando alguém se sentou no banco ao seu lado.

— Olá, Jules.

Sobressaltada, Julia voltou-se e viu a sua antiga colega de quarto, Natalie Lundy, sentada ao seu lado.

Noutros tempos, em jeito de brincadeira, Julia chamara a sua antiga amiga de *Jolene*, pois o seu rosto bonito e voluptuoso podia ser aquele que a canção descrevia. Mas isso fora antes de Natalie a trair. Agora, a sua beleza parecia-lhe grosseira e fria.

Ao olhá-la, Julia apercebeu-se de algo triste no modo como Natalie estava vestida: o casaco *vintage* com os punhos ligeiramente coçados, as botas caras em segunda mão. A uma primeira vista, Natalie parecia rica e bem vestida. Mas Julia olhou duas vezes e viu aquilo que outros não conseguiam ver: a rapariga da pequena cidade de província que se envergonhava das suas raízes humildes e que ambicionava deixá-las para trás.

— Feliz Natal, Natalie. Que vais tomar? — perguntou Diane, a empregada, debruçando-se sobre o balcão.

Julia viu Natalie transformar-se de fria e carrancuda em alegre e bem-disposta, resvalando para a pronúncia local.

— Feliz Natal, Diane. Só um café. Não posso demorar-me.

A empregada sorriu e serviu-lhe café, afastando-se em seguida para atender um grupo de bombeiros voluntários, colegas de Tom, no extremo oposto do balcão. Mal Diane virou costas, a atitude de Natalie voltou a mudar. Olhou para Julia com ódio.

— Precisamos de ter uma conversa.

— Nada do que digas me pode interessar — retorquiu Julia, levantando-se, mas a outra agarrou-lhe subtilmente o pulso.

— Senta-te e cala-te, ou faço uma cena. — Natalie falava baixo, quase num sussurro. Sorriu artificialmente. Pela sua expressão, ninguém se aperceberia das ameaças que estava a fazer. Julia engoliu em seco e voltou a sentar-se.

Natalie libertou-lhe o braço com um beliscão.

— Temos de falar sobre o Simon.

Os olhos de Julia dispararam para a casa de banho dos homens, esperando que o pai reaparecesse.

Natalie prosseguiu.

— Vou partir do princípio de que o teu recente desentendimento com o Simon não foi intencional. Estavas chateada; ele disse algumas coisas que não devia ter dito, tu chamaste a polícia.

»Mas por causa desse desentendimento, o Simon agora tem cadastro. De certeza que não preciso de te explicar que esse registo tem de desaparecer antes de ele concorrer a senador. Vais resolver esse mal-entendido. Hoje.

Natalie sorriu e puxou o cabelo para trás dos ombros, agindo como se ela e Julia estivessem a ter uma conversa amigável.

— Não posso fazer nada — balbuciou Julia. — Ele já aceitou um acordo.

Natalie bebeu um gole de café.

— Não me trates como se eu fosse estúpida, Jules. Eu sei isso. Parece-me óbvio que vais ter de dizer ao promotor público que mentiste. Explicas que foi uma discussão de namorados que deu para o torto, quiseste vingar-te, e agora sentes-te mal por teres inventado aquela história toda. — Riu um pouco alto de mais. — Embora eu não perceba como havia alguém de acreditar que o Simon tivesse interesse em ti. Valha-me Deus, olha para ti. Estás uma desgraça.

Julia reprimiu uma resposta desagradável, decidindo que o silêncio era a opção mais prudente.

Natalie debruçou-se para ela, afastando-lhe a gola da camisola da garganta com dedos de gelo, e examinou-lhe o pescoço.

— Não tens marca nenhuma. Vais mostrar o pescoço ao promotor e dizer-lhe que mentiste.

— Não — disse Julia, afastando-se e resistindo à tentação de lhe mostrar a cicatriz que ocultara de manhã com base. Endireitou a gola, pousando uma mão sobre o lugar onde Simon a mordera. Era uma dor-fantasma, sabia-o, mas ainda podia sentir os dentes dele a rasgarem-lhe a pele.

Natalie baixou a voz.

— Não estou a pedir — disse, num sussurro. — Estou a dizer-te o que vais fazer. — Tirou o seu *BlackBerry* da mala e pousou-o sobre o balcão, no meio delas. — Não queria ir tão longe, mas não me deixas outra opção. Tenho umas fotografias tuas que o Simon tirou. São muito... sugestivas.

Os olhos de Julia fixaram-se no telefone. Tentou engolir, mas tinha a boca demasiado seca. Com a mão a tremer, levou o copo aos lábios, tentando desesperadamente não entornar a sua bebida.

Natalie sorriu, claramente satisfeita por poder torturar a sua antiga rival. Agarrou no telemóvel ansiosamente, percorrendo as fotografias.

— Nunca consegui perceber como foi que ele conseguiu tirar as fotografias sem dares por isso. Ou se calhar até sabias e não te importaste. — Pôs a cabeça de lado, estreitando os olhos para Julia. — Mas será que não te importavas que toda a gente em Selinsgrove visse estas imagens na internet?

Julia olhou para os outros clientes, esperando que não tivessem ouvido a ameaça de Natalie. Pelo menos, ninguém estava a olhar para elas. O seu primeiro impulso foi fugir, esconder-se. Mas essa estratégia nunca a salvara da mãe quando era mais jovem. A mãe acabava sempre por encontrá-la. E também não a salvara de Simon, que só fora detido pelos punhos de Gabriel.

Julia estava cansada de se esconder. Sentiu a espinha retesar-se.

— Tu é que tens culpa do cadastro do Simon. Ele veio ter comigo à procura das fotografias. Mas eras tu que as tinhas.

Natalie sorriu candidamente, mas não negou a acusação.

— E agora queres que seja eu a resolver os problemas que arranjaste. Mas não vou fazer nada disso.

Natalie deu uma gargalhada.

— Ah, isso é que vais.

Olhou novamente para o monitor, aproximando-o teatralmente dos olhos.

— Caramba, as tuas mamas são mesmo pequenas.

— Sabes que o senador Talbot quer concorrer à presidência? — disse Julia, num repente.

Natalie sacudiu o cabelo para trás dos ombros.

— Claro que sei. Vou trabalhar na campanha do senador.

Julia olhou-a demoradamente.

— Agora percebo. O cadastro do Simon vai ser um problema para o senador, por isso queres resolver o assunto. Fizeste asneira.

— Ah, sim?

— Sim. Se puseres estas fotografias na internet, o Simon deixa-te num piscar de olhos. E nunca hás de conseguir sair desta cidade.

Natalie acenou com a mão, rejeitando a ideia.

— Ele não me deixa. Além disso, o senador nunca vai saber das fotografias.

Julia sentiu a sua pulsação acelerar.

— Se eu estou nessas fotografias, o Simon também está. Achas que o senador vai gostar disso?

— Nunca ouviste falar de um programzinho chamado “Photoshop”?

Posso tirar o Simon e pôr outra pessoa no lugar dele. Mas não vou precisar de fazer nada disso, porque tu vais ser uma menina bonita e vais fazer o que te mando. Não é verdade, Jules?

Com um sorriso condescendente, Natalie voltou a guardar o seu *Black-Berry* na mala e pôs-se de pé, preparando-se para sair. Julia deteve-a.

— Ele nunca te vai apresentar aos seus pais. Ele próprio mo disse. Podes fazer melhor do que ser o segredinho sujo do Simon.

Natalie hesitou, depois o seu rosto endureceu.

— Não sabes o que estás para aí a dizer — ripostou. — O Simon vai dar-me *exatamente* aquilo que eu quero, e tu também. Se não resolveres isto hoje, as fotografias vão para a internet. Feliz Natal.

Começou a caminhar na direção da porta, mas Julia chamou-a.

— Espera.

Natalie voltou-se, olhando para a sua antiga amiga com visível desdém.

Julia respirou fundo e fez sinal a Natalie para que se aproximasse.

— Diz ao Simon que lembre o senador de renovar a subscrição do *The Washington Post*.

— Porquê?

— Porque se puseres as fotografias na internet, eu telefono ao Andrew Sampson, que é jornalista do *Post*. De certeza que te lembras dele. Escreveu um artigo, no ano passado, sobre a detenção do Simon e sobre o modo como o senador interveio.

Natalie abanou a cabeça.

— Não me parece que faças isso.

Julia cerrou os punhos, obstinadamente.

— Se as fotografias forem parar à net, não tenho nada a perder. Digo aos jornais que o Simon me agrediu e que depois enviou a rapariga com quem anda às escondidas para me chantagear.

Os olhos verdes de Natalie abriram-se muito, e depois estreitaram-se, lembrando duas serpentes.

— Não serias capaz.

— Põe-me à prova.

Natalie fitou-a, numa fúria surpresa, antes de apertar os maxilares.

— Há anos que as pessoas te passam por cima e nunca fizeste nada. Não conseguias telefonar a um jornalista para vomitares a história toda.

Julia ergueu o queixo, esforçando-se por manter a voz calma.

— Talvez esteja farta de deixar que as pessoas me passem por cima. — Encolheu os ombros dramaticamente. — Se divulgares as imagens, nunca vais trabalhar na campanha do senador. Vais ser apenas parte de um escândalo embaraçoso que eles hão de varrer para debaixo do tapete.

A pele branca de Natalie estava agora intensamente ruborizada.

Julia resolveu aproveitar o seu silêncio e continuou.

— Deixa-me em paz, e eu esqueço que vocês os dois existem. Mas nunca vou mentir a respeito do que ele me fez. Já menti muitas vezes para esconder porcarias dele, e não volto a fazê-lo.

— Estás é danada por ele te ter trocado por mim — cuspiu Natalie, levantando a voz. — Eras uma miúda fraca e patética, que nem sabia fazer um broche como deve ser!

No silêncio desconfortável que se seguiu, Julia apercebeu-se de que os outros clientes no restaurante tinham parado de conversar. Profundamente humilhada, olhou para as caras conhecidas em redor. Toda a gente ouvira a grosseira revelação de Natalie, incluindo a mulher do pastor batista, que estava sentada a um canto, a tomar chá com a sua filha adolescente.

— Agora já não te armas em corajosa, pois não? — sibilou Natalie.

Antes que Julia pudesse responder, Diane apareceu junto do balcão.

— Natalie, vai para casa. Não podes falar assim aqui.

Furiosa, Natalie recuou alguns passos, praguejando.

— Isto ainda não acabou.

Julia levantou a cabeça.

— Acabou, sim. És demasiado esperta para comprometeres o teu futuro fazendo alguma coisa estúpida. Vai ter com *ele* e deixa-me em paz.

Natalie fulminou-a com o olhar, depois girou sobre os calcanhares e saiu tempestivamente.

— Que se passa? — perguntou Tom, aparecendo subitamente atrás de Julia. — Jules? Que se passa?

Antes que ela conseguisse responder, Diane começou a fazer um relato muito depurado do que acontecera.

Tom praguejou e pousou uma mão sobre o ombro da filha.

— Estás bem?

Julia anuiu com relutância, depois correu para a casa de banho das senhoras. Não sabia como seria capaz de voltar a encarar as pessoas da cidade, depois do que Natalie lhe gritara. Lutando contra a náusea, apoiou-se no balcão.

Diane seguiu Julia até à casa de banho. Humedeceu alguns toalhetes com água fria e entregou-lhos.

— Lamento o que se passou, Jules. A Natalie merecia uma bofetada naquela cara. Nem acredito que se atreveu a falar assim no meu restaurante.

Julia passou os toalhetes pela cara, sem dizer nada.

— Querida, ninguém ouviu nada do que aquela rapariga disse. Está muito barulho, e anda tudo a falar do Pai Natal que ontem, no centro comercial, se embebedou à hora de almoço e tentou enrolar-se com um dos duendes.

Julia encolheu-se.

Diane sorriu-lhe, comovida.

— Queres que te arranje uma chávena de chá, ou outra coisa?

Julia abanou a cabeça e respirou fundo, tentando recompor-se.

Se há por aí algum deus a ouvir, por favor dê aos clientes do Kinfolks amnésia, só no que se refere aos últimos quinze minutos.

Passados minutos, voltou para junto do pai. Manteve a cabeça baixa, recusando-se a estabelecer contacto visual com quem quer que fosse. Era quase impossível não imaginar todo o restaurante a comentar os seus pecados e a julgá-la.

— Desculpa, pai — disse, num fio de voz.

Tom franziu o sobrolho e pediu a Diane mais uma chávena de café e um *donut* com geleia.

— Estás a pedir desculpa de quê? — perguntou Tom, num tom brusco.

Diane serviu-os, dando uma palmadinha carinhosa no braço de Julia, e afastou-se, para lhes dar alguma privacidade.

— Tudo isto é por culpa minha... a Deb, a Natalie, a casa... — Julia não queria chorar, mas as lágrimas inundaram-lhe os olhos, e foi-lhe impossível contê-las. — Envergonhei-te diante da cidade inteira.

Tom inclinou-se para ela.

— Não quero ouvir disparates desses. Nunca me envergonhaste. Tenho orgulho em ti. — Sentindo a voz fraquejar, Tom pigarreou. — Era minha responsabilidade proteger-te, e não o fiz.

Julia enxugou uma lágrima.

— Mas agora tens a vida arruinada.

Tom soltou um pequeno ronco.

— Também não estava assim tão ligado à vida que tinha. Prefiro perder a casa e a Deb do que perder-te a ti. Nem há comparação. Nenhuma.

Empurrou o *donut* para a frente de Julia e esperou até que ela desse uma dentada.

— Quando conheci a tua mãe, fui feliz. Passámos alguns anos bons juntos. Mas o melhor dia da minha vida foi o dia em que nasceste. Sempre quis uma família. Nunca mais vou deixar nada nem ninguém separar-me da minha família. Tens a minha palavra.

Julia sorriu-lhe, e Tom voltou a despenteá-la.

— Quero passar por casa da Deb para lhe falar do que se passou. Ela tem de ensinar a filha a comportar-se como deve ser em público. E se telefonasses a esse teu namorado e lhe pedisses para vir buscar-te? Encontramo-nos mais logo, em casa do Richard.

Julia concordou e limpou as lágrimas. Não queria que Gabriel a visse chorar.

— Adoro-te, pai.

Tom pigarreou, sem a olhar.

— E eu a ti. Agora acaba esse *donut* antes que a Diane nos comece a cobrar renda.

Capítulo Oito

Gabriel ficou satisfeito por poder terminar mais cedo as suas compras de Natal. Quando chegou com Richard ao restaurante, dirigiram-se ao balcão, juntando-se aos Mitchell.

Julia levantou-se e abraçou-o com força.

— Que aconteceu? — perguntou Gabriel, franzindo o sobrolho. — Estiveste a chorar.

— São só as emoções do Natal — respondeu Julia, apercebendo-se, com desconforto, de que alguns dos clientes continuavam a olhá-los.

— Que emoções do Natal?

— Conto-te mais tarde. — Começou a puxá-lo para a porta.

Richard ficou para trás, cumprimentando Tom, e enquanto os dois amigos conversavam, Gabriel puxou o cabelo de Julia para trás dos ombros, para lhe sussurrar algo carinhoso ao ouvido.

Um brilho súbito chamou a atenção de Richard: os brincos de Grace. Era óbvio que subestimara a nova relação do filho. Tinha a certeza que Grace ficaria feliz por Gabriel ter dado os seus brincos a Julia. Grace gostava de Julia como se fosse sua filha e sempre a considerara um membro da família. Talvez um dia Gabriel fizesse Julia pertencer oficialmente à família...

Gabriel e Tom cumprimentaram-se educadamente, e Gabriel pegou na caixa com o presente que Paul enviara a Julia, resistindo ao impulso de dizer algo desagradável.

Quando o trio se aproximava da porta, a agente Roberts entrou no restaurante. Trazia o uniforme vestido.

— Olá, Jamie. — Gabriel sorriu, mas o seu corpo ficou tenso.

— Olá, Gabriel. Vieste passar o Natal a casa?

— Viemos, sim.

Cumprimentou Julia e Richard, e voltou-se de novo para Gabriel, apercebendo-se da mão de Julia pousada no seu braço.

— Estás com bom aspeto. Pareces feliz.

— Obrigado. Estou mesmo — respondeu Gabriel, sorrindo genuinamente.

Jamie anuiu.

— Fico feliz por ti. Feliz Natal.

Julia e Gabriel agradeceram-lhe e saíram tranquilamente do restaurante, pensando, cada um para consigo, que o perdão tornava certos fardos bem mais leves.

Quando entraram na casa dos Clark, Gabriel conspirava com o pai, desafiando-o para tomarem um uísque e fumarem charutos no pátio. Julia sentia-se ainda um pouco abalada, em virtude do confronto com Natalie, mas estava tão aliviada por ter chegado a casa que afastou do pensamento o episódio da tarde. Dirigiu-se para a sala, enquanto Gabriel e Richard penduravam os seus casacos.

— Querida, queres dar-me o teu casaco? — gritou Gabriel para a sala. Não obtendo resposta, apressou-se a seguir Julia.

A sua pergunta seguinte não chegou a ser formulada. Gabriel ficou paralisado. A sua amada Julianne estava imóvel como uma estátua, de olhos postos numa mulher que estava sentada na sala com Aaron e Rachel. Instintivamente, Gabriel agarrou Julia pela cintura e puxou-a para junto de si.

Viu a mulher levantar-se graciosamente do sofá e deslizar até junto deles. Movia-se como uma bailarina, ou como uma princesa, um ar subtil de dinheiro antigo envolvendo-a como perfume.

Era alta, quase da altura de Gabriel, com um cabelo louro liso e com-prido, e grandes olhos azuis. Tinha uma pele imaculada e era magra como uma manequim, à exceção dos seios, que eram generosos e perfeitos. Trazia umas botas de salto alto pretas que lhe davam pelo joelhos, uma saia preta de lã afunilada, e uma camisola de caxemira de um azul-pálido, que lhe descaía provocadoramente dos ombros.

Era uma mulher linda. E imperiosa. Ao ver como o braço de Gabriel rodeava Julia, arqueou os ombros como um gato azul russo.

— Gabriel, querido. Que saudades! — A sua voz era rica e clara, com um ligeiro sotaque britânico. Abraçou-o.

Julia afastou-se, sem qualquer vontade de participar num abraço de grupo.

— Que fazes aqui? — Uma miríade de emoções transparecia do rosto de Gabriel enquanto ela o beijava em ambas as faces, com os seus lábios carnudos e rosados.

Beijou-o devagar, sensualmente. Para acrescentar um insulto aos danos já causados, limpou a marca de batom que lhe deixara na pele, rindo baixinho, como se se tratasse de um piada privada.

Os olhos de Gabriel pousaram imediatamente em Julia, e ela retribuiu-lhe com um olhar desiludido.

Antes que Gabriel articulasse o que quer que fosse, Richard pigarreou e deu alguns passos em frente. A mulher ignorou a mão que ele lhe estendia e abraçou-o também.

— Richard. É um prazer, como sempre. Soube da Grace. Sinto muito.

Richard correspondeu educadamente ao abraço e em seguida foi buscar o casaco de Julia. Depois de o ter pendurado, fez sinal a Aaron e a Rachel para que o seguissem até à cozinha, negando a Paulina a plateia que ela certamente queria.

— Não sabia que tinhas duas irmãs — disse Paulina, olhando para Julia com um sorriso gelado. Parecia muito mais alta do que Julia, que trazia sapatos rasos, calças de ganga e uma gabardina preta. Ao lado de Paulina, Julia sentiu-se mal vestida e insignificante.

— Só tenho uma irmã e tu sabes muito bem disso — ripostou Gabriel. — Que fazes aqui?

Julia saiu do seu transe e estendeu corajosamente a mão, antes que Gabriel fizesse uma cena.

— Sou a Julia. No outro dia falámos ao telefone.

Paulina controlava bem a sua expressão facial, mas Julia viu o que ela tentava esconder: *as chamas frias do ressentimento*.

— A sério? — Riu artificialmente. — Certamente não espera que eu me lembre de todas as raparigas que têm atendido o telefone do Gabriel ao longo dos anos. A não ser que seja uma daquelas com quem falei quando interrompi um *ménage*! Lembras-te dessa noite, Gabriel?

Julia baixou o braço, como se a tivessem esbofeteado.

— Estou à espera de uma resposta para a minha pergunta — disse Gabriel, a voz tensa e fria como um lago gelado. — Que fazes aqui?

Julia tentou afastar-se. A imagem verbal que Paulina pintara deixara-a repugnada, e duvidava que tivesse estômago para a resposta, qualquer que ela fosse. Gabriel segurou-lhe o braço, suplicando-lhe com o olhar que não se fosse embora.

— Vim falar contigo, obviamente. Não atendias as minhas chamadas e o Carson disse que virias passar o Natal com a tua família. — Paulina falava com irritação.

— Estás a caminho do Minnesota?

— Sabes bem que os meus pais não me falam. Seja como for, Gabriel, preciso de falar contigo. — Lançou um olhar venenoso a Julia. — *A sós*.

Gabriel sabia que na cozinha podiam ouvi-los. Deu um passo na direção de Paulina e falou num sussurro:

— Vou lembrar-te que és uma visita. Não vou tolerar que desrespeites ninguém, muito menos a Julianne. Comprendes?

— Não me tratavas como uma visita quando estavas na minha boca — murmurou Paulina, olhos a brilhar.

Julia respirou fundo, sentindo o estômago às voltas. Se tivesse conhecido Paulina algumas semanas antes, o encontro teria sido estranho e desconfortável. Mas estar diante dela agora, depois de todas as horas que passara na cama com Gabriel, era incrivelmente doloroso.

Paulina conhecia-o na intimidade. Conhecia os seus sons, o seu cheiro, a expressão na sua cara no momento de um orgasmo. Era mais alta, mais sofisticada, e muito mais bonita. E era evidente que, ao contrário de Julia, não hesitava em fazer sexo oral. Além disso, e muito mais significativo, concebera uma criança com Gabriel, algo que ele já não poderia fazer com mais ninguém.

Julia libertou-se do braço de Gabriel e virou costas aos antigos amantes. Sabia que seria melhor se mantivesse uma frente unida com Gabriel. Também sabia que devia defender a sua posição, em vez de recuar. Mas já fora rebaixada no restaurante, pouco antes, e não lhe restava energia para lutar. Emocionalmente exausta, arrastou-se escada acima, sem sequer olhar para trás.

Gabriel viu-a afastar-se e o coração caiu-lhe aos pés. Queria correr atrás dela, mas não podia deixar Paulina com o pai e com a irmã. Pediu licença e foi até à cozinha para dizer a Rachel que Julia estava indisposta e para lhe pedir que fosse ter com ela.

Rachel subiu a escada e viu Julia a sair da casa de banho no segundo andar.

— Estás bem?

— Não. Preciso de me deitar.

Quando Rachel lhe abriu gentilmente a porta do antigo quarto de Gabriel, Julia atravessou o corredor e entrou no quarto de hóspedes. Rachel viu-a descalçar-se lentamente, pousando os sapatos no tapete junto à cama.

— Queres uma aspirina, ou outra coisa?

— Não. Só preciso de descansar.

— Quem é aquela mulher? E porque está aqui?

— Vais ter de perguntar ao teu irmão — disse Julia, através de dentes cerrados.

— Vou perguntar, podes ter a certeza. — A mão de Rachel apertou a maçaneta da porta. — Mas o facto de eu não saber quem ela é diz-me uma coisa. Ela não pode ter sido muito importante, se o Gabriel nunca a trouxe

cá a casa. — Deu meia-volta para sair. — Isso também te devia dizer alguma coisa a ti.

Julia deitou-se na cama, esperando que o sono viesse rapidamente.

Gabriel entrou na cozinha três horas mais tarde e encontrou Aaron e Rachel a discutirem sobre o modo correto de confeccionar o famoso frango à Kiev de Grace.

— Estou a dizer-te, tens de congelar a manteiga primeiro. Era assim que a tua mãe fazia. — Aaron parecia exasperado.

— Como é que sabes? Não diz aqui nada sobre isso — retorquiu Rachel, apontando o cartão com a receita.

— A Grace congelava sempre a manteiga — disse Gabriel, franzindo o sobrolho. — Provavelmente achou que toda a gente saberia isso. Onde está a Julia?

Rachel voltou-se para o irmão, empunhando um enorme batedor de ovos.

— Onde estiveste tu?

— Saí. A Julia?

— Está lá em cima. A não ser que tenha decidido voltar para casa do pai dela.

— E porque havia ela de fazer isso?

— Oh, não sei. Talvez porque saíste com uma das tuas ex-namoradas e a deixaste durante três horas. Espero que ela te ponha a andar.

— Querida... — censurou-a Aaron, pousando-lhe a mão sobre o ombro.

— Para. — Rachel sacudiu-lhe a mão, irritada. — Gabriel, tens sorte em o Scott não estar aqui. Por esta altura, ele já te teria arrastado lá para fora.

Aaron franziu o sobrolho.

— E eu? Também podia arrastar o Gabriel lá para fora, se quisesse.

Rachel rolou os olhos.

— Não, não podias. Além disso, preciso que ponhas a maldita manteiga a congelar.

Gabriel resmungou algo ininteligível e saiu da cozinha. Subiu as escadas devagar, tentando desesperadamente formular um pedido de desculpa que fosse digno de Julia.

(Não que tal fosse possível, mesmo com o seu jeito com as palavras.)

Deteve-se à porta, por um instante, respirando fundo para se acalmar. Mas a cama estava vazia.

Intrigado, olhou em redor. Ela não estava ali.

Saindo novamente para o corredor, perguntou-se se Julia teria procurado refúgio no quarto de Scott, mas também não foi lá que a encontrou. A casa de banho não estava ocupada. Depois, os seus olhos pousaram na porta fechada do quarto de hóspedes, do outro lado do corredor. Abriu-a.

Julia estava deitada no centro da cama, a dormir profundamente. Gabriel ainda pensou em deixá-la continuar a dormir, mas rejeitou a ideia. Precisavam de conversar, longe de ouvidos alheios, e pelo menos durante algum tempo o resto da família estaria ocupada com as suas tarefas.

Sem dizer uma palavra, descalçou-se e deitou-se na cama, aninhando-se junto dela. A pele macia de Julia estava fria. Estreitou-a com o seu corpo.

— Gabriel? — Julia pestanejou, sonolenta, voltando-se para ele. — Que horas são?

— Seis e meia.

Ela esfregou os olhos.

— Porque é que ninguém me acordou?

— Estavam à minha espera.

— À tua espera para quê?

— Saí. Quando voltei, o Richard quis falar comigo.

— Aonde foste?

Culpado, Gabriel desviou o olhar.

— Estiveste com *ela*?

— Ela tem a carta de condução suspensa, por ter conduzido embriagada. Fui deixá-la num hotel.

— Mas porque demoraste tanto?

Gabriel hesitou, receoso.

— Estivemos a conversar.

— A conversar? Num hotel?

— Ela está perturbada com a volta que a sua vida deu. O facto de ter aparecido aqui foi uma tentativa desesperada de mudar de rumo.

Julia enroscou-se, puxando os joelhos contra o peito.

— Não, não, não — cantarolou Gabriel, afastando-lhe os braços e os joelhos do corpo, tentando que ela abandonasse a sua postura defensiva. — A Paulina foi-se embora, e não vai voltar. Disse-lhe que me apaixonei por ti. Ela tem o meu dinheiro e tem os meus advogados, e nada mais.

— Isso nunca lhe chegou. Ela quer-te, e não se importa que estejas comigo.

Os braços de Gabriel rodearam o corpo tenso de Julia.

— Não me interessa o que ela quer. Estou apaixonado por ti, e *tu* és o meu futuro.

— Ela é muito bonita. E sensual.

— É rancorosa e mesquinha. Não vi nada de bonito nela, hoje.

— Conceberam uma criança juntos.

Gabriel estremeceu.

— Não propositadamente.

— Odeio partilhar-te.

Gabriel irritou-se.

— *Nunca* terás de me partilhar.

— Tenho de te partilhar com o teu passado... com a Paulina, com a professora Singer, com a Jamie Roberts... com inúmeras outras mulheres com quem provavelmente me cruzarei nas ruas de Toronto.

Gabriel contraiu os maxilares.

— Farei tudo o que for possível para te poupar a encontros embaraçosos, de futuro.

— Ainda assim, custa.

— Desculpa — murmurou Gabriel. — Se pudesse mudar o passado, era o que faria. Mas não posso, Julianne, por mais que queira.

— Ela deu-te o que eu não posso dar.

Gabriel debruçou-se sobre ela, pousando a mão na cama junto à sua anca.

— Se tivesses sede e alguém te oferecesse água do mar, aceitavas?

— Claro que não.

— Porquê?

Julia estremeceu.

— Porque a água estava salgada e suja.

— E se te dessem a escolher entre essa água e um copo de *Perrier*, qual escolherias?

— *A Perrier*, evidentemente. Mas não percebo o que tem isto a ver com *ela*.

Os olhos de Gabriel estreitaram-se.

— Não?

Gabriel encostou o seu peito ao dela, ajoelhando-se entre as suas pernas, de modo a que as suas ancas se unissem.

— Não vês a comparação entre ti e ela? Isto é a minha água. — O seu corpo moveu-se sobre o de Julia. — *Tu* és a minha água. Fazer amor contigo é tudo aquilo de que preciso para saciar a minha sede. Porque havia de deitar isso fora para beber água do oceano?

Moveu-se novamente, como que para a lembrar.

— Ela não tem nada para me oferecer.

Baixou a cara até o seu nariz ficar a escassos centímetros do dela.

— E tu és linda. És uma obra de arte, do alto da cabeça às pontas dos pés. És a *Vénus* de Botticelli e a minha Beatriz. Fazes alguma ideia de como

te adoro? Ficaste com o meu coração da primeira vez que te vi, quando tinhas dezassete anos.

Aos poucos, o corpo de Julia relaxava sob o toque e as palavras calmas de Gabriel.

— Como ficaram as coisas entre vocês?

— Disse-lhe que não gostava que ela me visitasse de surpresa e que não lhe admitia que o fizesse novamente. Reagiu tão bem como se podia esperar.

Gabriel foi interrompido, pois alguém bateu à porta com força.

— Sim?

Rolou para o lado no instante em que Rachel entrava no quarto.

— O jantar está na mesa, e o Tom e o Scott já chegaram. Vocês os dois vêm? — Olhou da sua melhor amiga para o irmão e novamente para Julia.

— Tenho de chamar o Scott cá acima?

Julia abanou a cabeça.

— Ele trouxe a namorada?

— Não, ela vai passar o Natal com os pais dela. Pedi-lhe que a convidasse, mas ele contou-me uma grande história. — Rachel parecia contrariada. — Será que ele tem vergonha de nós?

— O mais provável é ter vergonha dela — disse Gabriel. — Deve ser uma *stripper*.

— Professores com telhados de vidro não deviam atirar pedras. — Rachel lançou um olhar furioso ao irmão e saiu.

Julia estava perplexa.

— Que foi que lhe deu?

A expressão de Gabriel tornou-se tensa.

— A minha querida irmã ficou mal impressionada com a Paulina. E comigo.

Capítulo Nove

Foi uma Véspera de Natal diferente de todas as anteriores. A ausência de Grace foi ainda mais sentida pelo seu marido e pelos seus filhos, Aaron lamentou não estar ainda casado, e Rachel lamentou que o seu frango à Kiev não estivesse nem de perto tão bom como o que a mãe fazia, com manteiga congelada ou não.

Depois do jantar, Gabriel, Tom e Richard retiraram-se para o pátio das traseiras para fumarem charutos e beberem uísque, enquanto o resto da família tomava café na cozinha.

— Como foi a viagem a Itália? — perguntou Aaron a Julia, quando enchiam ambos as suas chávenas na máquina de café.

— Ótima. Estava bom tempo, e divertimo-nos muito. Como vão os planos para o casamento?

— Estão a avançar. Quando a Rachel disse que queria alugar uma centena de pombos para serem libertados depois da cerimónia, tive de bater o pé no chão. Acho que alguns dos meus parentes que andam armados eram capazes de disparar contra as malditas aves. — Piscou o olho a Julia.

— Como estão os teus pais?

— Estão bem. A Rachel tem incluído a minha mãe nos preparativos, por isso ela anda toda entusiasmada. Como vão as coisas entre ti e o Gabriel?

Julia escondeu a cara, abrindo o frigorífico para procurar as natas.

— Bem.

— Tirando o facto de a ex dele ter aparecido cá.

Julia voltou-se para ele e Aaron olhou-a com uma expressão compreensiva.

— Não quero falar sobre isso.

Aaron pôs-se a brincar com uma colher.

— O Gabriel fica diferente quando estás por perto. — Pousou a colher no balcão e esfregou o queixo. — Tem um ar feliz.

— Ele também me faz feliz.

— Um Gabriel feliz é tão raro como um *hobbit*. Todos gostamos de o ver. Quanto à ex, bem, duvido que tenha sido algo sério. Pelo menos, não foi como é contigo.

— Obrigada, Aaron.

Os dois amigos trocaram um abraço rápido.

Mais tarde, Julia e Gabriel foram para o seu quarto num hotel. Julia estava a lavar a cara na casa de banho quando ouviu os acordes de “Lying in the Hands of God”, vindos do quarto.

Gabriel apareceu atrás dela, vestido apenas com uns *boxers* de seda azul-marinho, sorrindo.

— Esta música não é Barry White, mas é nossa. — Fitou-a por um ou dois segundos, os olhos repletos de desejo. Roçou-lhe o nariz no pescoço, afastando-lhe o cabelo para lhe beijar a pele.

— Quero-te — murmurou-lhe. — Agora. — Pôs-lhe as mãos por baixo da t-shirt, expondo-lhe o abdómen acima do cós das calças de ioga.

— E se fosses vestir uma daquelas coisas bonitas que compraste em Toronto? Ou talvez o corpete azul. Sabes que é o meu favorito. — Falava baixo, a sua boca deslizando sedutoramente pelo ombro de Julia.

— Não posso.

Gabriel fez um sorriso presumido.

— Aqui não, amor. Duvido que estivesses preparada para nos veres ao espelho. Embora eu não me importasse nada.

Quando ele começou a despir-lhe a t-shirt, Julia afastou-se.

— Hoje, não.

Gabriel deixou cair os braços, olhando-a.

Julia evitou o olhar dele e continuou a lavar a cara.

Gabriel saiu da casa de banho de sobrolho franzido, e foi silenciar a aparelhagem, mal-humorado. Tirando aquele interlúdio na Galeria Uffizi, Julia nunca se lhe negara. Claro que só estavam juntos havia pouco mais de duas semanas. Mas ainda assim...

O professor Emerson não estava habituado a ser rejeitado por uma amante. De certeza que Julia teria as suas razões... pelo menos uma razão, começada com *P* e a acabar num *A*. Atirou-se para a cama, cruzando os braços sobre a cara. Era compreensível que Julia ainda se sentisse aborrecida com a visita de Paulina. Sexo devia ser a última coisa que lhe apetecia. Além disso, algo a perturbara no restaurante Kinfolks, nessa tarde.

O facto de ter sido rejeitado fez Gabriel desejá-la ainda mais. O perfu-

me do cabelo dela, a sua pele de cetim, o modo como fechava os olhos com força mesmo antes de se vir, a sensação do corpo dela movendo-se debaixo do seu, movendo-se com ele...

Gabriel precisava de fazer amor com Julia para saber que estava tudo bem... que estavam bem.

Sim, o sexo era o seu prazer diário, e Gabriel precisava disso. Precisava de lhe mostrar, não com palavras mas com ações, que a amava, que a venerava, que faria qualquer coisa por ela. Precisava de saber que Julia ainda o queria, precisava de a ouvir murmurar o seu nome.

Mas ela parecia não precisar de nada disso. Era óbvio que não o queria. Pelo menos, não naquela noite.

As reflexões angustiadas de Gabriel prosseguiram até Julia ir deitar-se. Ficou de lado, a olhá-lo, mas Gabriel ignorou-a, limitando-se a apagar o candeeiro na mesa de cabeceira.

No escuro, permaneceram ambos em silêncio, enquanto uma barreira invisível e fria se erguia entre eles.

— Gabriel?

— Sim?

— Preciso de te explicar uma coisa.

Gabriel expirou devagar, libertando todo o ar que tinha nos pulmões.

— Eu compreendo, Julianne. Boa-noite. — Tentou soar descontraído, mas falhou completamente. Chegou-se para o seu lado da cama.

Julia encolheu-se. Agora, a barreira invisível parecia mais um muro alto, impenetrável.

Os homens têm egos frágeis como cascas de ovos.

Julia queria explicar-lhe algumas coisas e pôr tudo em pratos limpos, mas se ele se ofendera com tanta facilidade, então mais valia esperar para falarem de manhã. Ou mais tarde. Julia virou-se de costas para ele e fechou os olhos, determinada a esquecer aquele dia horrível. Tentou abafar as fungadelas, esperando conseguir conter as lágrimas hormonais. A última coisa que queria era que Gabriel a apanhasse a chorar.

Os rapazes são burros.

Fungou durante alguns minutos, até que Gabriel veio enrosçar-se nela, encostando-lhe o peito nu às costas.

— Desculpa — sussurrou ele.

Julia anuiu, ainda a fungar.

— Por favor, não chores.

— Não estou a chorar.

— Não queria portar-me como um imbecil. — Gabriel apoiou-se num cotovelo. — Olha para mim — pediu, com um sorriso arrependido. — Estou mal habituado, por causa de todas as vezes que fizemos amor nestas

duas semanas. Mas sei que há de haver dias em que te vais sentir cansada ou sem vontade. Prometo não amuar... muito.

Julia sorriu, olhando-o de esguelha, e ergueu-se para o beijar.

Gabriel enxugou-lhe os olhos.

— Contas-me porque estavas a chorar esta tarde, no restaurante?

Julia abanou a cabeça.

— Por favor?

— Estou demasiado cansada.

Gabriel roçou o nariz no dela até a sentir relaxar nos seus braços.

— Que posso fazer?

— Não preciso de nada.

— Um banho quente? Uma massagem? — Gabriel parecia um rapazi-
nho ansioso por agradar. — Deixa-me tocar-te. Vou fazer-te sentir melhor.

— Gabriel, mal consigo ter os olhos abertos.

— Queria fazer alguma coisa por ti.

— Abraça-me.

— Isso nem era preciso pedires. — Beijou-a uma vez mais, depois ani-
nhou-se atrás dela.

— Feliz Natal, Gabriel.

— Feliz Natal.

Algumas horas antes, uma mulher entrara sozinha num táxi, à porta do Comfort Inn. Chorava.

O condutor ignorou educadamente as suas lágrimas e aumentou o vo-
lume do rádio, esperando dar-lhe alguma privacidade na longa viagem até
Harrisburg. A canção que estava a tocar ficava no ouvido, de tal modo que
deram ambos por si a cantarolar.

Enquanto cantarolava, a mulher pensava no presente que deixara com
o gerente noturno do hotel, Will. Pusera-lhe na mão cinco notas de vinte
dólares novinhas em folha; em troca, ele comprometera-se a entregar o re-
ferido embrulho numa determinada morada em Selinsgrove, por volta das
nove horas da manhã seguinte. A manhã do Dia de Natal.

Quando Will, como era costume nas terras pequenas, lhe revelara que
conhecia bem o endereço em causa, uma vez que fora colega de escola do
irmão de Gabriel, Scott, a mulher fizera algumas perguntas, em tom casual,
sobre a nova namorada de Gabriel.

Will correspondera entusiasticamente, uma vez que a sua família co-
nhecia Tom Mitchell e a sua filha havia anos. Com efeito, relatara Will, Tom
ainda recentemente se gabara da filha, que estava a sair-se muito bem nos
seus estudos na Universidade de Toronto.

Mal tomou conhecimento daquele facto surpreendente, a mulher decidiu pegar nas suas malas e partir de Selinsgrove. Olhando, através das janelas do táxi, para as árvores cobertas de neve, perguntava-se como poderia descobrir se Julianne seria aluna de Gabriel quando aquele caso começara.

Capítulo Dez

No Dia de Natal, bem cedo, Gabriel estava sentado na cama, de *boxers* e óculos, sem saber se havia de acordar Julianne. Podia ter regressado para a luz da sala da suite, onde vestira a pele de Pai Natal uma hora antes. Mas preferia estar perto dela, mesmo no escuro.

A conversa que tivera com Richard na véspera não lhe saía do pensamento. O seu pai adotivo interrogara-o a respeito de Paulina, e Gabriel falara tanto quanto se atrevera, enfatizando que Paulina pertencia ao seu passado e que Julia era o seu futuro. Richard, homem de bom coração, encorajou o filho a exigir a Paulina que fosse seguida por um psiquiatra, se queria continuar a beneficiar do apoio financeiro de Gabriel, sendo óbvio que ela precisava de ajuda.

Depois de Gabriel ter concordado, Richard mudou calmamente de assunto, perguntando ao filho se estava apaixonado por Julia. Gabriel respondeu afirmativamente, sem hesitar, pelo que Richard introduziu imediatamente na conversa a palavra *R, responsabilidade*.

— Eu assumo todas as responsabilidades.

— A Julia ainda está a estudar. E se fica grávida?

A expressão de Gabriel endureceu.

— Isso não vai acontecer.

Richard sorriu.

— Também era o que eu pensava. Depois tivemos o Scott.

— Já demonstrei sobejamente que sei assumir as minhas responsabilidades — contrapôs Gabriel, num tom glacial.

O pai recostou-se na sua cadeira e uniu as mãos, refletindo.

— Sob vários aspetos, a Julia é como a Grace, incluindo na sua prontidão em sacrificar-se por aqueles que ama.

— Não permitirei que ela sacrifique os seus sonhos por mim. Tens a minha palavra.

Os olhos de Richard tremeluziram ao pousarem na fotografia de Grace que tinha sobre a secretária, uma mulher sorridente de olhos meigos.

— Como reagiu ela à visita da Paulina?

— Ainda não falámos sobre isso.

— Se deixares a Julia, vais ter um problema sério com os teus irmãos, e também comigo.

As sobrançelhas de Gabriel uniram-se como nuvens de tempestade.

— Nunca seria capaz de a deixar. Não consigo viver sem ela.

— Então, porque não lhe dizes isso?

— Porque só estamos juntos há duas semanas.

Richard arqueou as sobrançelhas, surpreso, mas resolveu não interrogar o filho quanto à ambiguidade da expressão “estarem juntos”.

— Sabes o que penso sobre o assunto. Devias casar com ela. De momento, a situação é ambígua; as tuas ações indicam que a Julia é uma mera parceira numa aventura sexual, quando, afinal, as tuas intenções são sérias.

Gabriel irritou-se com aquela caracterização.

— A Julianne não é minha amante.

— No entanto, não estás a assumir um compromisso.

— Estou comprometido com ela. Não existe mais ninguém.

— Mas a Paulina aparece, à tua procura, e dá um espetáculo à frente da Julia e da tua família.

— Não está nas minhas mãos evitar este tipo de situação.

— Não está? — Richard franziu os lábios. — Tenho alguma dificuldade em acreditar que uma mulher inteligente como a Paulina aparecesse aqui, sem mais nem menos, se não tivesse alguma esperança de que os seus avanços fossem bem recebidos.

Gabriel fez um olhar furioso, mas não se deu ao trabalho de argumentar.

— Porque não fazes promessas à Julia? Tenho a certeza que ela deve estar ansiosa em relação ao que lhe reserva o futuro. O casamento é um sacramento que existe, em parte, para proteger as mulheres da exploração sexual. Se não ofereceres à Julia essa proteção, ela pouco mais é do que tua amante, o que quer que lhe chames. E ela já viu o que aconteceu, o que está a acontecer, à Paulina.

— Não é o que vai acontecer à Julianne.

— Como há de ela saber isso? — Richard tamborilou na secretária. — O casamento é mais do que um simples papel. É um mistério. Com efeito, há um *Midrash* que sugere que o casamento é feito no Céu para unir almas gémeas. Não queres ficar com a Julia para sempre?

— O que quero é imaterial. Não vou pressioná-la para tomar uma decisão tão importante a meio do ano letivo — resmungou Gabriel, esfregando os olhos. — É demasiado cedo.

— Reza para não esperares até ser tarde de mais — contrapôs Richard, olhando tristemente para a fotografia de Grace.

Tais eram as palavras que ressoavam nos ouvidos de Gabriel, enquanto olhava para a sua alma gémea adormecida, na manhã do Dia de Natal.

Como se tivesse ouvido os seus pensamentos, Julia remexeu-se, uma estranha ansiedade pairando sobre ela. Passados instantes, rolou para junto dele, a sua mão pousando-lhe na anca.

Na penumbra do quarto, Gabriel parecia uma gárgula, uma figura cinzenta e imóvel que a observava através dos seus óculos num silêncio de pedra. Julia precisou de um segundo para o reconhecer.

— Que estás a fazer?

— Nada. Dorme.

A cara de Julia enrugou-se, perplexa.

— Mas estás sentado no escuro, meio despido.

Gabriel sorriu-lhe, hesitando.

— Estou à espera que acordes.

— Porquê?

— Para abrimos os presentes. Mas é muito cedo. Dorme mais um pouco.

Julia deslizou para junto dele, procurando a sua mão e agarrando-a. Beijou-lhe a mão e pousou-a sobre o coração.

Sorrindo, Gabriel encostou-lhe a palma da mão ao peito para sentir o seu coração bater. A sua expressão tornou-se séria.

— Desculpa-me por ontem à noite. — Pigarreou. — Não quero que penses que sexo é tudo o que eu quero. Não é.

O sorriso de Julia esvaneceu-se.

— Eu sei.

Os dedos de Gabriel acariciaram-lhe as sobrancelhas.

— É claro que te desejo. É-me difícil não te tocar, não querer estar contigo dessa forma. — Tocou-lhe a face, hesitando. — Mas amo-te, e quero que estejas comigo por queres estar. Não porque te sintas obrigada.

Julia reclinou a cabeça sobre a mão dele.

— Não me sinto obrigada. Foram tantas as vezes em que podias ter-me pressionado, como naquela noite, no teu antigo quarto, quando eu... despi a camisola. Mas foste paciente. E na nossa primeira vez, foste maravilhoso. Tenho muita sorte em ter-te como amante.

Sorriu-lhe, sonolenta.

— Porque não vens para aqui? Acho que ainda precisamos os dois de descansar.

Gabriel deslizou para debaixo do lençol e aninhou-se junto da sua amada. Quando a respiração regular de Julia lhe indicou que ela voltara a cair no sono, Gabriel murmurou-lhe algumas promessas em italiano.

Quando acordou, Julia foi mimada com um pequeno-almoço na cama, e depois foi importunada até aceitar levantar-se para seguir Gabriel até à sala. Ele estava tão entusiasmado que só lhe faltava saltar.

(De um modo muito digno e consentâneo com o seu título de professor, é claro, embora estivesse de tronco nu.)

Uma árvore de Natal pequena, como a de Charlie Brown, fora convenientemente “requisitada” do átrio do hotel e colocada no centro da sala. Sob os seus ramos encontravam-se vários presentes embrulhados em papel de cores vivas. Duas grandes meias vermelhas, com os nomes “Julianne” e “Gabriel” bordados, encontravam-se penduradas uma em cada lado do sofá.

— Feliz Natal — disse Gabriel, beijando-a na testa, muito orgulhoso de si próprio.

— Nunca tinha tido um sapatinho.

Gabriel conduziu-a até ao sofá e pôs-lhe a meia no colo. Estava cheia de doces e de cuecas com motivos natalícios. E no dedo grande encontrava-se uma *pen* com o filme de um certo tango contra a parede, no Royal Ontario Museum.

— Porque é que nunca tiveste um sapatinho com presentes?

— A Sharon nem sempre se lembrava do Natal e o meu pai não pensava nisso. — Julia encolheu os ombros.

Gabriel abanou a cabeça. Ele também só começara a ter presentes no sapatinho quando fora viver com os Clark.

Julia apontou para dois presentes embrulhados num papel axadrezado verde e vermelho, sobre a mesa de café.

— Porque não abres os teus presentes primeiro?

Radiante, Gabriel sentou-se no chão, de pernas cruzadas, junto à árvore. Pegou numa pequena caixa e rasgou o papel apressadamente.

Julia riu-se, vendo o professor de ar respeitável sentado no chão, de óculos e roupa interior, a atacar os seus presentes como um miúdo de quatro anos.

Gabriel abriu a caixa e ficou muito surpreso com o que encontrou lá dentro. Sobre o fundo de seda creme, encontrava-se um par de botões de punho de prata. Mas não eram botões de punho vulgares: tinham o escudo da cidade de Florença gravado. Gabriel olhou-os, incrédulo.

— Gostas? — perguntou Julia.

— Adoro-os, Julianne. Só estou surpreso. Como foi que...?

— Enquanto estavas numa das tuas reuniões, fui até à Ponte Vecchio e comprei-os. Achei que ficariam bem com as tuas camisas elegantes. — Baixou os olhos. — Comprei-os com o dinheiro da minha bolsa. Por isso, na verdade, tu é que os compraste.

Gabriel pôs-se de joelhos e arrastou-se até junto dela.

— Esse dinheiro é teu. Mereceste-o. E os botões de punho são perfeitos. Obrigado.

Julia sorriu, vendo-o ajoelhado à sua frente.

— Tens outro presente.

Gabriel sorriu de orelha a orelha ao pegar num segundo presente, que era pequeno e espalhado. Sob o papel de embrulho, encontrou uma reprodução emoldurada de vinte centímetros por vinte e cinco do quadro *Os Amantes ao Luar*, de Marc Chagall.

No cartão que acompanhava a imagem, Julia escrevera algumas palavras doces, declarando o seu amor e a sua gratidão por se terem reencontrado. E acrescentava um presente mais importante.

**Gostava de posar para as tuas fotografias.
Com todo o meu amor,
Julia**

Gabriel estava sem palavras. Olhou-a nos olhos, com uma expressão inquiridora.

— Acho que estás na altura de teres fotografias nossas penduradas nas paredes do teu quarto. E gostava de fazer isso por ti. Se não te importares.

Gabriel sentou-se junto dela no sofá e beijou-a apaixonadamente.

— Obrigado. O quadro é muito bonito, mas tu és muito mais. — Fez um sorriso rasgado. — O teu gosto por Chagall vai servir-nos de inspiração. Mas acho que teremos de praticar as poses primeiro.

Moveu as sobrancelhas sugestivamente, depois beijou-a nos lábios.

— Tu és o melhor presente de todos — murmurou. Sentiu os lábios dela sorrindo sob a sua boca, e foi buscar outro dos presentes que estavam debaixo da árvore.

Julia recompensou-o com uns olhos brilhantes de expectativa. Ao abrir a pequena caixa, encontrou um CD que Gabriel gravara para ela, intitulado *Amar Julianne*.

— É a coletânea que ouvimos em Florença — explicou ele.

— Obrigada. Ia mesmo pedir-te uma cópia. Estas canções hão de trazer-me memórias felizes.

No fundo do guarda-joias, Julia encontrou vários vales de oferta para diferentes tratamentos de *spa* no Windsor Arms Hotel, em Toronto, alguns dos quais com nomes exóticos como “duche Vichy” e “tratamento de sal e algas marinhas”.

Julia agradeceu-lhe, lendo os títulos em voz alta, até chegar ao último cartão.

Foram tomadas providências para seres assistida por um cirurgião plástico em Toronto assim que regressarmos. Com base na informação que lhe transmiti, ele acredita que a tua cicatriz poderá ser completamente removida. Podes pôr esse problema para trás das costas.

Gabriel

Sorrindo em jeito de desculpa, Gabriel tirou o cartão de entre os dedos tensos de Julia.

— Não devia ter posto isto na caixa. Desculpa.

Julia segurou a mão dele.

— Obrigada. Pensei que teria de esperar. Mas este é o melhor presente que me poderias dar.

Gabriel respirou fundo e beijou-lhe a cabeça.

— Tu mereces — declarou, com os olhos brilhantes.

Julia esboçou um pequeno sorriso e espreitou por sobre o ombro dele para uma grande caixa que ainda se encontrava debaixo da árvore de Natal.

— Está ali mais um presente. É para mim?

Gabriel anuiu.

— Posso abri-lo?

— Preferia que esperasses.

Julia enrugou a testa.

— Porquê? Queres que o leve para casa do teu pai? Que o abra à frente da tua família?

— Valha-me Deus, não!

Gabriel passou as mãos pelo cabelo e sorriu a medo.

— Desculpa. É que é um pouco... eh... *pessoal*. Não te importas de esperar e de o abrir esta noite? Por favor?

Julia olhou para o embrulho, intrigada.

— A avaliar pelo tamanho da caixa, não é um gatinho.

— Não, não é. Mas se quiseres um animal de estimação, eu compro-te um. — Gabriel lançou um olhar desconfiado à caixa aberta que se encontrava junto à porta.

— Que presente é que o Paul te enviou?

Julia encolheu os ombros, como se não soubesse que a pergunta havia de surgir.

— Um frasco de xarope de ácer, que dei ao meu pai, e uns brinquedos.

— Brinquedos? Que tipo de brinquedos?

Julia mostrou-se indignada.

— Brinquedos de criança, obviamente.

— Não te deu já um coelho de peluche, há uns meses? Acho que ele tem um fetiche por coelhos.

Fornicador-de-Anjos.

— Gabriel, tu tens um fetiche por sapatos de salto alto. Tão bom é um como o outro.

— Nunca neguei a minha *apreciação estética* por calçado de senhora. Afinal, são obras de arte — disse, pomposamente. — Especialmente quando é uma mulher tão encantadora como tu a usá-los.

Julia não conseguiu impedir-se de sorrir.

— Ofereceu-me uma vaca Holstein de peluche, e um par de figuras, Dante e Beatriz.

Uma expressão de profunda perplexidade desenhou-se no rosto de Gabriel.

— Figuras? — A sua boca rasgou-se num sorriso provocador. — Queres dizer *figuras de ação*?

— Figuras de ação, bonecos, o que quiseres.

— São adequados, do ponto de vista anatómico?

— Quem está a ser infantil agora?

Gabriel passou um dedo pela face de Julia.

— Estava só a perguntar-me a que tipo de *ação* se poderiam prestar... em privado, é claro.

— Dante havia de dar voltas na sepultura.

— Podíamos encenar esse acontecimento enterrando a figura que o Paul te ofereceu no pátio das traseiras. Mas gostava de ficar com a Beatriz.

— És incorrigível. — Julia não pôde deixar de rir. — Obrigada pelos meus presentes. E obrigada por me teres levado a Itália, que foi o melhor presente de todos.

— Não tens de quê. — Segurando a cara dela entre as suas mãos, Gabriel olhou-a por um momento, antes de a beijar.

O que começou como um beijo tímido nos lábios depressa se tornou uma troca intensa, com mãos ansiosas que se tocavam febrilmente. Julia, em bicos de pés, acariciava o peito nu de Gabriel, até que ele gemeu de frustração e se afastou. Tirou os óculos e esfregou os olhos.

— Preferia continuar o que estávamos a fazer, mas o Richard quer que vamos juntos à igreja.

— Boa ideia.

Gabriel voltou a pôr os óculos.

— Uma boa rapariga católica como tu não preferia ir à missa?

— É o mesmo Deus. Não é a primeira vez que acompanho a tua família à igreja. — Julia observou-o. — Não queres ir?

— Não é lugar para mim.

— Porque não?

— Há anos que não vou lá. Vão... julgar-me.

Julia olhou-o com uma expressão séria.

— Somos todos pecadores. Se só os não-pecadores lá fossem, as igrejas estariam desertas. E duvido muito que as pessoas da igreja do Richard te julguem. Os episcopalianos costumam ser muito acolhedores.

Deu-lhe um beijo rápido na cara e foi para o quarto preparar a sua roupa. Gabriel seguiu-a e deixou-se cair em cima da cama, vendo-a percorrer os cabides no roupeiro.

— Porque é que ainda acreditas em Deus? Não estás zangada com Ele por causa de todas as coisas más que te aconteceram?

Julia interrompeu o que estava a fazer para o fitar. Gabriel parecia muito infeliz.

— As coisas más acontecem a toda a gente. Porque havia a minha vida de ser diferente?

— Porque és uma boa pessoa.

Julia olhou para as suas mãos.

— O universo não se baseia em magia. Não há um conjunto de circunstâncias para os bons e outro para os maus. Todos sofremos, em algum momento. A questão é o que cada um faz com o seu sofrimento, não achas?

Gabriel fitava-a impassivelmente.

Julia prosseguiu.

— Talvez o mundo fosse muito pior se Deus não existisse.

Gabriel praguejou baixinho, mas não argumentou.

Julia sentou-se ao lado dele, na cama.

— Já leste *Os Irmãos Karamazov*?

— É um dos meus livros favoritos.

— Então, lembras-te da conversa entre Alyosha, o padre, e o seu irmão Ivan.

Gabriel riu-se, mas não de um modo indelicado.

— Suponho que eu seja o pensador livre rebelde e tu, o rapaz religioso...

Julia ignorou-o.

— Ivan apresenta a Alyosha uma lista de razões que o levam a pensar que Deus ou não existe ou, se existe, só pode ser um monstro. É uma discussão profunda, e passei muito tempo a pensar sobre ela.

»Mas lembra-te de como acaba a discussão. Ivan diz que rejeita a criação de Deus, este mundo, e todavia há um aspeto do mundo que ele considerava surpreendentemente belo: as pequenas folhas das árvores na primavera. É algo que aprecia muito, embora odeie o resto do mundo.

»As pequenas folhas não são a fé ou a salvação, mas um resquício de esperança. Impedem-no de desesperar, demonstrando que, apesar de todo o mal que testemunhou, resta pelo menos uma coisa boa e bela.

Moveu-se ligeiramente, para ver melhor a expressão de Gabriel, e depois, num gesto muito terno, pôs-lhe uma mão de cada lado da cara.

— Quais são as tuas pequenas folhas?

A pergunta apanhou-o de surpresa. De tal forma que ele se limitou a olhar para a bonita mulher morena que tinha à sua frente. Eram momentos como aquele que o lembravam da razão por que, no início, Julianne lhe parecera um anjo. A compaixão de que ela era capaz era algo de raro nos seres humanos. Pelo menos, a avaliar pela experiência de Gabriel.

— Não sei. Nunca tinha pensado nisso.

— As minhas folhas são a Grace. E tu. — Sorriu-lhe timidamente. — E antes foram as pessoas do Exército de Salvação em St. Louis, que me ajudaram quando a minha mãe me tratou mal. Deram-me uma razão para acreditar.

— Então, e o sofrimento dos inocentes? Das crianças? — A voz de Gabriel pouco mais era do que um sussurro. — E os bebês?

— Não sei porque morrem bebês. Quem me dera que não fosse assim. — Julia tinha uma expressão séria. — Mas que se passa com o resto de nós, Gabriel? Porque permitimos que as pessoas maltratem os seus filhos? Porque não defendemos os doentes e os fracos? Porque deixamos que venham soldados buscar os nossos vizinhos e os obriguem a usar uma estrela amarela ao peito e os enfiem em vagões de comboio? Deus não é mau; nós é que somos.

»Toda a gente quer saber de onde vem o mal e porque persiste no mundo. Porque é que ninguém se pergunta de onde vem a bondade? Os seres humanos têm uma capacidade imensa para a crueldade. Como é que, ainda assim, pode existir bondade? Porque é que há pessoas tão boas como o Richard e a Grace? Porque existe um Deus, e Ele não permitiu que a Terra fosse inteiramente corrompida. Há pequenas folhas, se as procurarmos. E quando as reconhecemos, sentimos a Sua presença.

Gabriel fechou os olhos, bebendo as palavras e o toque de Julia, sabendo, no fundo, que ela dissera uma verdade profunda.

Por mais que tivesse tentado, nunca conseguira deixar de acreditar: mesmo nos seus momentos mais negros, a luz não se apagara por completo. Tivera a mão de Grace para o guiar e, providencialmente, quando ela morrera, reencontrara a sua Beatriz, que lhe mostrara o resto do caminho.

Beijou-a castamente, e quando Julia o deixou para ir tomar duche, Gabriel ficou a pensar em como ela era brilhante. Era muito mais inteligente do que ele, com um intelecto marcado por uma verdadeira originalidade criativa que ele só podia ambicionar. Apesar de tudo o que lhe acontecera, Julia não perdera a fé, nem a esperança, nem a caridade.

Não é minha igual; é melhor do que eu.

É a minha pequena folha da primavera.

Uma hora mais tarde, Julia e Gabriel chegaram à Igreja Episcopal de Todos os Santos. Gabriel trazia um fato preto e uma camisa branca, exibindo orgulhosamente os botões de punho que recebera de presente. Julia usava um vestido cor de ameixa que lhe dava pelo joelho, e umas botas de cano alto que Gabriel lhe comprara em Florença.

Um mar de estranheza. Era assim que Gabriel teria descrito a atmosfera da igreja, quando se sentou com Julianne no banco já ocupado pela sua família.

Sentiu-se grato pela liturgia, pela ordem, e pelo modo como a Escritura e a música foram usados na celebração. Deu por si a contemplar a sua vida e os passos que o tinham levado até à bela mulher que lhe segurava a mão.

O Natal era uma celebração do nascimento — de um nascimento em particular. Via bebés e crianças em todo o seu redor: o presépio na frente da igreja, as imagens e os vitrais, e a pele reluzente da mulher grávida do outro lado da nave.

Por um breve instante, Gabriel apercebeu-se de que estava arrependido da sua esterilização, não apenas por si e pelo facto de já não poder ser pai, mas também por Julianne. Imaginou-se deitado na cama com uma Julia muito grávida, pousando a mão no seu ventre para sentir o bebé dar pontapés. Imaginou-se com o filho de ambos nos braços, um rapaz, espantado com a sua cabeleira escura.

Sobressaltou-se ao ver até onde a imaginação o levava. Era uma fantasia que marcava uma mudança de carácter e de prioridades, uma rutura com a culpa e o egoísmo que tinham marcado a sua vida até reencontrar a sua Beatriz. Uma mudança no sentido de um compromisso perante uma mulher com quem queria criar uma família, com quem queria ter uma criança. O seu amor por Julia mudara-o de múltiplas formas. E só se apercebeu de

quão dramáticas eram essas mudanças ao olhar para aquela grávida desconhecida com uma espécie de inveja melancólica.

Tais eram os pensamentos que lhe ocupavam a mente enquanto segurava a mão de Julianne. Até que chegou o momento de participar na Eucaristia, e Gabriel foi o único da família que não se levantou para caminhar pela nave central até ao altar.

Havia algo de reconfortante na igreja, pensava Gabriel. Embora considerasse a experiência, no seu todo, e especialmente a homilia, condenatória. Desperdiçara uma boa parte da sua vida — anos que nunca poderia recuperar.

Não dissera a Grace o que gostaria de lhe ter dito antes da sua morte. Não tratara Paulina nem Julianne com a dignidade que elas mereciam. Não tratara nenhuma das mulheres com quem estivera envolvido com respeito.

Ao pensar em Paulina, Gabriel desviou o olhar da bela morena com vestido cor de ameixa e baixou a cabeça, rezando, quase inconscientemente. Pedia para ser perdoado, e também guiado. Sabia como era ténue a fronteira entre assumir a responsabilidade pelos erros do passado e contribuir para a dependência de Paulina. Rezou para que ela encontrasse alguém que a amasse e que a ajudasse a libertar-se do passado.

Gabriel estava tão absorto nas suas orações que nem reparou quando o pai e os irmãos passaram por ele para voltarem aos seus lugares, e nem viu Julianne sentar-se ao seu lado, uma presença reconfortante, pousando a mão quente no seu braço. E não se apercebeu do momento, mesmo antes da bênção, em que o pai chorou em silêncio, sacudido por soluços, e em que Rachel o abraçou, encostando-lhe a cabeça loura ao ombro.

O Reino dos Céus é como uma família, pensou Julia, vendo como Rachel e Scott abraçavam o pai. Onde o amor e o perdão tomam o lugar das lágrimas e do sofrimento.